

MOBILIZA AÊ!

**JOVENS CONTRA A EXPLORAÇÃO SEXUAL
DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**



APOIO:



REALIZAÇÃO:



MOBILIZA AÊ!

**JOVENS CONTRA A EXPLORAÇÃO SEXUAL
DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

APOIO:



REALIZAÇÃO:



2016_ **INSTITUTO PROMUNDO**

Rua da Lapa, 161
Lapa – Centro – Rio de Janeiro, RJ
CEP: 20021 -180
www.promundo.org.br
promundo@promundo.org.br

DIRETOR INTERNACIONAL

Gary Barker

DIRETORA EXECUTIVA

Tatiana Moura

**COORDENAÇÃO DAS OFICINAS DE
ELABORAÇÃO DO GUIA**

Danielle Lopes
Mohara Valle

REDAÇÃO E REVISÃO

Danielle Lopes

REVISÃO DE CONTEÚDO

Vanessa Fonseca

**PLAN INTERNATIONAL BRASIL –
PROJETO TURISMO E PROTEÇÃO À
INFÂNCIA**

Marta Machado

Coordenadora

Glauce Barbosa

Assistente técnica

July Lima

Assistente técnica

Maiara Ribeiro

Assistente técnica

Flávio Debique

*Gerente técnico de Proteção Infantil
e Incidência Política*

PROJETO GRÁFICO

Mórula Oficina de Ideias

ILUSTRAÇÕES

Liliana Ostrowsky

JOVENS MOBILIZADORES

Ipojuca – PE

Adriane Maria dos Santos
Antony Guilherme Albuquerque
Cris Roberta Silva
Crislane Francisca
Crislayne Ohana da S. Pereira
Emmanuelly Zaine da Silva Dias
Gabriel dos Santos Ximende

João Paulo Lima da Silva
Lucas Mario da Silva
Michael José de Souza
Raísa Kássia da Conceição
Steffany Mayara Batista
Tarcila Thuane da Silva Lima

Tamandaré– PE

Akyla Vitória Bezerra dos Santos
Débora Rute Ferreira de Moura
Evellyn Rayssa da Silva Sales
Everton Ramos da Silva
Gillyane Vitória de S. Queiroz
Islaene Thaís Silva de Oliveira
Jennyffer Jessy da S. dos Santos
Jéssica Aline Silva das Chagas
José Edson dos Santos Filho
Lucas Roberto Oliveira da Silva
Raiane Soares da Silva
Samuel Silva dos Santos
Thaís Maria da Silva
Thiago André da Silva Costa
Vanessa Karina de Lima Barbosa

Tibau do Sul - RN

Alicia Teixeira da Silva
Ana Lígia Teixeira da Cruz
Beatriz Dias Gomes de Queiroz
Camila da Costa Silva
Cléiton da Cruz dos Santos
Djanira da Silva Ferreira
Emilly Cristina de Lima Gomes
Ingrid Carlos Teixeira
Isabelly da Cruz dos Santos
Jacileide Silva Cruz
Janiele do Nascimento Silva
Jéssica Silva do Nascimento
João Batista Rocha Marinho
João Carlos Gomes da Silva
João Marcos Fagundes de Barros
Josualdo Gomes da Silva
Laura Cândido Fernandes
Laura Julia da Silva
Lucas Santana de Lima
Luiz Henrique Farias Martins
Maria Isabel Barbosa Freire
Maria Lucenilda Freire dos Santos
Mikaelly da Costa Euflauzino
Natalina da Silva Miguel
Rayane Ferreira de Lima
Thailane Ferreira de Lima
Thaísa do Nascimento Silva
Tiago de Assunção Cruz
Vitória da Rocha Marinho
Vitória da Silva Teixeira Ribeiro
Yasmin M. Barros de Albuquerque

SOBRE O PROJETO TURISMO E PROTEÇÃO À INFÂNCIA

O projeto Turismo e Proteção à Infância desenvolve, desde 2015, ações de prevenção ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes em três municípios: Ipojuca e Tamandaré, no litoral sul de Pernambuco, e em Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte. É o resultado da aliança estratégica entre a Plan International (Brasil e Holanda) e parceiros a nível internacional e local, comprometidos com a promoção e defesa dos direitos, sobretudo, os direitos de crianças e adolescentes.

As ações de sensibilização e intervenções são realizadas simultaneamente na Holanda, onde os turistas que se destinam ao Brasil são alertados sobre a legislação brasileira e as consequências de quem pratica crime dessa natureza. Além disso, são estimulados a serem colaboradores no enfrentamento desse crime.

O projeto busca estabelecer as condições necessárias para a prevenção ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes, de modo a contribuir para a implementação e o fortalecimento das políticas públicas e a garantia dos direitos das crianças e adolescentes, em áreas turísticas do Nordeste do Brasil. Envolve diferentes atores e setores pela proteção das crianças e adolescentes, quer sejam as famílias, as comunidades, as escolas, o poder público, o sistema de garantia de direitos, quer sejam as empresas que operam no setor turístico. As ações foram articuladas em rede para o alcance dos resultados e impactos significativos na prevenção ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes.

Diante da complexidade do tema, o projeto Turismo e Proteção à Infância assumiu como estratégia envolver diversos segmentos e setores da sociedade, por meio de três linhas de atuação:

- **Mobilização Comunitária:** Formação continuada de adolescentes, com idade entre 14 a 17 anos, como mobilizadores e multiplicadores de informações em suas escolas e comunidades. O objetivo principal dessa linha é sensibilizar crianças, adolescentes e suas famílias, por meio da atuação de jovens multiplicadores para que estejam empoderadas/os, fortalecidas/os e capazes de reconhecer e tomar atitudes em relação ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes.
- **Fortalecimento do Sistema de Garantia de Direitos:** Oficinas de formação para profissionais que atuam na promoção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes. Essa ação visou fortalecer e ampliar as habilidades desses profissionais e das instituições do Sistema de Garantia de Direitos, para que tenham condições de enfrentar efetivamente a problemática, especialmente no que se refere à notificação, ao atendimento e à responsabilização.
- **Sensibilização da Cadeia Produtiva:** Sensibilizar os profissionais formais, informais e atores-chave que operam nos estabelecimentos comerciais ou prestam serviços à cadeia produtiva do turismo, na perspectiva que adotem condutas protetivas contra a exploração sexual no contexto do turismo.

SOBRE A PLAN

A Plan International é uma organização não governamental de origem inglesa ativa há 76 anos e presente em 69 países. No Brasil desde 1997, a Plan International Brasil possui, hoje, mais de 20 projetos que atendem, aproximadamente, 75 mil crianças e adolescentes. Sem qualquer vinculação política ou religiosa e sem fins lucrativos, está voltada para a defesa dos direitos da infância, conforme expressos na Convenção dos Direitos da Criança, da Organização das Nações Unidas. Assim sendo, a organização trabalha em prol da proteção e contra a violência e abusos de todo tipo, contra a pobreza, a desigualdade e a degradação do meio ambiente e por uma boa alimentação, saúde e educação. A Plan parte do princípio de que assegurar o direito de crianças e adolescentes é um dever e não uma escolha. Para isso, capacita as comunidades a fazer valer esses direitos.

www.plan.org.br

SOBRE O INSTITUTO PROMUNDO

O Promundo é uma organização não governamental que atua em diversos países do mundo buscando promover a igualdade de gênero e a prevenção da violência com foco no envolvimento de homens e mulheres na transformação de masculinidades.

Nossas pesquisas, programas e ações para influenciar políticas públicas (advocacy) mostram que a promoção de noções positivas sobre o que significa ser homem ou mulher proporciona melhorias para suas vidas. Nossas ações buscam gerar transformações em diversos níveis, tais como intervenções em grupos com homens e mulheres, campanhas, metodologias educativas e diálogo com instituições e governos para influenciar políticas e ampliar programas que proporcionem mudanças sociais.

Desde sua fundação no Brasil em 1997, o Promundo ampliou sua atuação para diversos países do mundo para contribuir com o avanço da equidade de gênero. Atualmente, já adaptamos nossas metodologias em mais de 22 países.

www.promundo.org.br

Este documento poderá ser reproduzido no total ou em parte sem a autorização do Promundo, desde que haja citação completa da fonte e a reprodução não tenha fins comerciais.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 7

Como o guia está organizado	8
Ser Jovem Mobilizador	11
Dicas para facilitar oficinas	12
Iniciando os trabalhos	18

GÊNERO 23

SEXUALIDADE 45

RAÇA E ETNIA 79

PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIAS 97

MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA 161

PARA SABER MAIS 181

Como surgiu
o guia
Mobiliza aê?



INTRODUÇÃO

O guia está relacionado ao projeto Turismo e Proteção à Infância¹, implementado pela Plan International Brasil, nas cidades de Tibau do Sul (RN), Ipojuca e Tamandaré (PE), com o objetivo de contribuir para o enfrentamento do abuso e da exploração sexual de crianças e adolescentes.

Um dos eixos do projeto desenvolveu ações de capacitação de **Jovens Mobilizadores**, adolescentes entre 14 e 18 anos, para atuarem junto a outras/os jovens disseminando informações sobre a prevenção do abuso e da exploração sexual de crianças e adolescentes.

E para que serve esse guia?

A ideia é apoiar as/os Jovens Mobilizadores na continuidade de ações de prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes, mesmo após o fim do projeto. Por isso, as/os jovens foram reunidas/os em oficinas participativas para pensar e decidir sobre o guia. Em três encontros, elas e eles puderam definir as seções, conhecer as atividades e revisar os textos.

O guia traz atividades que estão ligadas aos temas que as/os jovens acham importante discutir. Essas atividades vêm, principalmente, dos manuais dos Programas H e M², mas foram reescritas em alguns trechos de acordo com as sugestões dos grupos de Jovens Mobilizadores. Tudo está explicado em muitos detalhes para ser o mais útil possível. Um guia mesmo para orientar e estar sempre junto na mobilização.

-
1. Mais informações sobre o projeto estão disponíveis em <https://plan.org.br/turismo-e-protecao-infancia> e no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=TdedmJOynEY>. Você pode saber mais sobre o projeto na página 3 do Guia.
 2. Voltado a homens jovens, o Programa H incentiva a reflexão sobre normas rígidas associadas à masculinidade e promove a transformação de atitudes relacionadas a gênero que produzem desigualdades e violências. Está disponível em <http://promundo.org.br/recursos/manual-h-trabalhando-com-homens-jovens/>. Já o Programa M é voltado a mulheres jovens e tem foco nos papéis equitativos de gênero, no empoderamento nos relacionamentos pessoais, na saúde e direitos sexuais e reprodutivos. Disponível em <http://promundo.org.br/recursos/manual-m/>.

COMO O GUIA ESTÁ ORGANIZADO

*Nós vamos
apresentar o guia
para vocês!*



*Oi, sou Alice,
uma menina
cisgênero³
de 15 anos.*



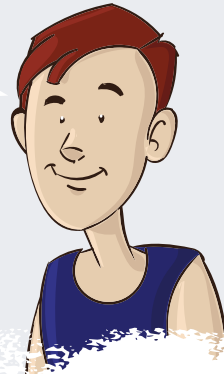
O guia está dividido em cinco seções com temas que têm tudo a ver um com o outro: **Gênero; Sexualidade; Raça e etnia; Prevenção de violências e Mobilização comunitária**. Discutir cada um desses temas é importante pra gente pensar a prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes.

*Olá! Eu sou
a Rafaela,
uma menina
transgênero,
de 17 anos.*



Dentro de cada seção, você vai encontrar um texto sobre aquele tema e atividades educativas para serem desenvolvidas com outras/outras jovens. As atividades são apresentadas da mesma forma para facilitar sua consulta.

*Oi pra todo
mundo!
Sou
o Rodrigo,
um menino
cisgênero,
de 14 anos.*



3. Na seção sobre Sexualidade explicamos tudo sobre identidade de gênero. É na página 48.

Olha como a gente explica cada atividade:



OBJETIVO: Descrição da informação e das reflexões e habilidades que serão trabalhadas na atividade. Ao menos que as instruções digam algo contrário, a/o Jovem Mobilizador/a deve compartilhar os objetivos da atividade com as/os participantes ao início de cada uma delas.



TEMPO RECOMENDADO: Duração recomendada para a realização da atividade. As atividades do guia são projetadas para sessões de 45 minutos a 2 horas. Dependendo do número de participantes e do desenrolar da discussão, o tempo para a realização de cada atividade pode variar. É importante trabalhar no ritmo das/os participantes, mas atividades com mais de duas horas de duração ficam mais cansativas e o grupo pode ficar disperso.



MATERIAIS NECESSÁRIOS: Os materiais necessários para a realização da atividade. Você pode substituir os materiais indicados por outros mais acessíveis. Se não tiver cartolinas, pode usar papel pardo, jornais ou quadro-negro.



NOTAS PARA PLANEJAMENTO: Informação de apoio e dicas para ajudar o/a facilitador/a a se preparar para a atividade, como pesquisas relacionadas ao tópico da atividade.



PASSO A PASSO: As etapas necessárias para a realização da atividade. Você deve estar atenta/o para avaliar se as etapas são apropriadas para as/os participantes. Se o grupo tiver dificuldade de leitura e o passo a passo indicar a leitura de um texto, o/a facilitador/a pode optar por ler o texto em voz alta. Também é legal incluir atividades de aquecimento e/ou relaxamento entre as atividades para ajudar na concentração do grupo.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

Sugestões de perguntas para ajudar a guiar a discussão sobre o tópico da atividade. Sinta-se livre para criar novas questões ou reformular as sugeridas de acordo com sua realidade. Você não precisa utilizar todas elas, nem seguir a ordem indicada. Elas funcionam com um “guia” para ajudar a conduzir a reflexão. Lembre-se que o importante é sempre colocar as pessoas pra conversar e levantar diferentes opiniões e pontos de vista.

Você não tem que responder a todas essas perguntas. Pra te ajudar na discussão sobre elas, se ligue principalmente nas notas para planejamento e no fechamento da atividade.



FECHAMENTO: Esse texto também é muito importante porque faz um resumo dos principais pontos ou mensagens da atividade. Você pode ler o texto em voz alta para o grupo ou dizê-lo com suas próprias palavras.

FOLHAS DE APOIO: Trazem informação complementar ou adicional sobre algumas atividades.



SER JOVEM MOBILIZADOR

Um dos significados de mobilizar é por em movimento – movimentar pessoas ou a si mesma/o para realizar uma ação, uma tarefa... Mas, para por alguém ou algo em movimento, precisamos nos mover também. É com base nesse recado que iniciamos esse guia. Para fazer um bom trabalho de misturar todo mundo para criar um movimento positivo pela comunidade e pelas/os outras/os jovens, a gente precisa, em primeiro lugar, *se mover: se conhecer, se preparar, se fortalecer, se gostar...*

Pensando nisso, perguntamos às/aos jovens mobilizadores que participaram das oficinas para elaboração do guia quais são as características para construir um movimento legal de mobilização, começando por nós mesmas/os. As respostas foram⁴:

- Em primeiro lugar, me conhecer
- Pensar sobre meu projeto de vida: o que eu quero? Quais os meus sonhos? O que podemos fazer para realizar esses objetivos de vida?
- Perder a timidez
- Treinar a fala, pesquisar palavras, gestos e movimentos
- Conversar e tirar todas as dúvidas
- Aprender os assuntos e as temáticas
- Aprender a ouvir e respeitar
- Buscar a união do grupo
- Ter responsabilidade

4. Essas definições sobre o ser “Jovem Mobilizador” foram levantadas durante a oficina realizada com as/os jovens de Ipojuca, Tamandaré e Tibau do Sul, nos dias 28 e 29 de fevereiro de 2016.

- Dividir o espaço de fala e participação
- Contribuir para que os/as jovens possam interagir mais
- Buscar conhecimento
- Ter o nosso direito garantido
- Cumprir com nossos deveres
- Reunir com outros grupos e colegas para ser multiplicador
- Me doar ao projeto e estar 100% presente nas reuniões e mobilizações.

Dessa lista, algumas coisas são mais fáceis, outras demoram mais um pouco. São, como se diz, um processo. É preciso ter autoconfiança, perder a timidez, aprender mais sobre os assuntos e pensar em pontos importantes para facilitar as oficinas e outras ações educativas.

DICAS PARA FACILITAR OFICINAS⁵



Um bom formato de trabalho em grupo são as oficinas, atividades voltadas para a troca e a construção coletiva de conhecimento. A pessoa que coordena essa construção é o/a facilitador/a. Facilitar oficinas é dinamizar uma discussão, promover um processo em que aprendemos todos/as juntas/os. Não é ensinar, dar respostas definitivas ou apresentar verdades absolutas. Ninguém sabe todas as respostas, nem o/a facilitador/a... Para contribuir para esse trabalho, fique ligada/o nessas dicas:

5. Esta seção foi adaptada do Manual “Envolvendo Rapazes e Homens nas Transformações das Relações de Gênero: Manual de Atividades Educativas”. Projecto Acquire/ EngenderHealth e Promundo, 2008. Outras dicas podem ser conferidas em: <http://promundo.org.br/recursos>.

ORGANIZE O ESPAÇO

Se não puder conhecer com antecedência a sala onde será realizada a formação, chegue um pouco mais cedo e tente criar um ambiente mais positivo: arrumar as cadeiras em círculo, aproveitar melhor a iluminação. Tente evitar arranjos do tipo sala de aula. Além disso, o espaço deve ser privado para fazer com que as/os participantes se sintam à vontade ao discutir tópicos sensíveis e opiniões próprias.

CONHEÇA SEU PÚBLICO

Se você não sabe quem serão as/os participantes da formação, tente descobrir mais sobre elas/es. Se estão ali voluntariamente, se já têm alguma ideia sobre o tema a ser discutido, entre outras informações.

O SEU PAPEL

O seu papel é criar um ambiente aberto e respeitoso no qual as/os participantes possam se sentir confortáveis para compartilhar e aprender a partir das próprias experiências. É importante que você seja simpática/o e que haja empatia entre você e o grupo. As atividades são elaboradas para desencadear um processo de reflexão e de aprendizagem participativa. Os temas são complexos e sensíveis. Há muitos grupos de participantes que se abrem e expressam seus sentimentos, enquanto outros simplesmente não querem falar. O fator chave nesse processo é você. Você deve abordar as atividades **sem crítica ou julgamento prévio das atitudes, linguagens ou comportamentos** das/os participantes.

Cabe a você prestar atenção ao nível de conforto das/os participantes e perceber quando um ou outro está precisando de atenção individual e, em alguns casos, ser encaminhado para profissionais ou aconselhamento.

REFLEXÃO SOBRE OS TEMAS

Antes de conduzir uma formação, é importante que você se sinta confortável para discutir questões relacionadas a gênero, sexualidade e violências, por exemplo, e que tenha passado por um certo nível de reflexão sobre suas próprias experiências e dificuldades relativas aos temas. Como facilitador/a, você irá se tornar um importante exemplo e fonte de informações e apoio para as/os participantes.

CONHEÇA A/O CO-FACILITADOR/A

Se estiver conduzindo a formação com outro/a facilitador/a, é importante que vocês se encontrem antes da formação para planejar o trabalho, a divisão das atividades, a relatoria, etc.

LEIA O GUIA

Leia todo o guia antes de começar a formação. Antes de realizar uma atividade, leia novamente a parte introdutória das seções e a própria atividade. Preste atenção, principalmente, nas notas para planejamento (que indicam os materiais que irá precisar) e também no fechamento (que faz um resumo das principais mensagens e considerações sobre o tema e o objetivo daquela discussão).

DESCUBRA SERVIÇOS DE APOIO DISPONÍVEIS

A participação em oficinas pode trazer às pessoas lembranças dolorosas de experiências que tenham vivido no passado. Lembre-se que esse trabalho em grupo não é uma terapia. Assim, os/as facilitadores/as devem identificar os serviços de apoio disponíveis e, se necessário, encaminhar participantes aos referidos serviços. As/os Jovens Mobilizadores também podem aproveitar as oficinas para ajudar a divulgar serviços existentes na comunidade ou na cidade em que vivem. Essa é uma boa forma de apoiar.

AJUDE AS/OS PARTICIPANTES A RELAXAR

Crie uma atmosfera relaxada na oficina. As atividades educativas lidam com questões sérias e muitas vezes dolorosas. É importante que, desde o início, você se esforce por criar uma atmosfera de relaxamento na formação. Isso envolve: colocar as cadeiras em círculo; tirar as mesas da sala; pendurar quadros e figuras nas paredes, oferecer lanche nos intervalos da manhã e da tarde. Pense numa maneira de criar esse ambiente confortável onde as/os participantes se sintam relaxadas/os.

AJUDE AS/OS PARTICIPANTES A APRENDER

Em geral, as pessoas respondem positivamente a atividades participativas que são divertidas e educativas. Por exemplo, atividades de encenação/teatro podem permitir que elas/eles explorem problemas em rela-

ção aos quais podem não se sentir confortáveis se discutidos em outros contextos. A encenação de situações também ajuda a praticar diferentes habilidades, como negociação, recusa, tomada de decisões. Uma alternativa à encenação é usar debates nos quais as/os participantes terão de argumentar e defender pontos de vista que não levariam em consideração em outras situações.

PREPARE-SE PARA A AVALIAÇÃO

A avaliação é um elemento importante em um evento ou formação. No planejamento da oficina, é muito útil organizar alguma ferramenta, mesmo que simples, para realizar a avaliação da atividade e poder saber o que funcionou bem e o que precisa melhorar na próxima.

TORNANDO-SE UM/A FACILITADOR/A MELHOR

Não é difícil criar um bom ambiente de aprendizagem e não é necessário ser um especialista para isso. Mas é importante esforçar-se para se tornar um/a facilitador/a cada vez melhor, desenvolvendo atitudes e habilidades necessárias para desempenhar esse trabalho.

É importante que facilitadores/as desenvolvam habilidades de:

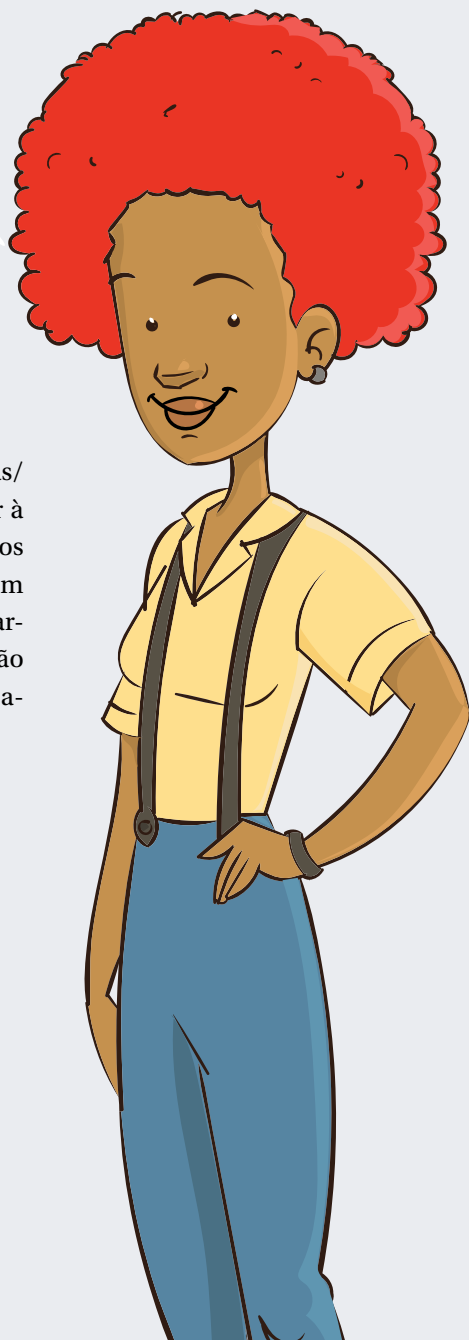
- **OUVIR DE FORMA ATIVA** – Ouvir ativamente significa ajudar as pessoas a sentirem-se ouvidas e compreendidas. Essa escuta ajuda as pessoas a compartilharem suas experiências, pensamentos e sentimentos mais abertamente. É uma forma de mostrar às/aos participantes que as suas ideias têm valor e que é importante encontrar soluções para esses problemas.
- **APRENDENDO A NÃO JULGAR** – Lembre-se que as informações devem ser apresentadas de forma neutra, não autoritária e livre de julgamentos. O/a facilitador/a nunca deve impor seus sentimentos às/aos participantes.
- **FAZER BOAS PERGUNTAS** – Boa perguntas ajudam o/a facilitador/a a identificar questões, a esclarecer fatos e a levantar visões diferentes sobre um mesmo assunto. Ter habilidade em questionar de forma efetiva também é útil para desafiar certas ideias, mostrar que você está ouvindo ativamente e demonstrar que as opiniões e os conhecimentos do grupo têm valor. Isso também aumenta a participação das pessoas nas discussões do grupo e motiva-as a apresentar soluções para problemas relacionados a questões delicadas ou difíceis.

Essa tarefa envolve:

- Fazer perguntas abertas, por exemplo, utilizando as seis palavras-chave: Por quê? O quê? Quando? Onde? Quem? Como?;
- Fazer perguntas esclarecedoras: colocando em outras palavras a pergunta anterior;
- Fazer perguntas sobre o ponto de vista da pessoa, procurando saber não só o que ela sabe, mas também o que ela sente.

*Tente incentivar
que o maior número
possível de jovens
participe dando
suas opiniões.*

Algumas pessoas podem ser tímidas/ os no início ou podem não se sentir à vontade para falar de determinados assuntos. Tudo bem! Nem você nem as/os participantes precisam compartilhar suas histórias pessoais, se não quiserem. Você também não deve jamais forçar ninguém a falar.



Decidindo o que fazer

Falar sobre violência é sempre delicado e envolve muitos cuidados. Por isso, é importante planejar bem o que iremos fazer:

- **Para um trabalho de longa duração com um grupo:**

Quando desenvolvemos um trabalho com um prazo maior com o mesmo grupo, temos a possibilidade de aprofundar os temas e, assim, gerar mais resultados. As/os participantes costumam se envolver mais na discussão, trazendo mais questões sobre a própria vida e experiências.

Esse guia vai funcionar como um passo a passo. As seções e atividades seguem uma sequência para introduzir questões mais delicadas pouco a pouco. Primeiro, é importante fortalecer os laços de confiança e as relações entre o grupo (veja as atividades nas páginas 16 a 19) para só depois entrar na discussão temática. Por exemplo: para falar de violência sexual, sugerimos começar com as discussões de gênero, sexualidade, raça/etnia. Você pode escolher as atividades, conforme o tempo que tiver disponível. Quando o grupo perceber qual a relação desses temas com a violência sexual e estiver mais confiante e seguro, você pode seguir para a seção “Prevenção de violências”. As atividades do guia favorecem a reflexão sobre as experiências de cada um/a e você já terá mais proximidade para apoiar as/os participantes ou envolver o grupo que, mais unido, pode se apoiar mutuamente e buscar serviços, etc.

- **Para um trabalho mais pontual:** Se você for convidada/o para fazer uma palestra ou uma oficina de um dia, sem contato com o grupo depois da atividade, é importante cuidar para não levantar problemas e temas que não terão uma resposta ou alguma intervenção posterior. Nesse caso, sugerimos que as atividades sejam mais simples e informativas. Você pode explicar as violências e falar de serviços e órgãos que recebem denúncias ou oferecem serviços e atendimento. De qualquer forma, se alguém pedir ajuda a respeito de alguma violência sofrida, além de indicar os serviços, converse sobre a necessidade de envolver outras instituições e pessoas de confiança para apoiar.

INICIANDO OS TRABALHOS

No trabalho com grupos, é muito importante criar uma relação de confiança e proximidade entre você e as/os participantes e entre elas/eles. Mas como fazer isso? Pra começar, sugerimos uma atividade:

ATIVIDADE 1

QUEM SOU EU? E O QUE QUERO?



OBJETIVO:

Promover um debate sobre como as mulheres e os homens constroem sua identidade, refletindo sobre a importância de se ter uma percepção positiva sobre si mesma/o.



TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Folhas grandes, papel pardo ou cartolinas, um caderno para anotação e lápis de cor (ou tinta e pincéis), música.



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Esta é uma atividade em que as pessoas pensam sobre si mesmas, por isso deve ser desenvolvida com o máximo de sensibilidade. É importante criar um espaço de confiança, estimulando o respeito e a escuta. Se as/os participantes não se sentirem à vontade para desenhar ou pintar um desenho delas mesmas, você pode substituir o desenho por outras técnicas, como discussão em dupla, redação, colagem, teatro.

PASSO A PASSO:

1
2
3

- Com antecedência, escreva em duas folhas grandes de papel as seguintes perguntas:

FOLHA 1

- a. Como me descrevo?
- b. O que mais eu gosto de fazer? O que menos gosto de fazer?
- c. O que as pessoas reconhecem que eu faço bem?
- d. O que acho do meu corpo? O que gosto mais no meu corpo? O que gosto menos?

FOLHA 2

- a. Como imagino minha vida dentro de 5 anos?
- b. O que imagino que estarei fazendo nesse tempo?
- c. Estudando?
Trabalhando? Casada/o?
Solteira/o? Com filhas/os?
Participando em algum grupo/atividade?

- Depois cole a Folha 1 na parede e leia as perguntas em voz alta. Solicite às/aos participantes que sentem no chão, que busquem uma posição confortável e que respirem profundamente. Informe que a ideia é que elas/eles façam um retrato de si mesmas/os enquanto escutam música.
- Explique que, a partir das respostas a estas frases, o grupo terá 20 minutos para desenhar ou pintar seu retrato. Coloque uma música para escutarem enquanto desenharam. Quando terminarem, peça-lhes que fechem os olhos, cole a Folha 2 na parede, leia cada uma das frases e peça que as respondam mentalmente. Dê mais 20 minutos para desenharem ou pintarem uma segunda figura que represente o que elas/es gostariam de estar fazendo dali a cinco anos. Peça que mostrem seus desenhos/pinturas para as/os colegas e que, quem quiser, possa explicar e comentar seu desenho.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- É fácil descrever quem você é? Por quê?
- É fácil descrever o que você gostaria de ser no futuro? Por quê?
- De uma maneira geral, reconhecemos tudo o que somos: nossas forças, fraquezas e nosso potencial?
- Somos parecidas/os em quê? Somos diferentes em quê?
- Como as pessoas, membros da família, amigos ou outros meios, influenciam quem somos e como nos percebemos?
- Existe diferença entre a influência que os homens exercem e a que as mulheres exercem sobre nós?
- Que tipos de mulheres aparecem na mídia? Como é a aparência dessas mulheres?
- Essas pessoas que aparecem na mídia representam modelos de mulheres e homens da vida real? Por quê?
- Como esses modelos ou representações da mulher e do homem influenciam a percepção que temos de nós mesmas/os?
- Por que é importante ter uma percepção positiva de si mesma?
- O que aprendemos durante esta atividade? Existe algo que poderia ser aplicado em nossas próprias vidas e relacionamentos?



FECHAMENTO:

Nem sempre é fácil descrever quem somos. Às vezes, estamos tão concentradas/os na forma como as outras pessoas nos veem que não dedicamos tempo para reconhecer nossas necessidades e o que queremos para nós. As pessoas jovens recebem muitas influências sobre como devem agir e o que devem querer. Cabe a nós decidir como essas influências vão determinar quem somos. Devemos tentar reconhecer tanto nossas qualidades como nossas fraquezas e tentar sempre aprender com elas. Saber quem somos e o que queremos pode ser um processo para a vida inteira. Não há um caminho definido e não há receitas.

GLOSSÁRIO:

Garantir que o que for discutido na oficina ficará dentro do grupo. Sobre uma situação de violência, é importante discutir com as pessoas envolvidas a necessidade de denunciar e/ou procurar ajuda.

Para o trabalho funcionar bem, além do seu papel, é preciso combinar com o grupo alguns comportamentos e compromissos. Por exemplo: respeito às pessoas, sigilo, atenção ao ouvir, participação, igualdade, entre outras.

Para ajudar a formar um grupo e criar confiança, respeito e participação, sugerimos criar, coletivamente, um acordo de convivência. Você pode utilizar a atividade a seguir para te apoiar:

ACORDO DE CONVIVÊNCIA

OBJETIVO:

Iniciar o programa de atividades construindo coletivamente as regras importantes para o convívio do grupo.

TEMPO RECOMENDADO:

Mínimo de 20 minutos.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Papel (cartolina, folha A3 ou papel pardo) e canetas.

NOTA PARA PLANEJAMENTO:

Deixar preparada a folha de cartolina ou papel pardo e a caneta para o encontro.

PASSO A PASSO:

- Inicie o encontro perguntando ao grupo o que é um acordo de convivência e qual a importância de assiná-lo.
- Após o debate inicial, pergunte o que acham importante para a convivência do grupo e anote na folha de papel pardo ou cartolina todas as contribuições que surgirem. Se não tiverem surgido as palavras “respeito”, “participação”, “espírito de equipe” e “cooperação”, acrescente no acordo de convivência e fale sobre o significado delas.
- Assine o acordo de convivência, demonstrando comprometimento, e convide as/os participantes a assinarem também.

FECHAMENTO:

Após a assinatura do acordo de convivência, o/a facilitador/a deve deixar claro que devemos apoiar uns aos outros, aceitar e incluir todas e todos independentemente de sexo, raça, religião, língua, nacionalidade ou orientação sexual, colaborar para alcançar os objetivos e ser assíduas/os nos encontros. Deixe claro que, ao assinar o acordo de convivência, facilitadoras/es e participantes concordam com seus ítems e seguirão suas regras.



GÊNERO

ATIVIDADE 1

Aja como homem,
aja como mulher 30

ATIVIDADE 2

Ser mulher... e homem...
de várias formas 35

ATIVIDADE 3

Jogo de papéis
para falar de gênero 39

// **C**oisas de menina” e “coisas de menino”. Provavelmente, você já deve ter ouvido falar nisso muitas vezes. O que seriam coisas de menina? Usar roupas cor de rosa, brincar de boneca, aprender a arrumar a casa, sentar de perna fechada... E as coisas de menino? Jogar futebol, brincar na rua, andar sem camisa... E a lista de atividades, direitos e deveres diferentes vai aumentando conforme a gente vai crescendo. Menina tem que se arrumar, ficar bonita e não sair por aí namorando todo mundo. Meninos podem namorar mais à vontade e muitos começam a trabalhar fora mais cedo.

A gente pode ver as diferenças entre a forma como criamos meninas e meninos olhando para nossas próprias vidas ou a de nossas irmãs ou irmãos, amigas, amigos... Mas você já se perguntou como aprendemos que uma menina ou um menino deve se comportar? E já se perguntou por que aprendemos isso e quais as possíveis consequências desse aprendizado?

Para entendermos isso, vamos precisar falar das *normas de gênero*, da construção desse papéis para mulheres e homens. O conceito de gênero refere-se a como atitudes, comportamentos e expectativas são formados com base no que a sociedade define e espera sobre “ser homem” e “ser mulher”. Essas normas vão influenciar muitas coisas em nossa vida desde a infância (as brincadeiras, a vida escolar, a relação com a família) e adolescência (escolha da profissão, ideias sobre casamento, namoros e outros relacionamentos, trabalho, lazer) e também na fase adulta (trabalho, casamento, responsabilidades, lazer, etc). Todas essas ideias são ensinadas e reforçadas pela família, pela escola, por amigas/os, pela mídia e por uma série de outras instituições. Algumas delas nós seguimos, outras não. Algumas nos afetam mais diretamente, outras não. Mas muitas delas atravessam a nossa vida em algum momento de alguma maneira. Pensar sobre essas questões, quais suas consequências e o que isso tem a ver com a prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes é o objetivo dessa seção do guia.

Até agora temos falado em aprender e/ou ensinar normas de gênero. Em nenhum momento escrevemos, por exemplo, os homens *são* assim; as mulheres *são* assim. E você já deve ter percebido o porquê. Porque ninguém nasce sabendo ser mulher ou ser homem conforme a nossa sociedade espera. Nascer com um pênis ou uma vagina não vai influenciar nossa escolha pelo azul ou pelo rosa, nem fazer com que a gente queira brincar só com meninas ou meninos, de casinha ou bola de gude, nem determinar a escolha de uma profissão ou outra, nem com quem nem de que maneira vamos nos relacionar amorosa ou sexualmente com outra pessoa. A gente vai aprendendo o que as pessoas *esperam* (às vezes, exigem) que a gente seja ou faça como menina ou como menino, como mulher ou homem. Esse processo se chama socialização.

Um exemplo bem simples é a forma como falamos com as crianças. Com os meninos, costumamos usar um tom de voz mais firme e utilizamos palavras como “filhão” ou “garotão”. Até está na moda chamar os bebês meninos de “príncipes”, mas já reparou como isso é muito mais comum com as meninas? Com um tom de voz mais doce e suave, as chamamos com muito mais frequência de “princesas”, “bonecas” e “lindas”. Por que agimos assim? Porque, em um certo entendimento, os meninos têm que ser tratados com mais firmeza para que se tornem corajosos, fortes, “machos”. Já as meninas seriam supostamente mais frágeis e delicadas, por isso mais cuidado no trato com elas. E as palavras que utilizamos são sempre muito importantes para demonstrar tal entendimento: para as meninas, adolescentes e mulheres, os elogios referentes à beleza física serão muito utilizados e desejados. Elas são ensinadas que precisam ser bonitas, às vezes mais do que qualquer outra coisa. Enquanto para os meninos e homens, outras características serão mais valorizadas: o sucesso profissional, a coragem, a força.

Você pode estar pensando: “hoje em dia as coisas estão diferentes”... Certo! Muitas questões fazem essas normas serem vividas de formas diferentes pelas pessoas, mas podemos reconhecer essa forma de ensinar sobre o “ser mulher” e o “ser homem” ainda muito generalizada na sociedade. O fato de as normas de gênero mudarem, não serem iguais para todo mundo e estarem sendo questionadas em muitos sentidos só mostra o quanto elas *não são naturais*. São construídas, reproduzidas, questionadas e transformadas socialmente.

Portanto, as normas de gênero são culturais, sociais e históricas. Elas se transformam de acordo com a cultura e o tempo e também podem ser vivenciadas de formas distintas por diferentes gerações ou grupos socioeconômicos. Também são experimentadas de formas decisivamente diferenciadas de acordo com a raça/etnia a que uma pessoa pertence. Na seção sobre raça/etnia (pág. 77), iremos falar um pouco mais sobre isso.

GLOSSÁRIO:

Organizar uma hierarquia, fazer um nivelamento.

Essas normas dizem respeito, ainda, ao modo como pessoas e instituições distribuem o poder em nossa sociedade, construindo, **hierarquizando** e atribuindo valores distintos ao masculino e ao feminino. Tradicionalmente, ao masculino é conferido mais valor e poder e associadas ideias de superioridade em relação ao feminino. Quantas vezes para repreender um menino que agiu de uma forma supostamente feminina não se usa, por exemplo, a expressão “Parece uma mulherzinha”? Em resposta, muitos meninos passam a se referir a brinquedos, brincadeiras e roupas consideradas “de menina” de uma

forma depreciativa, isto é, como se fossem coisas com menos valor. Relacionada a essa distribuição de poder, os corpos das mulheres são tratados como objetos em diversas propagandas e músicas, há menos mulheres em espaços de tomada de decisão e poder (na política, nas diretorias das empresas), muitas pessoas ainda defendem que a mulher deve ser submissa ou servir ao homem, existem inúmeras formas de assédio nos transportes, na internet, nas ruas, etc.

Esses exemplos demonstram de que forma as normas de gênero “funcionam” no dia a dia, influenciando nossas práticas, atitudes e concepções de mundo. O que o conceito de gênero chama a atenção é que “masculino” e “feminino” são construções sociais que criamos e reforçamos ou questionamos e transformamos ao longo de nossas vidas. E, sobretudo, que essas construções trazem consequências – por vezes, fatais – para a vida tanto de meninas e mulheres quanto meninos e homens.

Historicamente, mulheres foram e têm sido mais vitimadas pelas desigualdades, pela violência e pela exclusão causada pelo machismo, mas homens também sofrem as consequências da rigidez de determinados papéis que os afastam da paternidade e do cuidado de crianças ou da própria saúde e os aproximam da violência, seja como vítimas ou como autores. Assim, na origem de muitas violências e desigualdades, está a forma como fomos socializadas/os e educadas/os em termos de gênero.

GÊNERO E EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Você já deve ter percebido o que as normas desiguais de gênero têm a ver com a exploração sexual de crianças e adolescentes e com outras violências sexuais. Elas ajudam a naturalizar o lugar de meninas e mulheres (e de meninos também) como objetos para a satisfação sexual de um adulto.

Voltaremos a falar sobre esse assunto em muitos momentos aqui no guia, mas queremos indicar, desde já, o quanto essas normas ajudam a construir e a fortalecer determinados comportamentos que fazem com que meninas e meninos, crianças e adolescentes, sejam exploradas/os sexualmente. Reconhecer o quanto estas normas estão dentro de nós,

nos influenciam, ajuda a entender porque nos calamos diante dessa e de outras violências ou, até mesmo, colocamos a culpa na própria vítima.

As ideias que temos sobre como mulheres e homens devem se comportar, inclusive sexualmente, são totalmente influenciadas pelas normas de gênero. Por isso, em muitos casos de exploração sexual são utilizadas como justificativas frases como “o homem não pode negar sexo” ou “as meninas não estão se dando o valor”. Se estas justificativas estão baseadas em ideias machistas – de que as mulheres têm menos direitos que os homens, de que os homens têm um desejo sexual incontrollável, de que há mulheres com mais ou menos valor, entre outras – vemos o quanto as normas desiguais de gênero estão agindo aí, transformando uma violência em uma coisa “natural” ou “culpa” das meninas ou mulheres.

Outra norma social muito importante para entendermos a exploração sexual é a que diz respeito ao *desequilíbrio de poder entre pessoas adultas e crianças/adolescentes*. Historicamente crianças e adolescentes foram vistos não como pessoas em fase de desenvolvimento, mas como “mini-adultos”, porém sem vontade ou interesse próprios, que deveriam ser submissos aos adultos/às adultas. Algumas pessoas levam essa ideia ao extremo, desrespeitando qualquer direito – à voz, à opinião, à dignidade, etc – de crianças e adolescentes. Na exploração sexual, as meninas e os meninos são tratadas/os como objetos, como mercadorias, e não como sujeitos de direitos.

As atividades dessa seção vão te ajudar a discutir e a desconstruir algumas dessas normas desiguais referentes à forma como se espera com que mulheres e homens ajam. O objetivo dessas atividades é refletir sobre essas questões e pensar em como as normas desiguais de gênero trazem consequências para a vida de meninas e meninos, mulheres e homens, e como podemos transformá-las para viver uma vida com mais igualdade, respeito aos nossos direitos e sem violências⁶.

6. Para algumas pessoas essa discussão é muito difícil porque elas acreditam, erradamente, que se trata de uma “guerra dos sexos”. Pelo contrário, o objetivo é pensar como essas normas são ruins para todo mundo. Provocaram e provocam muito mais violência (e morte) contra mulheres e representam menos chances para meninas e mulheres, é verdade, mas afetam muito os homens também. E, claro, não são todos os homens que cometem violência sexual, por exemplo. A participação dos homens é importante para discutir essas desigualdades, rever privilégios e ampliar os direitos para todas e todos. Se precisar de mais atividades para discutir essas questões, você pode consultar o site do Promundo (www.promundo.org.br), principalmente o Manual do Agente M (feito por outras/os Jovens Mobilizadores), e os Programas H e M, que são a base desse nosso guia.

Reconhecendo os estereótipos⁷

O estereótipo é uma generalização abusiva que distorce a realidade. Um exemplo de estereótipo é representar as mulheres sempre como esposas e mães, desconsiderando as mulheres que trabalham fora, as que não são casadas e as que têm vida social fora do lar. Representar os homens sempre como chefes de família, incapazes de afeto ou sentimentos (homem não chora!) e incapazes de cuidar dos filhos é outro exemplo.

Um pensamento (duplamente) estereotipado é representar homens negros como motoristas, seguranças ou como aqueles que lidam com profissões menos valorizadas. Da mesma forma, mulheres negras são representadas com mais frequência como empregadas domésticas, cozinheiras, dançarinas altamente erotizadas (isto é, sexualizadas), etc. Pessoas pobres são vistas e representadas como perigosas, causadoras de violência, com uma vida sexual desregrada, etc. Mulheres lésbicas são vistas como “masculinas”, indelicadas, sofredoras. Homens homossexuais são vistos como afeminados, delicados, sensíveis, responsáveis pela disseminação da Aids, “sem-vergonha”, doentes. Tudo isso é estereótipo: uma forma de representar um grupo inteiro pelas mesmas características que estão ligadas a ideias pré-concebidas.

Os estereótipos de gênero tratam das diferenças entre homens e mulheres como se fossem qualidades ou fraquezas naturais, que não se pode mudar. É importante compreender que essas situações são resultantes do tipo de educação que recebemos e transmitimos na família, na escola, nos meios de comunicação, nas religiões, e que é preciso um intenso trabalho de reflexão sobre essas ideias para eliminar os preconceitos baseados em normas rígidas de gênero.

7. Adaptado de ECOS. Manual Sexo Sem Vergonha: uma metodologia de trabalho com educação sexual. São Paulo, 2001.

Sessão Pipoca: vídeos para apoiar a discussão



Indicamos alguns vídeos que podem apoiar o debate sobre gênero, sexualidade e direitos de meninas e meninos:

“MINHA VIDA DE JOÃO”

Vídeo educativo do Programa H, do Promundo, é um desenho animado, sem falas, que apresenta a história de um rapaz chamado João e seus desafios ao tornar-se homem. Com 20 minutos de duração, foi criado para provocar o questionamento entre homens jovens sobre a forma como foram socializados e os papéis de gênero que foram levados a assumir. O vídeo mostra a vida de João e os desafios que enfrentou durante a vida, sua educação no contexto familiar, situações de violência doméstica, sua primeira experiência sexual, a gravidez de sua namorada, o primeiro emprego, entre outros.

DISPONÍVEL EM:

<http://promundo.org.br/recursos/minha-vida-de-joao/>

“ERA UMA VEZ OUTRA MARIA”

Vídeo educativo do Programa M, do Promundo, possui 20 minutos de duração e apresenta experiências comuns a mulheres jovens, abordando assuntos como saúde sexual e reprodutiva, violência, gravidez, maternidade e trabalho. O vídeo apresenta a história de Maria, uma menina como muitas outras, que começa a questionar as expectativas de como ela deve ou não deve ser. De lembranças da infância a sonhos para o futuro, faz-se uma reflexão sobre como as meninas são criadas e como isso influencia seus desejos, comportamentos e atitudes.

DISPONÍVEL EM:

<http://promundo.org.br/recursos/era-uma-vez-outra-maria/>

I CONFERÊNCIA DAS MENINAS DO MARANHÃO

A Conferência Estadual das Meninas do Maranhão surgiu em resposta à pesquisa “Por ser menina no Brasil – crescendo entre direitos e violências” (<https://plan.org.br/por-ser-menina>), realizada pela Plan International Brasil, e reuniu meninas para opinar como podem contribuir com políticas públicas. Retrata o processo de protagonismo das meninas na organização da conferência e nos debates sobre seus direitos a partir de seu próprio ponto de vista.

DISPONÍVEL EM:

www.youtube.com/watch?v=Tdd2NKHxtg

ESSA É MINHA VEZ – O FILME

Minidocumentário sobre o projeto Essa É Minha Vez, da Plan International Brasil. O vídeo traz as histórias de nove meninas de diferentes partes do Brasil e, sob o olhar delas, aborda temas como autoafirmação, empoderamento, racismo, violências no acesso à educação, famílias e as lutas cotidianas.

DISPONÍVEL EM:

www.youtube.com/watch?v=9lDZHpisbMw



ATIVIDADE 1

AJA COMO HOMEM. AJA COMO MULHER



OBJETIVO:

Identificar diferenças entre as regras de comportamento para homens e mulheres. Entender como as normas de gênero afetam a vida de homens e mulheres.



TEMPO RECOMENDADO:

1 hora.



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Folhas de papel A3, cartolina ou papel pardo, canetas pilot ou canetinhas, fitas adesivas.



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Esta atividade é uma boa forma de entender como as normas de gênero são formadas e influenciam a vida de mulheres e homens, desde que são crianças. Lembre-se que essas normas de gênero também podem ser afetadas por classe social (pessoas que têm condições de vida similares, principalmente no que diz respeito à renda), raça e etnia (veja na seção “Raça e etnia”, na pág. 77), idade e outras diferenças. Por exemplo, uma menina negra e pobre pode ter menos acesso a serviços de educação do que uma menina branca e rica. E essa mesma menina negra pode ouvir, desde pequena, uma série de mensagens negativas sobre seu cabelo, cor de sua pele e sua origem, o que pode afetar sua autoestima, a forma de cuidar de si e, inclusive, seus relacionamentos. Assim, são duas meninas que podem aprender coisas muito parecidas sobre como uma menina deve ser e agir, mas que têm experiências de vida muito diferentes influenciando sua forma de “ser mulher”.

Também vale lembrar que as normas de gênero estão em constante processo de mudança. Como exemplo, você pode falar da conquista do voto feminino no Brasil em 1934, de mais mulheres tendo acesso a profissões que antes eram consideradas exclusivamente masculinas, etc. Se houver tempo, discuta com o grupo os fatores que facilitam a mudança de comportamento por parte de homens e mulheres. Relembre que as mudanças são justamente o sinal de que os comportamentos de homens e mulheres não são naturais, mas são construídos socialmente.

PASSO A PASSO:

- Pergunte aos participantes do sexo masculino se alguma vez na vida alguém já lhes disse para “agir como um homem”. Peça-lhes para compartilhar experiências de alguém lhes dizendo essa frase ou algo semelhante. Registre em uma folha de papel todas as frases relacionadas ao “agir como homem”, citadas pelos participantes. Em seguida, pergunte: Por que você acha que isso lhe foi dito? Como você se sentiu ao ouvir isso?
- Agora pergunte às participantes do sexo feminino se alguma vez na vida alguém já lhes disse para “agir como uma mulher”. Peça-lhes para compartilhar experiências de alguém lhes dizendo essa frase ou algo semelhante e registre em outra folha de papel. Pergunte: Por que você acha que isso lhe foi dito? Como você se sentiu ao ouvir isso?
- Diga às/aos participantes que você gostaria de analisar essas duas frases com mais profundidade. Explique que ao refletir sobre essas frases, podemos começar a entender como a sociedade cria regras bem diferenciadas para os comportamentos que esperam dos homens em comparação àqueles que esperam das mulheres. Explique que essas regras fazem parte do que chamamos de “normas de gênero” (veja no texto inicial dessa seção). Isso porque elas ditam o que é “normal” para homens pensarem, sentirem e agirem, bem como o que é “normal” para mulheres. Explique que essas regras restringem, limitam a vida tanto de homens quanto de mulheres. Elas tentam manter os homens dentro de uma caixa com o rótulo “Aja como homem” e as mulheres numa outra caixa com o rótulo “Aja como mulher”. Faça as perguntas abaixo para promover a discussão.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Quais dessas mensagens podem ser potencialmente prejudiciais? Por quê? (desenhe uma estrela ao lado de cada mensagem e discuta cada uma individualmente)
- Como a pressão para se enquadrar na “caixa” ou no “modelo” pode causar impacto na vida de homens e mulheres?
- O que acontece com homens que tentam não seguir as regras de gênero? O que as pessoas dizem sobre eles? Como são tratados?

Para apoiar sua condução do debate, leia sempre antes da atividade as notas para planejamento e o fechamento, tá?





DICA:

Se o grupo gostar de dramatizações, você pode pedir aos/às participantes que dramatizem as situações que ouviram durante “Aja como homem. Aja como mulher”. Deste modo, a atividade torna-se mais dinâmica. Com as perguntas para discussão, faça um debate sobre possibilidades de redução das desigualdades e violências, por meio da transformação de normas desiguais de gênero.

- Como as normas de gênero estão relacionadas à exploração sexual de crianças e adolescentes? (Veja lá na introdução da seção, na pág. 25)
- Nossas percepções sobre os papéis de homens e mulheres são influenciados pelo que nossa família e amigos pensam? Como?
- A mídia exerce alguma influência sobre as normas de gênero? De que forma? Como a mídia retrata as mulheres? Como a mídia retrata os homens?
- Como vocês, na vida, podem transformar os comportamentos masculinos e femininos?

Continuação da atividade:

Faça uma nova tabela e escreva “Homens/Mulheres Transformados”. Peça às/aos participantes para listarem características de homens que “não se enquadram no modelo/na caixa”. Anote as respostas. Depois que você tiver de 7 a 9 respostas, faça a mesma pergunta sobre mulheres que “não se enquadram no modelo/caixa”. Ajude as/os participantes a reconhecerem que, no final das contas, em uma situação de igualdade de gênero as características de homens e mulheres são semelhantes e não há um modelo rígido a ser seguido. Veja na folha de apoio alguns exemplos de características para mulheres e homens transformadas/os. Lembre-se que o grupo de participantes pode trazer outros exemplos interessantes também.

**FECHAMENTO:**

Durante toda a vida, mulheres e homens recebem mensagens da família, da mídia e da sociedade sobre como devem agir e como devem se relacionar com outras mulheres e homens. Muitas dessas exigências **são construídas pela sociedade e não fazem parte da nossa natureza** ou da nossa formação biológica.

Algumas dessas expectativas de gênero não trazem prejuízos à saúde e aos relacionamentos. Mas podem trazer pouca flexibilidade para as diferenças, gerando intolerância e violência para quem não segue os padrões, isto é, não fica “dentro da caixinha”.

Todas e todos nós temos a capacidade de identificar mensagens prejudiciais e temos o direito de impedir que elas limitem nosso potencial pleno como seres humanos. Conforme nos tornamos mais conscientes dessas normas de gênero e como elas podem ter um impacto negativo nas nossas vidas e relacionamentos, podemos refletir sobre como transformá-las e promover relações baseadas no respeito às diferenças e no diálogo, que não enquadrem as pessoas em certas caixas ou modelos.



FOLHA DE APOIO

EXEMPLOS PARA A ATIVIDADE "AJA COMO HOMEM. AJA COMO MULHER"

AJA COMO HOMEM	AJA COMO MULHER
• Seja durão • Não chore • Seja o provedor • Assuma o controle e não desista • Faça sexo quando desejar • Faça sexo com várias parceiras • Obtenha prazer sexual das mulheres • Gere filhos • Case-se • Arrisque-se • Não peça ajuda • Use a violência para resolver conflitos • Beba • Fume • Ignore a dor • Não fale sobre seus problemas • Seja ousado • Seja corajoso • Tome decisões para os outros	• Seja passiva e quieta • Seja a cuidadora e a responsável pelo lar • Aja com sensualidade, mas não seja muito sensual • Seja inteligente, mas não muito inteligente • Siga o comando dos homens • Agarre seu homem – dê-lhe prazer sexual • Não reclame • Não discuta sobre sexo • Case-se • Gere filhos • Seja bonita • Seja vista, não ouvida
HOMENS TRANSFORMADOS	MULHERES TRANSFORMADAS
• Amável • Carinhoso • Cuidador • Comunicador assertivo • Capaz de expressar as emoções sem violência • Faz testes de HIV com frequência • Usa preservativo sempre • Aguarda a atividade sexual até que ambos estejam prontos • Defende a igualdade de gênero	• Amável • Carinhosa • Cuidadora • Comunicadora assertiva • Capaz de expressar as emoções sem violência • Faz testes de HIV com frequência • Usa preservativo sempre • Aguarda a atividade sexual até que ambos estejam prontos • Defende a igualdade de gênero

SER MULHER... E HOMEM... DE VÁRIAS FORMAS

OBJETIVO:

Promover uma reflexão sobre a discriminação e os obstáculos enfrentados por mulheres e homens que não agem de acordo com as expectativas sociais e culturais.

TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Cópias das histórias da Folha de Apoio desta atividade ou recortes da escolha do/a facilitador/a.

NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Revise as histórias da Folha de Apoio e veja se são relevantes para o contexto local. Sinta-se livre para fazer adaptações e criar novos casos.

PASSO A PASSO:

- Divida as/os participantes em dois pequenos grupos e distribua para cada grupo as histórias de homens e mulheres que estão na Folha de Apoio.
- Peça para lerem as histórias em voz alta com seu grupo. Diga-lhes que terão 20 minutos para discutir as duas histórias e criar possíveis finais. Para grupos não-escolarizados, o/a facilitador/a pode ler os estudos de caso em voz alta.
- Peça para os grupos compartilharem os finais que foram criados. Se as/os participantes gostarem de fazer dramatização, poderão interpretar as histórias.
- Use as questões abaixo para facilitar a discussão sobre as histórias e suas semelhanças com o que acontece entre homens e mulheres em suas comunidades.
- **Passo alternativo:** Além de utilizar as histórias da Folha de Apoio, o/a facilitador/a pode selecionar e distribuir diferentes figuras de mulheres e homens de jornais e revistas e pedir às/aos participantes para criar histórias sobre elas/eles.





PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Essas situações existem na vida real?
- Existem outros exemplos de mulheres em sua comunidade que não preenchem as expectativas de como uma mulher deveria agir ou como deveria ser sua aparência?
- Que tipos de desafios essas mulheres enfrentam?
- Vocês acham que as expectativas de como uma mulher deve ser ou agir são diferentes de quando nossas mães ou avós eram jovens? Se sim, de que forma?
- Uma mulher enfrenta desafios extras ou preconceitos dependendo de sua classe social, raça ou religião? Se sim, de que modo?
- Existem outros exemplos de homens em sua comunidade que não preenchem as expectativas de como um homem deveria ser ou agir? Que desafios esses homens enfrentam?
- As expectativas de como um homem deve ser ou agir são diferentes de quando nossos pais ou avós eram jovens? Se sim, de que forma?
- Um homem enfrenta desafios ou preconceitos dependendo de sua classe social, etnia ou religião? Se sim, de que modo?
- O que você acha que pode fazer para ajudar a promover uma maior aceitação e respeito para as diversas formas de ser e agir de homens e mulheres?



FECHAMENTO:

Tanto as mulheres como os homens enfrentam, muitas vezes, expectativas rígidas sobre como devemos agir e de quais devem ser nossos papéis na família, na comunidade e na sociedade. Essas expectativas podem nos impedir de expressar plenamente nossos interesses ou nosso potencial, incluindo a forma como desejamos nos vestir, quem desejamos amar, que profissão queremos ter e os papéis que queremos assumir nos relacionamentos íntimos e familiares. Algumas dessas expectativas mudaram em relação à época de nossos avós, mas muitas ainda permanecem.

É importante lembrar que, da mesma forma, como os estereótipos de gênero (ver na pág. 27) são aprendidos, eles também podem ser desafiados e desaprendidos. É necessário que nos apoiemos mutuamente e trabalhemos em conjunto para construir uma comunidade onde homens e mulheres possam ir além dos modelos do que é considerado “feminino” ou “masculino”.

FOLHA DE APOIO

CASOS PARA DISCUSSÃO



Alicia é uma jovem indígena que tem 17 anos. Ela tem um estilo próprio de se vestir, através da combinação de muitas cores na sua roupa. Ela gosta de ter todo tipo de amigo: góticos, punks, skatistas, e fala com todos. Ultimamente, ela tem se sentido triste pelas críticas que está enfrentando. Sua mãe implica com sua forma de se vestir. Sua sogra reclama com seu namorado pelo fato de Alicia sair com pessoas “indesejáveis”. Sua melhor amiga deixou de falar com ela, quando Alicia conseguiu um trabalho na colônia de férias da comunidade. Disse que ela não tinha capacidade de conseguir esse trabalho, a menos que desse em cima do coordenador do programa. Alicia se sente impotente e triste com todas essas críticas, e com o fato de suas amigas e sua família não entenderem sua maneira de ser.

Maria é uma mulher negra de 30 anos, que trabalha dando aulas numa escola de Ensino Médio. Uma vez, sentada à espera de seus alunos, encontrou uma mensagem em seu livro, que dizia “te amo”, dentro de um coração. Ela sorriu e lembrou a primeira vez que viu Camila, sua parceira há 4 anos. Ela recordava como era difícil no início, entender que gostava de uma pessoa do mesmo sexo. Quando se reunia com seus colegas de trabalho, as perguntas mais comuns que faziam eram por que ela não era como as outras, por que ainda não tinha casado apesar de sua idade, nem tinha um parceiro. Cada vez que escuta esses comentários, sente-se muito pressionada, porque tem medo de contar a verdade para as pessoas, pois como negra já havia enfrentado muitos obstáculos para conseguir um emprego.

Roberto tem 23 anos, é branco e se casou recentemente. Ele é pintor e sua esposa, Vanessa, trabalha em um banco. Apesar de o salário de ambos serem bons, Roberto tem uma carga horária mais flexível, enquanto Vanessa geralmente trabalha longas horas. Desde que ele começou a passar mais tempo em casa, Roberto geralmente cuida da casa e prepara o jantar. Vanessa sempre apreciou o fato de Roberto tomar conta de toda a casa. Entretanto, a mãe de Vanessa e algumas de suas amigas geralmente fazem comentários sobre como os homens devem ganhar mais e não cozinhar, nem limpar a casa. Apesar de Vanessa ser capaz de ignorar esses comentários, ela começou a imaginar se não seria melhor pensar em outra alternativa.

Eduardo tem 35 anos, é evangélico e é professor de uma escola. Ele nunca foi casado, mas sonha em ser pai. Recentemente, começou um processo de adoção de uma criança. Sua família e amigos dividiram-se em suas reações. Alguns acham que ele seria um grande pai e apoiam sua decisão. Outros tentam convencê-lo, dizendo que não é certo para um homem criar um filho sozinho. Eduardo desejaria ter encontrado alguém com quem pudesse dividir a responsabilidade de criar um filho. Entretanto, ele acredita que tem muito a oferecer para uma criança, e não quer perder a oportunidade de ser pai, só porque está sozinho.

Ângela tem faltado à aula sistematicamente. Embora não seja uma aluna muito aplicada, sempre gostou da escola. Uma amiga de Ângela contou que ela tem faltado à escola porque está com medo, por causa dos bilhetes com xingamentos e ameaça de surras que tem recebido. Ângela é lésbica. Um grupo de meninas achou que ela as estava observando no banheiro, depois de uma aula de Educação Física. Os bilhetes são anônimos, mas Ângela suspeita que venham desse grupo de meninas. Um outro dia, ao entrar em sala, ela estava sendo xingada de "sapatão" pelas colegas.

JOGO DE PAPÉIS PARA FALAR DE GÊNERO

OBJETIVO:

Refletir sobre atitudes pessoais e de grupo sobre desigualdade de gênero, violência contra a mulher e relações saudáveis e equitativas.

TEMPO RECOMENDADO:

1 hora.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Um formulário de pesquisa por participante, quadro ou uma folha de papel grande/cartolina para anotar as respostas, canetas ou lápis da mesma cor para garantir o anonimato de todas/os participantes.

DICAS PARA PLANEJAMENTO:

Se o grupo não possuir habilidades de leitura e escrita, as perguntas do formulário podem ser utilizadas para estimular um diálogo entre as/os participantes.

PASSO A PASSO:

- Informe às/aos participantes que responderão a uma pesquisa de forma anônima para saber qual é a opinião deles sobre cada tema. Reforce que a pesquisa é confidencial e não será possível identificar as respostas individuais. Relembre ao grupo que você está contando com todas/os para responder com honestidade.
- Distribua os formulários de pesquisa – sugerimos que sejam dados 10 minutos para todas/os responderem.
- Lembre ao grupo que para cada frase pergunta-se primeiro a opinião das/dos amigas/os e depois a própria opinião de quem está respondendo.
- Quando terminarem o preenchimento, peça que amassem as folhas em forma de bolinhas de papel e as joguem para o alto, fazendo uma “chuva de papéis”. As bolinhas devem ser jogadas pelo menos três vezes para o alto para que todas as folhas estejam bem espalhadas e isso fortaleça o anonimato.



- Peça a todas/os que peguem uma bolinha e a desamassem com cuidado para não rasgá-la. Caso alguém perceba que pegou a própria folha que respondeu, peça para jogarem novamente as bolinhas para o alto (explique que o objetivo disso é garantir o anonimato de todas/os participantes).
- Faça uma rodada para cada questão, pedindo para que cada participante leia a resposta dada no formulário. Por exemplo: “Sobre a frase ‘Um homem não deve chorar’, você acha que a maior parte dos seus amigos...” e aí cada um/uma lê a resposta.
- Para cada questão, anote no quadro ou na folha de papel o número de respostas para “discordo” e o número de respostas para “concordo”.
- Promova uma discussão sobre as respostas dadas pelo grupo com as questões abaixo:



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- O que nós aprendemos com essa atividade?
- Quais escolhas, opiniões e pensamentos chamam mais a atenção? Por quê?
- Quando nós estamos em grupo e ouvimos estas opiniões, o que acontece quando ficamos em silêncio? O que poderia acontecer se fôssemos contra essas opiniões?

**FECHAMENTO:**

Algumas mensagens são transmitidas de geração a geração, sem nos darmos conta de que isso ocorre. O problema é que algumas dessas mensagens são ofensivas e prejudiciais a certos grupos sociais.

Nesta atividade, podemos ver como, em relação às mulheres, existe uma série de afirmações que dizemos que é cultural, mas, mesmo assim, podemos ter opiniões diferentes a respeito delas. Isso quer dizer que nós também fazemos a cultura e é possível transformá-la quando há violências e prejuízos para determinadas pessoas e grupos.

A pesquisa desta atividade mostra como as opiniões individuais se aproximam, se distanciam ou equivalem ao que as/os participantes entendem como sendo a opinião de seu grupo de convívio. Em muitos casos, a opinião dos demais, principalmente do grupo de amigas/os, influencia a resposta de cada um/a. São muitas razões para isso: quer ser aceita/o pelo grupo, ter medo de sofrer alguma violência ou de ser criticada/o, ter pouco acesso a opiniões alternativas etc. Um trabalho em grupo é importante para conhecermos as diferentes posições a respeito de um tema e podermos refletir sobre alguns preconceitos e violências que algumas situações trazem.

Se liga!

Lembrando: A liberdade de opinião e expressão é um direito garantido na Constituição do Brasil. Mas é preciso **não confundir opinião com falas e discursos que inferiorizem pessoas ou grupos por qualquer motivo nem divulguem violência.**





FOLHA DE APOIO

FORMULÁRIO DE PESQUISA

Não coloque seu nome nessa folha. Essa pesquisa é opcional e anônima, isto é você pode responder ou não e suas respostas não serão identificadas. Para responder, use a caneta ou o lápis que lhe será dado para marcar uma resposta para cada questão. Quando você terminar, amasse o papel e aguarde as instruções.

1. Sobre a frase "Um homem não deve chorar", você acha que a maior parte dos **seus amigos**:
☐ Concorda ☐ Discorda
2. Sobre a frase "Um homem não deve chorar", **você** pessoalmente:
☐ Concorda ☐ Discorda
3. Sobre a frase "Uma garota no deve tomar a iniciativa para ficar com um garoto", você acha que a maior parte dos **seus amigos**:
☐ Concorda ☐ Discorda
4. Sobre a frase "Uma garota no deve tomar a iniciativa para ficar com um garoto", **você** pessoalmente:
☐ Concorda ☐ Discorda
5. Sobre a frase "Um homem deve ganhar mais dinheiro do que sua namorada ou sua esposa", você acha que a maior parte dos **seus amigos**:
☐ Concorda ☐ Discorda
6. Sobre a frase "Um homem deve ganhar mais dinheiro do que sua namorada ou sua esposa", **você** pessoalmente:
☐ Concorda ☐ Discorda
7. Sobre a frase "Um cara pode bater em sua namorada se ela o estiver traindo", você acha que a maior parte dos **seus amigos**:
☐ Concorda ☐ Discorda
8. Sobre a frase "Um cara pode bater em sua namorada se ela o estiver traindo", **você** pessoalmente:
☐ Concorda ☐ Discorda
9. Sobre a frase "Uma menina pode levar camisinha na bolsa", você acha que a maior parte dos **seus amigos**:
☐ Concorda ☐ Discorda
10. Sobre a frase "Uma menina pode levar camisinha na bolsa", **você** pessoalmente:
☐ Concorda ☐ Discorda

SEXUALIDADE

ATIVIDADE 1

O que são direitos sexuais
e direitos reprodutivos 51

ATIVIDADE 2

Diferentes posições
sobre sexualidade 56

ATIVIDADE 3

Gravidez... Sim ou não 59

ATIVIDADE 4

Tem gente que não usa
a camisinha. Por quê? 63

ATIVIDADE 5

Diversidade sexual 72

Sexualidade é um dos temas que as/os adolescentes e jovens mais gostam de discutir e podemos aproveitar esse interesse para fazer um trabalho muito legal e completo, abordando inúmeros aspectos sobre a questão, por exemplo:

- A dimensão do prazer
- A dimensão dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos
- A dimensão da prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST)
- A dimensão da prevenção de violências sexuais, entre elas o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes.

Para começar, é importante entender a diferença entre sexo e sexualidade. **Sexo** se refere aos órgãos sexuais (genitais) da mulher e do homem; a palavra ainda é utilizada como sinônimo de relação sexual. Em relação à **sexualidade**, há muitas definições, mas cada vez mais ela é entendida como um componente de nossas próprias vidas, que envolve nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura, nossa autoestima, nossas emoções, e ainda intimidade, crenças, orientação sexual, identidade de gênero (veja na página 48).

A sexualidade está ligada à busca de prazer, que não é só o prazer sexual. É algo que “temos” desde que nascemos até o fim de nossas vidas. A sexualidade é vivenciada e expressa por meio de valores, fantasias, desejos, crenças, atitudes, comportamentos e das próprias relações que estabelecemos. Assim, tanto aspectos biológicos e hormonais quanto aspectos psicológicos, sociais, religiosos, culturais, políticos e econômicos interferem na forma como entendemos e vivemos a sexualidade.

Existem muitos exemplos de como a vivência da sexualidade é influenciada pela nossa cultura. Um tema que, ainda hoje, gera dúvidas e ansiedades entre as/os adolescentes (e entre muitas pessoas adultas também) é a **masturbação**. Um assunto ainda difícil devido à enorme quantidade de tabus e mitos que foram divulgados durante séculos. Poderíamos considerar a masturbação como algo natural, próprio da nossa busca por prazer e autoconhecimento, mas frases como “dá espinha”, “faz crescer cabelo nas mãos”, “é sujo”, “é errado”, além das ameaças de castigos e punições, não apenas não esclareceram o que é a masturbação como criaram uma visão muito negativa sobre ela (e sobre o próprio sexo). Por isso, ainda há muito desconhecimento e culpa quando o assunto é masturbação.

Outro **mito muito comum é que falar sobre sexualidade vai incentivar as/os adolescentes a fazerem sexo**. Muitas pesquisas afirmam que, ao contrário, ao terem espaço de discussão para poder questionar as pressões que recebem para fazer ou não sexo, as/os jovens conseguem tomar decisões mais informadas, a partir de suas próprias opiniões e até, se for o caso, adiar o início da vida sexual.

É importante lembrar que o silêncio em torno da sexualidade também é uma forma de falar sobre ela: mostra o quanto é entendida por algumas pessoas apenas como sinônimo de sexo que, por sua vez, é visto como algo ruim, sujo, que deve ser evitado ou adiado. Ou então o sexo é reduzido ao significado de transmissão de doenças, possibilidade de gravidez (chamada de “indesejada”). Como a sexualidade e o sexo estão também relacionados ao prazer, essas ideias e esse silêncio não têm contribuído muito.

Essas “dificuldades” para falar sobre sexualidade fazem com que a gente entenda menos sobre o assunto, não discuta sobre direitos ou escolhas, nem sobre como fazer para viver com prazer e segurança. Também não nos ajudam a ensinar sobre autoproteção de violências, sobre as relações de poder que afetam a vivência da sexualidade e não têm nem ajudado a prevenir doenças ou gravidez. Isso tudo em um mundo em que temos muita informação, mas pouca orientação sobre o tema.

E O QUE ISSO TEM A VER COM A EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES?

Como já dissemos, sexualidade e normas de gênero estão muito relacionadas. As normas de gênero incluem regras de relacionamentos afetivos e sexuais. Em torno da nossa sexualidade foram criadas normas e expectativas sobre sentimentos e comportamentos associados ao ser homem ou ser mulher. Veja alguns comportamentos referentes à sexualidade esperados para homens/meninos e mulheres/meninas:

HOMEM	MULHER
Tome a iniciativa	Espere a iniciativa do homem/ parceiro
Assuma o controle	Aceite as decisões do parceiro
Faça sexo com várias parceiras	Não tenha muitos parceiros
Banque a “balada”	Seja atraente e sensual, mas não “muito sensual”
Não se preocupe com anticoncepção	Assuma a responsabilidade pela anticoncepção (evitar gravidez)
Não pode recusar sexo	Dê prazer sexual para “agarrar seu homem”
Não fale sobre sentimentos	Pode falar sobre sentimentos ou demonstrar emoções
Deve saber mais sobre sexo que mulheres	Não abuse da bebida para evitar violências
Necessita mais de sexo do que as mulheres	Não necessita tanto de sexo quanto os homens

Em muitas situações e contextos, há **uma naturalização do papel da mulher como fonte de prazer sexual do homem, como mais uma “coisa” que ele “possui”**. Isso acontece na exploração sexual, mas também na mídia. Em clipes musicais, por exemplo, vemos homens com carros, lanchas e, supostamente, muito dinheiro, rodeados de várias mulheres sensuais, que estariam ali apenas para servi-los. Elas não têm nenhum papel de poder ou protagonismo. Essas imagens reduzem tanto os homens (ter dinheiro) quanto as mulheres (ser um objeto sexual). E, como vivemos em uma sociedade machista, criamos uma série de estereótipos e preconceitos contra essas mulheres: interesseiras, aproveitadoras, sem valor... Por outro lado, há clipes em que as mulheres assumem o papel principal, mas também têm que ser sempre muito atraentes e sensuais. O seu “poder” é, muitas vezes, reduzido à beleza física e a ser sexualmente desejada.

Todas essas histórias contadas pelas músicas, pelos filmes, pelas propagandas, pelas páginas de internet, pelas novelas, por nossas famílias e amigas/os nos influenciam muito e geram pressões sobre a forma como acreditamos que devemos nos comportar. É preciso perguntar o papel dos homens, refletir sobre a posição das mulheres e não apenas jogar uma “culpa” apenas para quem se envolveu nessas situações. O que estamos vendo aqui, a partir da discussão sobre as relações de gênero, é que isso tem tudo a ver com nossa sociedade, nossa cultura, que podemos e devemos transformar. Sobre isso, a mensagem principal é ***meninas e meninos, mulheres e homens, têm (ou deveriam ter) os mesmos direitos e as mesmas responsabilidades.*** Nem mais, nem menos.

Outra questão muito importante quando falamos de gênero e sexualidade diz respeito à **orientação sexual**, que se refere à direção do desejo, da atração física, sexual ou emocional que cada pessoa sente. Existem diferentes possibilidades de expressão desse desejo, isto é, há uma **diversidade sexual**. Algumas formas de orientação sexual são as mais reconhecidas hoje em dia:

- **HETEROSSEXUALIDADE:** atração afetiva e sexual por uma pessoa do sexo que não o seu;
- **HOMOSSEXUALIDADE:** atração afetiva e sexual por uma pessoa do mesmo sexo que o seu;
- **BISSEXUALIDADE:** atração afetiva e sexual por pessoas de ambos os sexos;
- **ASSEXUALIDADE:** pode apresentar uma atração afetiva, porém não sexual, direcionada a algum dos sexos (ou a ambos) ou não apresentar orientação romântica e nem sexual.

Lembre-se que orientação sexual é diferente de **identidade de gênero**, que é a maneira como alguém se sente e se apresenta para si e para a sociedade. A identidade de gênero é independente do órgão sexual que você possui e também da sua orientação sexual. Um exemplo: posso ter nascido com um corpo considerado de menina, mas me reconhecer como um menino e querer ser reconhecida pelas outras pessoas como um menino. Todo mundo passa por esse processo de se reconhecer em relação a um gênero ou outro, então utilizamos os seguintes termos para isso:

- **CISGÊNERO:** é a pessoa que se reconhece com o gênero que foi designado no seu nascimento;
- **TRANSGÊNERO:** é a pessoa que não se reconhece com o gênero que foi designado no seu nascimento.

Dicas:

Conduzindo atividades sobre sexualidade⁸



- Para quem trabalha com o tema da sexualidade é condição básica aceitar a diversidade e respeitar as diversas opiniões e experiências. É fundamental abrir um espaço em que as pessoas se sintam à vontade para dar sua opinião, discutir e refletir criticamente sobre todas essas questões. No entanto, falar sobre o assunto não significa contar nossas experiências;
- Não existe receita de bolo, mas você pode estimular o grupo a refletir sobre suas próprias atitudes, colocar suas dúvidas, sem que as pessoas revelem suas histórias, se não quiserem;
- A informação é importante, mas não suficiente. Além do conhecimento sobre determinados assunto (métodos anticoncepcionais ou infecções sexualmente transmissíveis, por exemplo) contribui para a reflexão sobre nossas atitudes poder falar sobre curiosidades, medos e preconceitos;
- É importante evitar pré-julgamentos em relação à vivência de cada pessoa. Antes, pergunte-se: "que mal há naquela experiência?", "que relações de poder estão ali envolvidas?", "alguém está sendo coagido/forçado a fazer alguma coisa?";
- Todas as pessoas deveriam viver sua sexualidade sem medo, vergonha ou culpa. O problema é quando a vivência da sexualidade de uma pessoa fere o direito da outra, não respeita o tempo, a vontade e a liberdade de cada um/a. Por exemplo, quando namoramos alguém ou temos relação sexual por pressão de um grupo ou por querer ser aceita/o por outra pessoa. Ou ainda quando fazemos algo porque não nos sentimos dignas ou dignos de outra pessoa, porque ela tem mais poder ou autoridade sobre nós ou até mesmo por violência;
- Uma atividade bem simples e legal para levantar dúvidas, perguntas e comentários é a "caixinha de perguntas". Os/as jovens escrevem – sem precisar se identificar – suas perguntas sobre o tema da sexualidade e as depositam na caixinha. Depois, cada pessoa retira a pergunta e o grupo como um todo vai comentando e respondendo a questão. No projeto com as/os Jovens Mobilizadores, a caixinha ficava no banheiro do local onde eram realizadas as oficinas, o que contribuiu para que elas/eles ficassem mais à vontade para escrever, garantindo o anonimato das perguntas.

8. Fonte: PROMUNDO. "Trabalhando com mulheres e homens jovens: manual de atividades educativas para sensibilização sobre gênero, sexualidade e saúde". Rio de Janeiro: Promundo, 2011, p. 34.

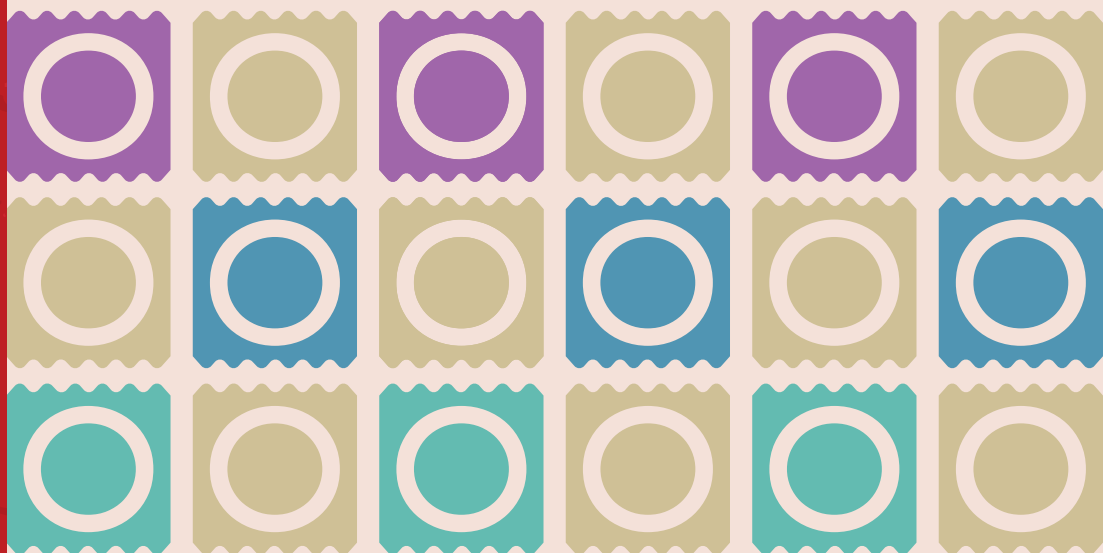
CAMPANHA “SEM VERGONHA”

Um recurso educativo para discutir sexualidade e direitos com adolescentes e jovens é a campanha “Sem Vergonha”, uma iniciativa do Instituto Promundo em parceria com as Secretarias de Educação e de Saúde do Estado do Rio de Janeiro. A campanha tem como objetivo sensibilizar adolescentes e jovens sobre seus direitos sexuais e reprodutivos e promover a equidade de gênero.

O conceito da campanha foi desenvolvido por um grupo de estudantes de escolas estaduais do Rio de Janeiro entre março e outubro de 2013. Elas/es participaram de oficinas de sensibilização sobre gênero e sexualidade e contribuíram para a criação e divulgação de todas as mensagens e atividades da campanha. A “Sem Vergonha” fala de **diálogo, informação, combate ao preconceito** e, principalmente, à possibilidade de ser você mesma/o, sem vergonha de se cuidar, se prevenir e se informar.

Para utilizar os recursos (vídeos e materiais) da campanha “Sem Vergonha” nas suas atividades e oficinas, você pode acessar o site:

www.campanhasemvergonha.org.br/



O QUE SÃO DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS?

OBJETIVO:

Discutir o conceito de direitos sexuais e direitos reprodutivos como partes integrantes dos direitos humanos e refletir sobre a importância destes direitos na vida das mulheres e dos homens.

TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Canetas e lápis, cópias da Folha de Apoio e um cartaz com o modelo do quadro sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos.

NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Pode ser útil escrever ou ter uma cópia dos direitos sexuais e reprodutivos em um cartaz e utilizá-lo em futuras seções.

PASSO A PASSO:

- Prepare a atividade antecipadamente: faça cópias da Folha de Apoio e recorte os direitos em tiras, para serem distribuídos. Desenhe três colunas em um cartaz e coloque os seguintes títulos em cada coluna:

DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS		
CONCORDO	NÃO SEI	NÃO CONCORDO

- Pergunte se alguém já ouviu falar em direitos sexuais e direitos reprodutivos. Explique para o grupo que o objetivo da atividade é conhecer e refletir sobre os direitos sexuais e os direitos reprodutivos, que devem ser considerados como direitos humanos.
- Divida as/os participantes em pequenos grupos e distribua as tiras de papel com os direitos. Em grupos com menor grau de escolaridade, leia os direitos em voz alta.

- Explique que cada grupo recebeu algumas tiras e peça que discutam o que entendem sobre as mensagens. Depois que pensem se concordam, não sabem ou se não concordam e que discutam se esses direitos têm sido respeitados ou não no cotidiano das pessoas.
- Peça a cada grupo que apresente os direitos que foram discutidos, se estão de acordo ou não, e se acham que estes direitos são respeitados na comunidade em que vivem. Se achar melhor, anote as respostas em um quadro ou papel e pergunte às/aos demais participantes se têm algo a acrescentar.
- Depois que forem apresentados todos os direitos, use as questões abaixo para discutir a importância dos direitos sexuais e reprodutivos do homem e da mulher.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Esses direitos são respeitados na sua localidade? Se não, quais são os direitos mais violados (desrespeitados)? Por que isto acontece?
- Os direitos sexuais dos homens são respeitados na sua comunidade? E os das mulheres? Se não, quais são os direitos que são mais violados e como?
- Mulheres e homens têm os mesmos direitos sexuais e reprodutivos?
- Qual é o maior obstáculo que as mulheres enfrentam na garantia de seus direitos sexuais e reprodutivos? E os homens?
- Como mulheres e homens que se relacionam intimamente podem respeitar os direitos sexuais e reprodutivos de um e de outro?
- Adolescentes têm direitos sexuais e direitos reprodutivos? Quais?
- Qual é o maior obstáculo que adolescentes enfrentam na garantia de seus direitos sexuais e reprodutivos?
- **Que associações ou instituições em sua comunidade oferecem serviços para proteger os direitos sexuais e reprodutivos de mulheres, crianças e adolescentes?**
- O que você aprendeu com esta atividade? Você aprendeu alguma coisa que poderia ser aplicada em sua própria vida ou relacionamentos?

Uma dica: se você tiver tempo, pode utilizar a atividade "Mapa Falante", na pág. 167, para discutir esses serviços.



FECHAMENTO:

Direitos sexuais e reprodutivos são direitos humanos fundamentais e pertencem a homens e mulheres de todas as idades. Eles incluem o direito de tomar decisões autônomas sobre a própria vida sexual e reprodutiva, livre de coerção (pressão, imposição) ou violência, e o direito a informações e métodos para tomar decisões saudáveis e seguras sobre a própria vida sexual e reprodutiva. Temos o direito de decidir sobre nossos corpos e cabe ao Estado garantir as condições para que possamos exercer esses direitos. Mais do que informação, é preciso ter acesso a serviços adequados de aconselhamento, acompanhamento e ter os meios para cuidar de si e de seu corpo.

Além desses aspectos mais positivos da sexualidade, os direitos sexuais e direitos reprodutivos também falam da prevenção da violência sexual, incluindo a exploração sexual. A violência sexual é caracterizada por qualquer forma de constrangimento ou relação sexual com alguém, sem que haja consentimento. Um consentimento só pode ser dado se a pessoa é capaz de julgar, de compreender adequadamente tudo o que envolve aquele ato sexual (que é mais do que ter relação sexual). Em condições de exploração ou qualquer outro tipo de pressão ou violência não se pode dizer que houve consentimento. Para saber mais sobre consentimento, leia o quadro na página 112.

Crianças e adolescentes também têm direitos sexuais e direitos reprodutivos?

Sim!

Como você leu antes, os direitos sexuais e os direitos reprodutivos também são direitos humanos de crianças e adolescentes. Destacamos alguns para resumir e lembrar sempre:

- Direito a viver a sexualidade sem medo, tabus ou falsas crenças;
- Direito ao respeito, à dignidade, à liberdade;
- Direito à convivência familiar e comunitária;
- Direito ao desenvolvimento de uma sexualidade saudável;
- Direito a informações e serviços de qualidade sobre sexualidade;
- Direito a ser protegida/o de qualquer forma de violência sexual;
- Direito ao sigilo e à confidencialidade nos serviços;
- Direito à integridade corporal, isto é, ao bem-estar e à saúde física, direito de ser protegido de qualquer violência física.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (veja mais na página 124) e leis internacionais afirmam que o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes são graves violações dos direitos humanos!

FOLHA DE APOIO**TIRAS DOS DIREITOS SEXUAIS E DIREITOS REPRODUTIVOS**

O DIREITO À LIBERDADE SEXUAL – A liberdade sexual diz respeito à possibilidade dos indivíduos de expressar seu potencial sexual. No entanto, aqui se excluem todas as formas de coerção, exploração e abuso em qualquer época ou situações de vida. Liberdade também de lutar contra todas as formas de discriminação, independentemente do sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião, deficiências mentais ou físicas.

DIREITO À AUTONOMIA SEXUAL, INTEGRIDADE SEXUAL E À SEGURANÇA DO CORPO SEXUAL – Direito de uma pessoa de tomar decisões autônomas sobre a própria vida sexual num contexto de ética pessoal e social. Também inclui o controle e prazer de nossos corpos livres de tortura, mutilação e violência de qualquer tipo.

DIREITO À PRIVACIDADE SEXUAL – O direito às decisões individuais e aos comportamentos sobre intimidade desde que não interfiram nos direitos sexuais dos outros.

DIREITO AO PRAZER SEXUAL – Prazer sexual, incluindo autoerotismo (buscar prazer sexual por meio de seu próprio corpo), é uma fonte de bem-estar físico, psicológico, intelectual e espiritual.

DIREITO À EXPRESSÃO SEXUAL – A expressão é mais que um prazer erótico ou atos sexuais. Cada indivíduo tem o direito de expressar a sexualidade através da comunicação, toques, expressão emocional e amor.

DIREITO À LIVRE ASSOCIAÇÃO SEXUAL – Significa a possibilidade de casamento ou não, o direito ao divórcio e ao estabelecimento de outros tipos de associações sexuais responsáveis.

DIREITO ÀS ESCOLHAS REPRODUTIVAS LIVRES E RESPONSÁVEIS – É o direito de decidir ter ou não ter filhos, o número e tempo entre cada um e o direito ao acesso aos métodos contraceptivos disponíveis.

ATIVIDADE 2

DIFERENTES POSIÇÕES SOBRE SEXUALIDADE



OBJETIVO:

Refletir sobre diferentes opiniões a respeito da sexualidade. Essas opiniões variam segundo gênero, religião, cultura, idade e classe social, entre outros fatores.



TEMPO RECOMENDADO:

1 hora.



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Sala com cadeiras em círculos, uma para cada participante.



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Para dar mais dinâmica à atividade, você pode incluir situações neutras ou divertidas, como “troque de cadeira quem estiver com camisa branca” ou frases para ouvir a opinião das/os participantes sobre assuntos relacionados ao seu cotidiano (ex.: escola, família, músicas etc). As frases também podem ser adaptadas de acordo com a idade das/os participantes.



PASSO A PASSO:

- Peça às/os participantes para se sentarem nas cadeiras em círculo, apenas uma deve estar vazia.
- Quando você ler as declarações, as pessoas que estiverem de acordo devem mudar de cadeira. Pergunte para quem se moveu e quem não se moveu por que fez isso.
- Use as questões abaixo para facilitar a discussão, depois de ter debatido todas as razões que levaram as/os participantes a permanecer ou trocar de posição.

**PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:**

- Como foi se posicionar a respeito da sexualidade? Fácil ou difícil?
- Como o grupo viu a pessoa que ficou em minoria?
- Por que as pessoas têm opiniões diferentes a respeito da sexualidade? As opiniões podem mudar dependendo do grupo, idade ou sexo?
- Pessoas da mesma idade podem ter opiniões diferentes a respeito da sexualidade? Por que isso acontece?
- Como são formados os valores ou as opiniões a respeito da sexualidade?
- De onde adolescentes e jovens recebem mensagens sobre sexualidade?

FECHAMENTO:

Apesar de o grupo ser da mesma faixa etária (faixa de idade) e mesma comunidade, podem existir opiniões diferentes em relação à mesma declaração. Além de fatores ligados à cultura de cada lugar, as posições a respeito do mesmo tema variam de acordo com fatores individuais, como a educação familiar, história pessoal e outras influências que a pessoa recebe. Muitas vezes, tomamos decisões de maneira muito rápida, sem refletir o suficiente, o que contribui para preconceitos e estereótipos (ver pág. 27). É importante refletirmos sobre nossas opiniões, principalmente se estamos agindo ou não com discriminação. Se as opiniões ou os valores são construídos pela sociedade, pela cultura e pela educação significa que podemos mudá-los. O que é fundamental é sempre o respeito pela vida das outras pessoas e pela nossa.

Você pode fazer o fechamento dessa atividade lembrando como as normas de gênero afetam a vivência e as nossas percepções sobre sexualidade. Por exemplo, durante muito tempo se disse que as mulheres tinham menos desejo sexual que os homens. É importante discutir com o grupo que o desejo sexual varia de pessoa para pessoa e não depende do gênero. Nesse mesmo sentido, ainda existem mitos de que o desejo sexual dos homens é incontrolável, o que não é bem assim. Outro mito diz respeito à masturbação feminina: algumas meninas e mulheres se masturbam sim e isso não representa problema nenhum. Masturbação não faz mal nem para meninas nem para meninos. Assim, em relação à sexualidade, os direitos e deveres que valem para meninas e mulheres devem valer para meninos e homens.





FOLHA DE APOIO

Estas são apenas sugestões de posições (opiniões) a respeito de questões relacionadas à sexualidade. Você pode incluir outras frases para se adequar ao grupo e enriquecer a atividade:

- Só os homens podem ter relações sexuais antes do casamento.
- As mulheres são sempre fiéis.
- A responsabilidade de evitar a gravidez é principalmente da mulher.
- Homens adolescentes devem saber mais sobre sexo do que meninas.
- A masturbação é uma necessidade do corpo, principalmente de adolescentes.
- Mulheres não se masturbam.
- Ciúmes é prova de amor.
- Mulheres que demonstraram interesse no sexo merecem ficar mal faladas.
- Homens devem sempre ter o controle no relacionamento.
- Todas as pessoas têm a mesma importância.
- Homens não devem demonstrar sentimentos nos relacionamentos.
- Masturbação faz mal pra saúde.

GRAVIDEZ... SIM OU NÃO

OBJETIVO:

Discutir sobre as responsabilidades da mulher e do homem na decisão sobre uma gravidez.

TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Cópia para cada grupo da Folha de Apoio desta atividade: “Uma história possível”.

PASSO A PASSO:

- Distribua (ou leia em voz alta) o texto “Uma história possível” na Folha de Apoio desta atividade.
- Divida as/os participantes em pequenos grupos e dê 15 minutos para que discutam um possível final para a história. Cada grupo deverá preparar uma pequena representação do final escolhido.
- Ao término, discuta se existem outras possibilidades além daquela(s) apresentada(s).
- Pergunte às/aos participantes se já ouviram falar em contracepção de emergência (se isto ainda não aconteceu, explique o assunto para o grupo conforme quadro na página 61).
- Peça às/aos participantes para imaginarem que Joana descobriu que estava grávida. Diga para que retornem aos pequenos grupos e discutam possíveis finais para esta situação. Dê mais 15 minutos para esta discussão.
- Após cada grupo ter apresentado o que criou, use as questões abaixo para facilitar a discussão sobre o papel do homem e da mulher no planejamento de uma gravidez.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Esta poderia ser uma história real? Por quê?
- Mulheres jovens se preocupam com gravidez não planejada? Elas costumam conversar com seus parceiros sobre planejamento de gravidez? Por quê?



- Homens jovens se preocupam com gravidez não planejada? Eles costumam conversar com suas parceiras sobre planejamento da gravidez? Por quê?
- Qual é o papel do homem no planejamento da gravidez? E para evitar a gravidez?



FECHAMENTO:

Tanto a decisão sobre ter ou não relações sexuais quanto a decisão sobre formas de evitar ou planejar a gravidez devem ser discutidas de forma igualitária e respeitosa. Por muito tempo, a forma de se evitar a gravidez foi vista como responsabilidade apenas da mulher. Mas os homens devem ser parceiros também nas decisões sobre métodos de prevenção para evitar uma gravidez e prevenir as IST e HIV/Aids.

É sempre melhor planejar antes e praticar sexo seguro utilizando camisinha. A camisinha é um método super seguro, mas se não for colocada corretamente pode estourar (veja as instruções de uso das camisinhas nas páginas 66 e 67). Neste caso, pode-se usar a contracepção de emergência. Em caso de dúvidas, lembre-se de procurar informações com profissionais de saúde ou outras pessoas da comunidade com conhecimento sobre o tema.

Direitos das estudantes grávidas

Você sabia que existe uma lei sobre direitos de estudantes grávidas? É a Lei 6.202/1975, que diz que, a partir do oitavo mês e durante três meses, a aluna grávida tem direito a fazer os trabalhos e as provas em casa.

Contracepção de emergência

A contracepção de emergência é um recurso contraceptivo (isto é, para evitar a gravidez) feito à base de altas doses de hormônios que impedem a ovulação, a fecundação do óvulo pelos espermatozoides e a implantação do óvulo no útero, impedindo o início da gravidez. Deve ser usado até três dias (72 horas) depois que a relação sexual não protegida aconteceu. Após este período, ele é pouco eficiente.

A contracepção de emergência não é um método abortivo. Deve ser utilizada quando houver falha da camisinha feminina ou masculina, relação sexual com o diafragma deslocado, relação sem uso de qualquer método contraceptivo ou em caso de estupro. Diferente da pílula anticoncepcional, não é um recurso para ser usado com frequência, somente em situações de emergência, pois se usado regularmente pode permitir uma gravidez.

Como não é abortiva, seu uso não deverá provocar sangramentos. É preciso esperar a menstruação vir normalmente, sendo que esta pode atrasar ou adiantar uns dias. No caso de falha, não causa efeitos colaterais no feto.

Depois de tomar a contracepção de emergência, é preciso usar a camisinha em todas as relações sexuais até a menstruação vir, pois ela não protege as relações sexuais futuras, só aquela relação que ocorreu nas últimas 72 horas. O uso repetitivo em um mesmo ciclo menstrual protege menos contra a gravidez que outros métodos. Também não protege as mulheres das IST/HIV/Aids.



FOLHA DE APOIO

UMA HISTÓRIA POSSÍVEL

Joana é uma garota de 17 anos. Ela está na 3ª série do Ensino Médio e tem planos para o próximo ano de continuar os estudos e trabalhar. Sempre participou do grêmio do colégio e ajudou na criação do jornal da escola. Ela é uma garota alegre, extrovertida e dinâmica. Tem muitos amigos, se dá bem com todos, mas em especial com Léo, seu namorado há 7 meses. Eles adoram ficar juntos, pois têm muitos sonhos em comum: um deles é fazerem uma longa viagem.

Há mais ou menos três meses, eles transaram pela primeira vez. Joana até estranhou, pois não sentiu tantas dores como suas amigas falaram, nem sentiu vergonha em falar com Léo sobre o uso da camisinha.

Mas, numa das vezes em que eles estavam transando, a camisinha estourou e Joana não utilizava nenhum outro método para evitar a gravidez. Eles ficaram muito preocupados, pois Joana estava no seu período fértil. Neste momento, muitas coisas passaram na cabeça de Joana:

- Ai meu Deus! E se eu ficar grávida?
- Puxa, o que será que eu posso fazer...

TEM GENTE QUE NÃO USA A CAMISINHA. POR QUÊ?

OBJETIVO:

Desmistificar crenças a respeito de que a camisinha masculina é um obstáculo ao prazer e à ereção. Conhecer as camisinhas masculina e feminina e aprender a usá-las corretamente. Estimular a negociação do uso da camisinha.

TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Cartões ou pedaços de papel, canetas, caixa pequena; camisinhas masculinas e femininas; bananas ou pênis de borracha ou pepinos; copos de plástico transparente.

NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Procure criar uma nova imagem da camisinha, mais ligada ao prazer do que à doença. Incentive as/os participantes a adotar condutas preventivas em relação à gravidez e também às IST/HIV/Aids (usar camisinha, usar luvas ao lidar com sangue, etc) e faça debates sobre as dificuldades da prevenção.

Lembre às/aos participantes que cada decisão que tomamos é muito importante e pode gerar consequências para a nossa própria vida.

Para dar uma motivação extra, seria interessante distribuir camisinhas para cada participante ao final da oficina. Também é interessante pesquisar dicas de onde conseguir a camisinha de graça, como nos postos de saúde.

PASSO A PASSO:

FASE 1

- Entregue aos/às participantes um cartãozinho de papel e peça que escrevam uma frase ou ideia que tenham escutado e esteja relacionada à sexualidade e ao uso da camisinha.



- Peça, inicialmente, que depositem seus cartões na caixinha que deverá estar colocada em frente ao grupo. Explique que cada um deverá ir à frente e tirar da caixinha um cartãozinho, que deverá ser lido em voz alta, dizendo se a ideia escrita ali é verdadeira ou falsa.
- Conforme os cartões forem lidos, você pode ir completando ou corrigindo a informação dada pela/o participante que sorteou o cartão.

FASE 2

- Na sequência, mostre um preservativo masculino e explique os cuidados que se deve ter ao comprar uma camisinha e como deve ser utilizada. Pode se utilizar uma banana ou um pepino ou um pênis de borracha para esta explicação (veja Folha de Apoio).
- Demonstrado o uso da camisinha masculina, faça o mesmo com a camisinha feminina, utilizando-se de um copo de plástico transparente para que entendam como ela é colocada e fixada dentro do canal vaginal feminino (veja Folha de Apoio).

FASE 3

- Proponha que dois ou mais participantes façam uma dramatização, mostrando as dificuldades mais comuns que as/os jovens têm na hora de falar sobre o uso do preservativo e como poderiam lidar com estas dificuldades.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Quais os motivos que levam um jovem, mesmo sabendo da necessidade de usar a camisinha, a não usá-la?
- Uma mulher deveria carregar camisinhas na bolsa? Por que sim ou por que não?
- Que argumentos uma mulher pode usar para carregar camisinhas em sua bolsa?
- Se na hora da relação sexual um jovem diz que não tem camisinha e a garota diz que tem na bolsa, o que passa pela cabeça dele?
- Por que, depois de um tempo de namoro ou outra forma de relacionamento, as pessoas deixam de usar camisinha?
- Quais são as dificuldades para conversar sobre o uso da camisinha?
- É fácil usar camisinha? Quais as dificuldades? E como esse uso pode ficar mais divertido?
- Se o parceiro recusa o uso do preservativo, o que uma mulher deveria fazer?

FECHAMENTO:

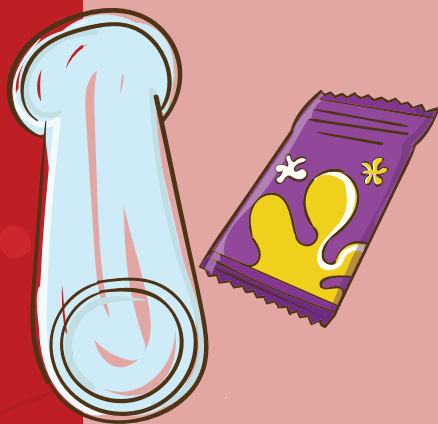
A discussão sobre o uso da camisinha envolve muitas questões, como medos, dificuldades, conhecimento do corpo e papéis mais igualitários de gênero. A camisinha que mais encontramos disponível é a camisinha masculina. Se o rapaz não quiser utilizar o preservativo, inicia-se uma negociação que pode ser difícil.

Do lado das meninas, é preciso saber que a infecção pelo vírus HIV (o vírus que causa Aids) tem crescido entre meninas muito jovens. Do lado dos meninos, é preciso discutir que é comum um jovem, quando vai transar pela primeira vez, ficar muito tenso, com medo de falhar, de não agradar e, assim, a camisinha acaba sendo vista como mais um obstáculo. É muito importante também discutir as desigualdades nas relações que fazem com que rapazes e homens tenham mais poder para decidir sobre a utilização ou não da camisinha.

Explorar os sentimentos, as dificuldades e os receios sobre a utilização da camisinha é um ponto importante nesta atividade. Tente levantar diferentes opiniões para desconstruir as várias crenças que fazem com que as pessoas não usem camisinha, como a que diz que “é como chupar bala com papel”.

Lembre ao grupo que **sexo seguro não envolve apenas o uso da camisinha**, porque o sexo não está limitado à penetração vaginal ou anal. **Envolve também cuidados durante o sexo oral.** Debata também que, mesmo em uma relação estável, com parceiro único, deixar a camisinha de lado aumenta a vulnerabilidade em relação às IST/HIV/Aids. Discutir as dificuldades para continuar usando a camisinha como parte da rotina de um casal – seja heterossexual ou homossexual – é importante para apoiar as/os participantes em seus próprios relacionamentos. **Lembre-se que você não precisa saber de todas as respostas ou ter experiências para contar. Seu papel é levantar as diferentes opiniões do grupo!**

Camisinha feminina



A camisinha feminina é feita de um plástico bem macio e tem mais ou menos 15 centímetros de comprimento, com um anel em cada extremidade. O anel interno é usado para colocar e fixar a camisinha feminina dentro da vagina. O outro anel fica para fora e cobre parcialmente a área dos pequenos e grandes lábios da vagina. Ela pode ser colocada até 8 horas antes da relação sexual.

MODO DE USAR:

- 1.** Antes de abrir a embalagem, verifique o prazo de validade, se a embalagem não está furada ou rasgada e se a camisinha é lubrificada.
- 2.** Encontre uma posição confortável, por exemplo, de pé, com um pé em cima de uma cadeira ou agachada.
- 3.** Depois, veja se o anel interno está no fundo da camisinha. Segure, então, o anel interno, apertando no meio para fazer um "8". Introduza a camisinha, empurrando o anel interno pelo canal vaginal com o dedo o mais profundamente possível.
- 4.** O anel externo vai ficar mais ou menos três centímetros do lado de fora da vagina, mas quando o pênis entrar, a vagina vai se expandir e esta sobra vai diminuir.
- 5.** Dois cuidados importantes: o primeiro é se certificar de que o pênis entrou pelo centro do anel externo e não pelas laterais. O outro é que o pênis não empurre o anel externo para dentro da vagina. Se acontecer um desses casos, pare a transa e coloque uma outra camisinha.
- 6.** O preservativo feminino deve ser retirado depois da relação sexual e, de preferência, antes de se levantar para evitar que o esperma escorra. Aperte o anel externo e torça a camisinha para que o esperma fique dentro da camisinha. Puxe devagar e, depois, jogue a camisinha no lixo.
- 7.** Não pode usar as camisinhas feminina e masculina ao mesmo tempo (na mesma transa). Isso fará com que elas se rompam.

Camisinha masculina

A camisinha masculina é feita de um tipo de borracha bem fininha e resistente que, se colocada corretamente, dificilmente arrebenta.



MODO DE USAR:

- 1.** Antes de abrir a embalagem, verifique o prazo de validade, se a embalagem não está furada ou rasgada e se a camisinha é lubrificada.
- 2.** Para se colocar a camisinha é necessário que o homem já esteja excitado, com o pênis ereto. Veja se a camisinha está do lado certo, aperte a ponta da camisinha para sair o ar. É na folga dessa ponta que o sêmen vai ficar, por isso a ponta também precisa estar sem ar para não arrebentar.
- 3.** Feito isso, é só deslizar a camisinha até a base do pênis.
- 4.** A camisinha deve ser retirada logo depois da ejaculação, quando o pênis ainda estiver ereto. Segure na borda para o líquido seminal não escapar e jogue a camisinha fora.
- 5.** Para cada transa, uma camisinha. Não pode usar duas camisinhas masculinas ao mesmo tempo, nem a feminina e masculina ao mesmo tempo (na mesma transa). Isso fará com que elas se rompam.

Seja feminina ou masculina: a camisinha deve ser utilizada em todas as relações sexuais!

Quer saber mais sobre camisinha? Veja em:

<http://www.aids.gov.br/pagina/por-que-usar>



FOLHA DE APOIO

APRENDENDO SOBRE HIV E AIDS

O que é HIV?

A sigla significa “vírus da imunodeficiência humana”:

- H** Humana (só encontrada em humanos)
- I** Imunodeficiência (enfraquece o sistema imunológico, isto é, o sistema de defesa do organismo)
- V** Vírus

O termo vem do inglês (*Human Immunodeficiency Virus*). Por isso, a ordem das letras é inversa ao português.

O que é Aids?

Esta sigla também vem do inglês e quer dizer “Síndrome da imunodeficiência adquirida”:

- A** Adquirida (quer dizer, não nasce do nosso corpo, vem de fora)
- I** Imuno (defesa natural do corpo contra doenças)
- D** Deficiência (enfraquecimento, falta ou insuficiência de alguma coisa)
- S** Síndrome (um conjunto de doenças ou sintomas).

Em países de língua espanhola e outros de língua portuguesa, a sigla mais conhecida é *SIDA*.

Muitas pessoas não sabem a diferença entre HIV e Aids. O HIV é o vírus. A Aids pode ocorrer como resultado da infecção por esse vírus. A Aids é um conjunto de doenças e sintomas que resultam do enfraquecimento do sistema imunológico. Uma pessoa pode ter HIV por um longo tempo, sem desenvolver Aids.

Como se transmite o HIV?

O HIV sobrevive em quatro tipos de fluidos ou líquidos corporais:

- Sangue
- Sêmen – fluido que o homem ejacula quando está sexualmente excitado
- Líquido vaginal – fluido que a mulher libera quando está sexualmente excitada
- Leite materno.

Esses tipos de fluidos corporais tornam possível a disseminação do vírus de pessoa para pessoa. Todos esses líquidos contêm glóbulos brancos, que são as células que o HIV “ataca” ou infecta. Se um desses líquidos infectados entra no corpo, a pessoa corre o risco de contrair HIV.

Estes são alguns “locais” por onde o vírus pode entrar no corpo:

- Parede da vagina;
- Prepúcio do pênis;
- Parede do reto (ânus);
- Veias;
- Cortes ou feridas abertas na pele ou dentro da boca;
- Parede do esôfago (isto é, em recém nascidos que estão sendo amamentados).

Então, as formas de transmissão são:

ATO SEXUAL DESPROTEGIDO:

- Vaginal
- Anal
- Oral

CONTATO SANGUE A SANGUE:

- Transfusão de sangue (em lugares onde o sangue não é testado e o sangue contaminado pode ser doado);
- Compartilhamento de lâminas não esterilizadas ou outros instrumentos para fazer cortes na pele;
- Circuncisão (através do compartilhamento de lâminas não esterilizadas ou outros instrumentos);
- Injeção intravenosa de drogas (através do compartilhamento de seringas contaminadas);
- Transmissão de mãe para filho (também chamada de transmissão vertical) durante a gravidez, parto sem os devidos cuidados e amamentação.

E como não se transmite o HIV?

- Masturbação individual ou a dois;
- Beijo no rosto ou na boca;
- Suor e lágrima;
- Picada de inseto;
- Aperto de mão ou abraço;
- Sabonete / toalha / lençóis;
- Talheres / copos;
- Assento de ônibus;
- Piscina;
- Banheiro;
- Doação de sangue;
- Pelo ar.

Existe cura para o HIV/Aids?

Infelizmente, ainda não existe cura para o HIV/Aids. Mas já foram descobertos medicamentos capazes de prolongar e melhorar a vida das pessoas que contraíram o vírus. Esses medicamentos são os chamados antirretrovirais (ART), que atacam diretamente o HIV, diminuindo a quantidade de vírus no sangue.

Como evitar a transmissão do vírus HIV da mulher para a criança durante a gravidez?

Em primeiro lugar, é importante antes de engravidar ou no início da gravidez que a mulher faça o exame anti-HIV, isto é, o exame que vai verificar se ela tem o vírus ou não. Se tiver, a terapia antirretroviral pode prevenir a transmissão do HIV da mãe para a criança. O tratamento correto durante o pré-natal e o parto evita que o bebê tenha o vírus HIV. O recém-nascido também receberá o medicamento antirretroviral por quatro semanas e será acompanhado no serviço de saúde. A mãe que tem o vírus também não poderá amamentar a criança para não transmitir o vírus através do leite materno.

Conhecendo as formas de transmissão do vírus HIV

Para ajudar a desfazer mitos em relação à transmissão do HIV, você pode usar a imagem da página ao lado. Faça cópias da imagem e peça para as/os participantes marcarem somente o que transmite o HIV. Confira as respostas com o texto sobre formas de transmissão do HIV.



ATIVIDADE 5

DIVERSIDADE SEXUAL



OBJETIVO:

Promover o reconhecimento e o respeito em relação à diversidade sexual e discutir as consequências da homofobia para os indivíduos, as relações e as comunidades.



TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Cartolina ou papel pardo para cartaz, caneta ou lápis e cópias da Folha de Apoio (caça palavras: Homofobia não!).



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

É importante que você esteja aberta/o e confortável ao tratar deste tema, que pode ser extremamente delicado para muitas pessoas. Para te ajudar a facilitar a discussão, você pode identificar os mitos mais comuns e mal-entendidos ligados à orientação sexual. Ao preparar a sessão, você poderá pesquisar informações, leis e movimentos que promovam os direitos dos homossexuais individualmente ou em casal, incluindo páginas da internet sobre orientação sexual e direitos, e compartilhar com as/os participantes.



PASSO A PASSO:

- No início, não conte às/aos participantes os objetivos desta atividade. Explique apenas que elas/eles irão discutir os diferentes tipos de relação sexual e afetiva que uma pessoa pode ter.
- Desenhe um quadro com três colunas.
- Pergunte ao grupo as características de uma relação entre um casal que se gosta, está ficando, namorando ou está casado.
- Escreva essas características na primeira coluna.
- Peça ao grupo que dê nome às personagens que possuem estas características em seu relacionamento. Escreva o nome do casal no topo da coluna.

- Caso os nomes sejam de um casal heterossexual, você deverá escrever na coluna 2 o nome da mulher do primeiro casal e o nome de outra mulher. Depois, pergunte ao grupo se as características atribuídas ao casal da primeira coluna podem ser vivenciadas pelo casal de mulheres da coluna 2. A mesma coisa deverá ser realizada para a coluna 3, escrevendo-se os nomes de personagens de um casal homossexual.
- Exemplo: se o grupo sugere o nome João e Valéria para o casal da coluna 1, você poderá escrever na coluna 2 os nomes Valéria e Maria.
- Caso o grupo atribua, de início, nomes de um casal homossexual masculino ou feminino, você deverá colocar o nome de um casal heterossexual na coluna 2 e, na coluna 3, de um casal homossexual masculino ou feminino (dependendo do que apareceu na coluna 1).
- Use as questões abaixo para facilitar a discussão.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- O que há de semelhante entre as situações desses três casais? E o que há de diferente?
- Como a sociedade vê esses casais? Vê os três da mesma forma? Quais as diferenças e por que isso acontece?
- Mulheres e homens têm o direito de se relacionar afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo? Por quê?
- Que tipos de preconceitos são comuns em relação às mulheres lésbicas? E aos homens gays?
- Que tipos de preconceitos são comuns em relação às travestis e transexuais?
- Que tipos de preconceitos ou desafios mulheres e homens homossexuais enfrentam em suas famílias? E nas escolas? Amigos e pares?
- Quais são as consequências desses preconceitos?
- O que você aprendeu durante esta atividade? Aprendeu algo que poderia ser aplicado em sua vida pessoal e relacionamentos?

FECHAMENTO:

A orientação sexual é a direção, a atração, a inclinação do desejo afetivo e sexual de cada pessoa. Sentir uma atração afetiva e sexual ou desejar uma pessoa do mesmo sexo não é um erro da natureza, trata-se apenas de outra forma de expressão da sexualidade e da capacidade de amar que todo ser humano possui. A homossexualidade – seja ela feminina ou masculina –, a transexualidade e a travestilidade não são doenças nem perturbações mentais. Portanto, não faz sentido a ideia de que é possível “curar” as pessoas que têm uma orientação sexual ou uma identidade de gênero diferente da heterossexualidade. Veja no início dessa seção mais informações.



Mulheres que se apaixonam, mantêm relacionamentos e praticam sexo com mulheres podem se identificar como lésbicas; homens que se apaixonam, mantêm relacionamentos e praticam sexo com homens podem se identificar como gays; homens ou mulheres que se apaixonam, mantêm relacionamentos e praticam sexo tanto com homens quanto com mulheres podem se identificar como bissexuais. Ou então, pode-se optar por não se identificar com nenhum rótulo.

Embora não se saiba precisamente o que determina a orientação sexual de uma pessoa, nós sabemos que ela se forma muito cedo na vida, que **não é uma escolha, não é uma opção** da pessoa e que não pode ser mudada, embora devido aos tabus sociais e à homofobia, ela seja, às vezes, ocultada. Esses tabus sociais e a homofobia podem colocar a juventude gay e lésbica sob risco de violência, discriminação, depressão e comportamentos autodestrutivos, podendo chegar até mesmo ao suicídio.

Essa discussão tem tudo a ver com gênero porque quanto mais as pessoas se afastam dos estereótipos de gênero vigentes, mais discriminadas elas são (como acontece com gays “afeminados” ou lésbicas “masculinizadas”).

É importante trabalhar para desconstruir os mitos e promover o respeito aos direitos das mulheres e dos homens de expressar sua orientação sexual livres de discriminação. Esse é um direito sexual de todas as pessoas.

Dica:

A história de Gilmar: esse vídeo mostra as violências e uma história de superação de uma situação de homofobia na escola e na família. Disponível em: bit.ly/1Zrk2R5

Se
liga!



Uma palavra, muitos preconceitos

Uma palavra não é só uma palavra – ela carrega muitos sentidos e também pode reforçar muito preconceito e discriminação. Um sufixo – aquele pedacinho final da palavra – também. Quando se começou utilizar a palavra “homossexualismo”, o objetivo era indicar que o desejo por uma pessoa do mesmo sexo constituía uma doença. Mas vimos que não se trata de qualquer doença, transtorno ou problema.

No dia 17 de maio de 1990, a Assembleia-Geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais, a Classificação Internacional de Doenças (CID). Desde então, essa data passou a ser celebrada como o Dia Internacional contra a Homofobia. No Brasil, desde 1999, o Conselho Federal de Psicologia proibiu que as/os psicólogas/os tratem de pessoas homossexuais porque elas não possuem qualquer doença ou transtorno.

Dessa forma, não utilizamos mais o sufixo *ismo* para falar de orientação sexual. Então não dizemos “homossexualismo”, “lesbianismo” ou “bissexualismo”, mas sim “homossexualidade”, “lesbiandade” ou “bissexualidade”.

Esse vídeo é bem legal para falar disso: “Homossexualidade ou homossexualismo?” do Coletivo Lumika: <https://www.youtube.com/watch?v=yQ1a942PaWc>

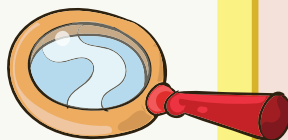


FOLHA DE APOIO

CAÇA-PALAVRAS: HOMOFOBIA NÃO!

1. sexual diz respeito à atração afetiva e sexual de uma pessoa pela outra.
2. Diz respeito à maneira como alguém se sente e se apresenta para si e para as demais pessoas como gênero masculino ou feminino ou ainda uma mistura de ambos: de gênero.
3. As formas como nos relacionamos são plurais. sexual é o nome que se dá às diferentes possibilidades de expressão de nossos desejos afetivos e sexuais.
4. Normas de dizem respeito aos papéis sociais atribuídos a mulheres e homens.
5. é o termo utilizado para identificar o ódio, aversão, a discriminação e a violência em relação às pessoas homossexuais.

Caça-Palavras



X D I P Y D O I H D X D H T
 B U Y O R I E N T A Ç Ã O X
 O V M E B V O R I E M A M D
 B E X V I E Y O H G T B O V
 V R P I O R I E L Ê B V F R
 R I L R P S P I P N Y R O Y
 I D E N T I D A D E P A B C
 S M S P I D I G O R H O I R
 J E I S Y A H U Y O M I A T
 O K R Â B D M B A R Z E O L
 Q L O V I E Y E O V I A L A

RESPOSTAS: 1. Orientação; 2. Identidade; 3. Diversidade; 4. Gênero; 5. Homofobia.

RACA E ETNIA

ATIVIDADE 1

Os cabelos 84

ATIVIDADE 2

Paródia 87

ATIVIDADE 3

Mídia e racismo 89

ATIVIDADE 4

Rótulos e papéis 92

Com exceção de "Rótulos e papéis" e "Mídia e racismo", as atividades dessa seção foram extraídas de PROMUNDO. *Educação e esporte para a igualdade: guia de atividades do Projeto Praticando Esporte, Vencendo na Vida!* Rio de Janeiro: Promundo, 2016.

Uma discussão sobre raça e etnia nos ajuda a problematizar formas de violência, como o preconceito e a discriminação racial que atingem, de diferentes formas e intensidades, nossas/os meninas/os negras/os. Também é pensar como essa forma de violência representada pelo racismo deixa crianças e adolescentes, principalmente as meninas negras, mais vulneráveis, isto é, mais expostas a situações de violência, entre elas a exploração sexual. Quando buscamos conhecer o perfil de crianças e adolescentes exploradas sexualmente, vemos que a maioria é menina, negra e de classe popular.

De acordo com o Estatuto da Igualdade Racial (Brasil, 2010), discriminação racial ou étnico-racial refere-se a:

toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada.

O correto seria não falar em “raças humanas” porque não há nada que, cientificamente, justifique essa divisão dos seres humanos em raças. O problema é que, desde o século XIX, surgiram muitas teorias que dividiram os grupos humanos a partir do conceito equivocado (errado) de raça. Isso deu origem a um sistema de hierarquização – de nivelamento – de alguns grupos (brancos) sobre outros (não brancos). Esse sistema é o racismo. Essas teorias construíram a ideia de que os grupos brancos são superiores aos grupos não brancos. Hoje a palavra raça continua sendo utilizada, mas com um sentido político, para chamar a atenção para as relações de dominação, exploração e opressão entre diferentes grupos.

É importante também pensar como o racismo é pouco reconhecido no Brasil; as pessoas costumam dizer que ele não existe. O país é considerado como “mestiço” e pacífico, onde conviveriam bem todas as classes sociais e raças. Mas, se olharmos nossa história e para o nosso agora, vamos perceber quantas violências atravessaram o tempo afetando de forma trágica grupos étnico-raciais não brancos: como o extermínio das populações indígenas e a escravidão negra, que foi responsável pela morte de milhares de pessoas. Uma questão que vemos até hoje é a distribuição desigual de políticas públicas em áreas de periferia, que concentram uma população mais pobre e negra. A representação nos meios de comunicação e nos espaços culturais também é muito desigual, além de ser centrada em um modelo branco de beleza. Leia mais sobre isso no “Fechamento” da atividade “Cabelos”, na página 85.

As crianças negras tendem a incorporar os **estereótipos** e preconceitos vivenciados, resultando na negação de suas raízes⁹. É preciso valorizar a cultura e a estética negras visando à superação desse quadro, fazendo com que essas crianças reforcem o orgulho de sua origem e que crianças brancas não incorporem sentimentos de superioridade e de preconceito em relação às crianças negras.

Lembra o
que significa
estereótipo?
Vai lá na
página 27.



GLOSSÁRIO:

Essa palavra vem do inglês "empowerment", utilizada em movimentos sociais para falar do processo de conquista, avanço e superação por parte de um grupo ou indivíduo, sujeito ativo do processo, que vivia em uma situação de opressão.

Trabalhar o **empoderamento**, a autoestima e o fortalecimento da identidade é fundamental para que as/os adolescentes tenham mais condições de se proteger, refletindo sobre relações desiguais.

IDEIAS QUE CONTRIBUEM PARA A EXPLORAÇÃO SEXUAL

Existem muitas questões importantes quando a gente tenta perceber a forma como pessoas negras são tratadas no Brasil em termos de sexualidade e beleza. Por um lado, as diversidades de belezas negras não são totalmente valorizadas: características consideradas mais bonitas são aquelas mais próximas a um padrão branco de beleza (cabelo liso, nariz "fino", pele mais clara). Diferentes tipos de cabelo, nariz, formato do corpo, tonalidades de cor de pele são considerados menos bonitos e recebem apelidos que tentam desvalorizá-los. Ou, então, a beleza de meninas e meninos negros é tratada como algo "exótico", o que significa diferente da beleza padrão, "verdadeira".

9. Veja o vídeo "Boneca negra": <http://www.youtube.com/watch?v=CrKyIS-FnwqE>

Em relação à sexualidade, também enfrentamos muitos desafios. Tanto aos rapazes quanto às moças negras pode ser atribuída uma super sensualidade; é o que se chama de **hipersexualização**.

Como discutimos na seção sobre Gênero (ver pág. 23), nossa sociedade, que já impõe um modelo de “objeto sexual” às mulheres, faz isso de forma muito mais intensa quando se trata de mulheres negras. Você já deve ter ouvido algumas expressões para se referir às mulheres negras como “da cor do pecado” ou “quente”? Além disso, muitas mulheres negras são somente valorizadas quando estão no papel de “mulatas de carnaval”. No quadro a seguir, “Racismo no dia a dia”, você vai ver exemplos a esse respeito.

Um ponto importante nessa crítica é que ela não deve se dirigir à mulher que está ali trabalhando, dançando ou desfilando, mas sim a um sistema que produz os programas de televisão, os shows, os grupos musicais, as letras de música etc. É esse sistema que cria e tenta reproduzir esse como o *único lugar* destinado a meninas e mulheres negras. Nosso objetivo deve ser pensar como isso acontece no nosso dia a dia e discutir papéis que valorizem outras características e não apenas os atributos físicos de qualquer mulher.

Pensando na questão da exploração sexual, um problema que aconteceu durante muitos anos foi a criação de **propagandas para o turismo** que utilizavam fotos de mulheres brasileiras como mais um chamariz para atrair turistas estrangeiros para o Brasil. As fotos, na verdade, não eram de mulheres, mas de bumbuns com biquínis do tipo “fio dental”, sugerindo que o Brasil era um país de clima quente e descontraído, com mulheres também “quentes” e sensuais que serviam como mais um atrativo à disposição dos turistas homens.

Veja que o problema não é o bumbum, nem a praia, nem o clima quente e muito menos o biquíni, mas a forma como os corpos das mulheres eram utilizados como mais uma “mercadoria”, usados para vender uma imagem de país sensual com muita liberdade nas roupas e nos costumes sexuais. Uma expressão muito comum para falar das mulheres negras que se apresentavam em shows de samba era “mulata tipo exportação”. Lembra o que significa “exportação”? É o que um país vende para o outro. A palavra fala de produtos, mercadorias, objetos...

Hoje, a propaganda mudou, mas essa imagem permanece de alguma forma e o grande problema é quando crianças e adolescentes vão parar nesse mercado para atrair e satisfazer turistas, sejam estrangeiros ou

GLOSSÁRIO:

É um tipo de objetificação, de transformar uma pessoa em objeto. Neste caso, de reduzir uma pessoa a um pedaço de seu corpo, por exemplo, ou a um jeito “sensual”.

brasileiros. Essas discussões também têm a ver com raça e etnia porque essa objetificação dos corpos das mulheres no Brasil está colada a estereótipos sobre a população negra (principalmente sobre as mulheres) e sobre o país como um lugar muito sexualizado e onde “pode tudo”. Todas essas questões contribuem para a exploração sexual de crianças e adolescentes que acontece no contexto do turismo (veja mais na pág. 101).

As atividades desta seção têm como foco não apenas a valorização da cultura afro-brasileira para fortalecer a autoestima de meninas e meninas e combater o preconceito, mas também a discussão sobre o imaginário social que retrata mulheres e homens negros/os (ou indígenas) a partir de estereótipos e visões preconceituosas.

Racismo no dia a dia

A ativista Stephane Ribeiro escreveu um artigo com algumas expressões com teor fortemente racista, mas que utilizamos no nosso cotidiano de uma forma muito naturalizada, sem qualquer questionamento. Abaixo destacamos algumas expressões que se referem à beleza e aos cabelos negros:

“MORENA”, “MULATA” (POR VEZES SEGUIDOS DA EXPRESSÃO “TIPO EXPORTAÇÃO”)

Usado para mulheres e homens, mas mais comum serem usadas para descrever as mulheres, principalmente quando seguidas pelo termo “tipo exportação”. Aqui o objetivo é amenizar o que somos, “clareando” o negro. Não existe justificativa para negar que alguém é negro, possivelmente você pode estar incomodado em dizer “negro” e se está é porque acredita que chamar alguém de negro é ofensivo, sendo assim embranquece a pessoa – transformando-a em “morena” ou “mulata”, e isso é racismo.

NEGRA “DE BELEZA EXÓTICA” OU COM “TRAÇOS FINOS”

Essas expressões são próximas à anterior, quando se imagina que ser uma mulher negra bonita é ser “tipo exportação”, ter “traços finos” e assim poder ser a dona de uma “beleza exótica”. Ser negro e poder ser considerado bonito está relacionado a não ter traços negros, mas sim aqueles próximos ao que a branquitude pauta como belo, que é o padrão de beleza europeu. Sim, isso é racismo, e dos mais comuns que a gente vê por aí, estão nos hipersexualizando e exotificando quando usam essas expressões.

“CABELO RUIM”, “CABELO DE BOMBRIL”, “CABELO DURO” E, A MAIS DESNECESSÁRIA, “QUANDO NÃO ESTÁ PRESO ESTÁ ARMADO”

A questão da negação da nossa estética é sempre comum quando vão se referir ao nosso cabelo afro. São falas racistas usadas, principalmente na fase da infância, pelos colegas, porém que se perpetuam em universidades, ambientes de trabalho e até em programas de televisão, com a presença negra aumentando na mídia. Falar mal das características dos cabelos dos negros também é racismo.

A ativista vincula também a questão da raça/etnia com abusos e maus-tratos. Destacamos, então, mais uma expressão porque podemos relacioná-la ao nosso tema do enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes:

“NÃO SOU TUAS NEGAS”

Facilmente explicável se lembrarmos de que quando se tratava do comportamento para com as mulheres negras escravizadas, assédios e estupros eram recorrentes. A frase deixa explícita que com as negras pode tudo, e com as demais não se pode fazer o mesmo, e no tudo está incluso desfazer, assediar, mal tratar, etc, etc.

FONTE: “Em boca fechada não entra racismo: 13 expressões racistas que devem sair do seu vocabulário”, disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/em-boca-fechada-nao-entra-racismo-13-expressoes-racistas-que-devem-sair-do-seu-vocabulario/>

ATIVIDADE 1

OS CABELOS



OBJETIVOS:

Questionar os padrões de beleza impostos aos cabelos e fortalecer a autoestima.



TEMPO RECOMENDADO:

50 minutos.



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Fotografias de pessoas com diversos tipos de cabelos, especialmente cabelos crespos ou livros que trabalhem a temática do cabelo afro; cartolina; cola; canetinha; giz de cera; lã de diversas cores.



NOTA PARA PLANEJAMENTO:

Deixe o material separado para o encontro. Se você preferir, também pode colocar as fotografias em exposição com um espaço para o grupo criar legendas.



PASSO A PASSO:

- Comece a atividade com uma roda de elogios. Muitas pessoas possuem dificuldade em tecer um elogio para o próximo. Mostre as fotografias de pessoas com cabelos afro e peça que cada um/a escreva uma frase para cada foto (a intenção é perceber qual parte da imagem chama a atenção).
- Em seguida, apresente as fotografias e converse sobre os padrões estéticos para os cabelos.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Quais adjetivos usamos para falar dos nossos cabelos? Todos os tipos de cabelo recebem os mesmos elogios ou críticas? Por que sim ou por que não?
- Como construímos nossa opinião a respeito do que consideramos feio ou bonito? Quem influencia nossa opinião sobre nossos cabelos?
- Você acha seu cabelo bonito?
- Como essa discussão sobre cabelos tem a ver com racismo?

- Por que “preferimos” o cabelo liso (e loiro)? Ou o nariz mais “fino”?
- Por que, para se referir ao cabelo afro, crespo ou muito cacheado, utilizamos a expressão “cabelo ruim”?
- Por que a beleza de homens e mulheres negros/as apenas recentemente está sendo valorizada e por quem?
- Por que, se a maioria da população se autodeclara negra ou parda, a maioria das/os artistas na televisão em novelas ou comerciais é branca?

FECHAMENTO:

O trabalho sobre valorização da diversidade cultural e de outros padrões estéticos torna-se fundamental especialmente para crianças e adolescentes, pois muitas situações de racismo e preconceito começam desde que são muito novos, por exemplo, a gozação com o cabelo que foge aos padrões estabelecidos de beleza. É importante pensar que qualquer padrão de beleza é uma construção histórica e social e tem a influência de grupos dominantes para determinar o que é bonito e de valor. Discutir a beleza na diversidade é construir referências positivas que contribuem para que as pessoas se fortaleçam e possam enfrentar o racismo e demais tipos de violência.

Embora tenhamos o “mito das três raças” (negra, indígena e branca) como um dos constituintes da identidade da nação, na prática, o Brasil sempre se “voltou” para a Europa. Esse é um tema complexo porque tem a ver com nossa colonização, mas também com a postura das elites brancas brasileiras de se identificar com um povo que não era o nosso (veja na introdução dessa seção a discussão sobre miscigenação). Assim, o país sempre buscou referências, padrões de beleza, valores culturais, estilos de vida e conhecimentos na Europa e, desde meados do século XX, nos Estados Unidos também. Um pequeno exemplo: Se pudéssemos perguntar para qual país a maioria dos brasileiros deseja viajar ou conhecer hoje, com a certeza de que não vamos errar muito, podemos dizer que a maior parte das respostas irá mencionar algum país europeu e/ou os Estados Unidos.

Mas o que essa discussão tem a ver com a atividade sobre cabelo? Ao padrão de beleza, valores e todo um ideário estético europeu é atribuída uma *superioridade* em relação aos de outros continentes e povos. Assim, fomos influenciados, entre outros aspectos, em nossa concepção de beleza. Não que não achemos outras belezas fora desse padrão, mas, frequentemente, elas são consideradas “exóticas”, “diferentes”. Exóticas e diferentes em relação a quem? Ao grupo com mais poder e que determinou o que seria “belo”.

**Dica:**

Para trabalhar a questão dos cabelos afro, você pode exibir o vídeo “Meu cabelo não é ruim/Poema crespo”, de Thiago Yuri, e falar sobre os usos/significados do termo “ruim”, disponível em bit.ly/1tbUOYg

No Brasil de hoje, muitas pessoas falam em “liberdade de opinião” e preferência, como se opiniões e preferências fossem “naturais” e não sofressem qualquer influência cultural.

Como também dissemos na introdução desta seção, a forma com que tratamos as questões referentes à raça/etnia pode fazer com que muitas crianças negras se sintam desvalorizadas, inferiorizadas ou pouco representadas, então um trabalho sobre a beleza nas diferenças é fundamental – para a autoestima, o respeito e o incentivo à empatia entre todas/os. É essa discussão sobre a valorização das múltiplas belezas de que esta atividade trata.

PARÓDIA

OBJETIVO:

Trabalhar o tema do enfrentamento do racismo através da elaboração de paródias.

TEMPO RECOMENDADO:

1h30.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Lápis, borracha, papel, letra da música a ser parodiada (você pode escolher conforme o gosto musical do grupo) e jornais.

NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Separe uma música bem conhecida da turma para inspirar a melodia da paródia. Faça cópias para distribuir entre os grupos.

PASSO A PASSO:

- Receba as/os participantes e pergunte se conhecem a música que você selecionou.
- Entregue ou mostre em um quadro a letra da música e converse sobre o entendimento que possuem sobre a letra.
- Em seguida, proponha a criação de uma paródia sobre a temática racial. Você pode propor um assunto que esteja em pauta no momento, desde combate ao racismo ou o respeito à diversidade racial. A paródia pode ser feita individual ou coletivamente.
- No final da atividade, reserve um espaço para as apresentações, que podem ser lidas ou cantadas. É interessante trabalhar a partir de um ritmo ou música que esteja presente no universo da turma.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- O que é o racismo para vocês?
- Por que acham que o racismo acontece?
- Já viveram ou presenciaram uma situação de racismo? Como foi?
- Quais as consequências de uma situação de racismo?
- O Brasil valoriza a cultura negra?
- Como podemos combater o racismo?





FECHAMENTO:

O objetivo dessa atividade é sensibilizar e envolver a turma para o enfrentamento do racismo. As paródias podem ser criadas em um tom de crítica a práticas racistas do nosso dia a dia ou ainda reforçar questões ligadas à autoestima.

MÍDIA E RACISMO¹⁰

OBJETIVO:

Identificar e discutir as situações de racismo existentes na mídia brasileira e de que modo a representação da população negra na imprensa está relacionada aos racismos de nosso cotidiano.

TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Revistas em quadrinhos, panfletos e propaganda impressa, recortes de jornais locais de maior circulação, encartes sobre programas de TV (principalmente sobre novelas e programas de auditório), revistas ou cadernos de esportes.

NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

O tema raça e racismo é muito importante de ser discutido em nossa sociedade, mas é comum encontramos resistências para debatê-lo. Uma boa maneira de iniciar este debate é discutir a representação de pessoas não-brancas na mídia brasileira.

Muitas vezes, as imagens de pessoas negras e indígenas veiculadas na mídia reproduzem e reforçam estereótipos (ver pág. 27) racistas e deturpam as expressões culturais desses grupos populacionais. O racismo é pouco tratado nos diferentes meios de comunicação, ainda que a população negra seja mais da metade dos habitantes do país. Ao conduzir esta atividade, esteja atenta/o a como o tema pode produzir reações sensíveis nas/os participantes. Promova o diálogo e a escuta, mas cuide para que não sejam reproduzidas falas racistas no grupo que possam silenciar ou atingir outras/os participantes.

10. Adaptado de BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS. *Adolescentes e jovens para a educação entre pares: raça e etnias*. Brasília: Ministério da Saúde, 2011, p. 38.

PASSO A PASSO:

- Divida as/os participantes em subgrupos e distribua igualmente materiais para cada subgrupo. Explique que a proposta da atividade é analisar e discutir esse material, que chega a nós de diferentes maneiras. Informe que terão cerca de 30 minutos para discutir entre si.
- Dê as seguintes instruções para que possam discutir o material recebido:
 - Identificar quem ocupa lugares mais importantes no material: pessoas brancas, negras ou indígenas?
 - Comparar *como* as pessoas brancas, negras e indígenas aparecem no material analisado. Se possível, fazer a contagem dessas aparições.
 - Observar o número de representações positivas (relacionadas a situações valorizadas em nossa sociedade) e negativas de pessoas negras e de pessoas brancas no material.
 - Analisar entre o material colhido quem são as pessoas que ocupam cargos de destaque nas empresas por meio da cobertura midiática.
- Reúna o grupo novamente e peça que compartilhe suas observações.

**PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:**

- Existem diferenças na forma como pessoas brancas e negras são retratadas nestes materiais? Quais são?
- Entre as mulheres, a inserção e a representação das mulheres negras e brancas acontecem da mesma forma? Comente.
- O que é o racismo para vocês?
- Por que acham que o racismo acontece?
- Já viveram ou presenciaram uma situação de racismo? Como foi?
- Quais as consequências de uma situação de racismo?
- Como podemos combater o racismo?

**FECHAMENTO:**

Lutar contra o preconceito e a discriminação racial, enfrentar o racismo, é algo que precisamos fazer coletivamente. Essa luta não deve ser uma responsabilidade apenas de quem sofre discriminação. Boa parte da população brasileira não se considera racista, ainda que tenhamos tantas situações de racismo em nosso país. É importante discutirmos esse tema quando trabalhamos equidade de gênero, pois a articulação de gênero e raça pode criar posições de grande vulnerabilidade.

Dicas:

MEUS HERÓIS NEGROS E COMBATE AO RACISMO RELIGIOSO



No Youtube, o adolescente PhCôrtés criou um canal para se comunicar e mostrar referências de mulheres e homens negros que fizeram a história do Brasil em vários campos, como conquista de liberdade e direitos, literatura, música, entre outros. Confira os vídeos da série “Meus heróis negros brasileiros”. Exibir referências positivas para o grupo de adolescentes também é muito interessante para falar de **representatividade** e identidade. Confira em:

<https://www.youtube.com/user/Phcortesmotta1/videos>

Outro problema sensível e bastante comum é o racismo religioso. Há ainda muito preconceito, desinformação e estereótipos relacionados às religiões de matriz africana (como o candomblé e a umbanda). Para discutir esse tema, uma animação pode ajudar: “Bom saber sobre racismo religioso”, que está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p8LH5N43K3k>

GLOSSÁRIO:

“Representatividade” é a possibilidade de uma parte de um grupo de pessoas representar a maioria ou todas as pessoas do mesmo grupo em algum espaço. Quando estamos tratando das questões raciais, usamos a palavra “representatividade” para falar da importância de vermos pessoas negras e outras pessoas não brancas na mídia e em espaços de poder, sendo representadas em maior quantidade e de maneira mais positiva (valorizada). Para entender melhor por que “representatividade importa” acesse <http://bit.ly/1ToAGjL>

ATIVIDADE 4

RÓTULOS E PAPÉIS¹¹



OBJETIVO:

Reconhecer como são construídos os rótulos e eles repercutem nas relações humanas.



TEMPO RECOMENDADO:

1h30 minutos.



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Etiquetas autoadesivas, canetas de ponta grossa.



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

É importante que você ajude as/os jovens a se envolverem no exercício, participando da dinâmica. Outro aspecto a se tomar cuidado é evitar situações de agressão, mesmo que sutis.



PASSO A PASSO:

- Peça que formem grupos e informe que terão que cumprir uma tarefa: elaborar uma campanha comunitária.
- Pregue, aleatoriamente, uma etiqueta adesiva nas costas de cada participante com uma característica (sonso, inteligente, tonto, trabalhador, responsável, brincalhão, assanhada, complicada, metida, preguiçoso, golpista, difícil, delicado, gentil, mal educado, pobre, entre outras que você julgar importantes para discussão). Misture no mesmo grupo etiquetas com características positivas ou negativas. As/os participantes não podem ver a etiqueta que receberam, só a dos outros.
- Diga que para cumprir a tarefa, elas/es têm que se relacionar com todas/os as/os integrantes do grupo, mas devem tratá-las/os conforme a característica que tem na etiqueta.
- Então peça que comecem a trabalhar juntas/os. Depois de 10 a 15 minutos em que estão trabalhando na tarefa, peça que parem.
- Reflita com o grupo sobre o que aconteceu e como cada pessoa se sentiu. Depois, cada pessoa dirá que característica imagina que recebeu de acordo com a forma como foi tratada. Somente após isso, ela poderá ver sua etiqueta.

11. Essa atividade originalmente chamava-se “Jogo de papéis” e foi extraída do Manual H.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- O que aconteceu no exercício? Como vocês se sentiram?
- Vocês conseguiram cumprir a tarefa?
- Os tipos de atitude que surgiram no grupo dificultaram ou facilitaram o cumprimento de metas?
- Em que essa situação se parece à vida real?
- Como estes rótulos afetam as relações entre as pessoas? Que outros exemplos de rótulos conhecem?
- Quais os rótulos que existem sobre as mulheres negras? E sobre os homens negros?
- Como reagimos quando essas situações ocorrem conosco?
- Como lidar com os rótulos e estabelecer relações significativas?

FECHAMENTO:

Discuta sobre como os rótulos e os estereótipos afetam as pessoas e o porquê de eles serem socialmente atribuídos. Enfatize a importância de desaprender formas de relacionamento que não são úteis, como:

- O castigo, a chantagem e os julgamentos
- Os rótulos, os apelidos, e as “brincadeiras”
- Discriminações por conta da cor da pele, nível econômico, sexo ou orientação sexual
- Que alguém do grupo familiar e/ou da sala de aula ocupe o lugar de bode expiatório (uma pessoa que recebe todas as culpas)
- A inflexibilidade, a teimosia e a imposição
- O desprezo, a indiferença, os silêncios

Tudo isso gera culpa, desvalorização e afeta a autoestima e a integridade da pessoa. O sentimento de pertencimento a um grupo, a integração grupal e a participação democrática são fundamentais para o desenvolvimento do potencial individual e coletivo e o desenvolvimento socio-comunitário, entre outros. Também é importante refletir como colocar rótulos sobre as outras pessoas é um comportamento autoritário, contribuindo para preconceitos e violências.

Dica:



Você pode fazer a ligação dessa atividade com “Pessoas e coisas”, que mostra como as relações de poder afetam a construção desses rótulos, e também com “Diversidade e direitos: eu e os outros”. Essas duas atividades são apresentadas na próxima seção, “Prevenção de violências”.

PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIAS

ATIVIDADE 1

O que são direitos humanos? 119

ATIVIDADE 2

Pessoas e coisas 125

ATIVIDADE 3

Quero, não quero... Quero, não quero 129

ATIVIDADE 4

Diversidade e direitos: eu e os outros 134

ATIVIDADE 5

Violência sexual: é ou não é? 138

ATIVIDADE 6

Jogo do bingo para falar de
exploração sexual de crianças
e adolescentes 143

ATIVIDADE 7

Verdade ou consequência
contra a exploração sexual
de crianças e adolescentes 146

Em diferentes momentos do guia, mencionamos como o tema da violência está relacionado a desigualdades de gênero, a questões ligadas à sexualidade e ao preconceito racial, não é mesmo? Nesta seção, vamos aprofundar um pouco mais essa discussão, refletindo sobre algumas violências específicas, como o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes, e sobre formas de enfrentá-las.

Em primeiro lugar, vamos pensar sobre o que é violência? Nosso entendimento sobre a violência sofre muitas influências, por isso, é difícil ter uma definição única. Há formas mais visíveis de violência e outras mais invisíveis, mas nenhuma característica pode relativizar sua gravidade. De maneira geral, a violência se refere a comportamentos que provocam ou podem provocar danos físicos ou psicológicos a si mesma/o ou a outras pessoas.

Uma definição interessante é a da Organização Mundial de Saúde (OMS) que considera violência como:

O uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, 2002)

De acordo com essa ideia, a OMS caracteriza as violências de acordo com seus tipos, isto é, **conforme quem as comete**:

- **VIOLÊNCIA AUTOINFLIGIDA** – é a violência contra si mesma/o, subdividida em comportamento suicida (pensamentos suicidas e tentativas de suicídio) e atos de automutilação (mutilar-se, ferir-se).
- **VIOLÊNCIA INTERPESSOAL** – é aquela causada por outra pessoa ou grupo. É o caso da violência dentro da família, a causada por parceiras/os íntimas/os (namorada/o, esposa/o, ficante etc) e violência comunitária.
- **VIOLÊNCIA COLETIVA** – dividida em violência social, política e econômica, este tipo de violência pode indicar a existência, por exemplo, de crimes de ódio cometidos por grupos organizados, guerras e conflitos armados, atos terroristas ou ainda a violência cometida pelo próprio Estado. Também pode incluir a violência institucional, isto é, as cometidas em serviços e instituições que prestam atendimento à população.

Ou de acordo com sua natureza, que são **as formas que as violências assumem**, sendo as principais:

- **VIOLÊNCIA FÍSICA** – uso da força física de forma intencional contra alguém. Ex.: bater, dar beliscão, puxar cabelo, empurrar, dar socos e pontapés, etc.
- **VIOLÊNCIA EMOCIONAL OU PSICOLÓGICA** – qualquer forma de comportamento que cause dano emocional, diminuição da autoestima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento. A violência psicológica também está relacionada a tentar rebaixar uma pessoa ou a controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, por meio de ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outra forma que cause prejuízo à saúde psicológica e ao direito da pessoa de decidir por si mesma.
- **VIOLÊNCIA SEXUAL** – é qualquer ato sexual não desejado ou tentativa de obtê-lo por meio de ameaça física ou psicológica. Também é considerada violência sexual qualquer conduta que constranja uma pessoa a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, que a induza a comercializar ou a utilizar sua sexualidade, que limite ou anule o exercício dos direitos sexuais e direitos reprodutivos.
- **NEGLIGÊNCIA OU ABANDONO** – caracteriza-se pela falta de atenção, ausência, descaso, omissão. No caso de crianças e adolescentes pode ser classificada em: emocional, física, médica e educacional.

Em nosso trabalho de promoção da equidade de gênero, outra definição de violência que devemos ter em mente é a **violência de gênero**. Essa violência pode ocorrer sob cada uma das formas que indicamos anteriormente – física, psicológica, sexual, entre outras – e está relacionada e “amparada” em motivações ligadas a ideias social e culturalmente atribuídas a homens ou mulheres, isto é, baseada nos estereótipos de gênero. São exemplos de violência baseada em gênero: violências contra a mulher cometidas pelo parceiro íntimo, atos de homofobia, estupros corretivos contra mulheres lésbicas, entre outros.

A prevenção de qualquer tipo de violência contra crianças e adolescentes está entre os temas mais importantes para a garantia dos direitos humanos desses grupos. Neste guia, vamos enfatizar a reflexão sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes.

Primeiro, mencionamos a definição da Organização Mundial de Saúde sobre a violência sexual. Mas o que o **Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes** diz sobre essa violência? Segundo o plano nacional, violência sexual é

“todo ato, de qualquer natureza, atentatório ao direito humano ao desenvolvimento sexual da criança e do adolescente, praticado por agente em situação de poder e de desenvolvimento sexual desigual em relação à criança e adolescente vítimas.”¹²

A última versão desse plano é de 2013. Um plano é um instrumento para orientar as atividades de proteção de crianças e adolescentes no nível das cidades, dos estados e no nível federal. Neste caso, o plano orienta as ações de enfrentamento da violência sexual.



Isso quer dizer que seja qual for o tipo da violência sexual, ela fere um direito humano de crianças e adolescentes: o direito ao desenvolvimento sexual saudável.

O plano também está explicando que são consideradas autores/as dessa forma de violência qualquer pessoa que tenha mais poder e esteja em uma fase de desenvolvimento sexual desigual em relação a crianças e adolescentes. Assim, o plano retoma uma ideia que está presente no Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA: crianças e adolescentes são pessoas em fase especial de desenvolvimento e este desenvolvimento – sexual, psicológico, físico, etc – precisa ser protegido das violências.

Dentro dessa definição de violência sexual, o documento reconhece duas formas principais desse tipo de violência:

12. BRASIL/SDH. Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, p. 22.

ABUSO SEXUAL

Todo e qualquer ato ou jogo sexual, em uma relação heterossexual ou homossexual, com o intuito de estimular sexualmente ou utilizar a criança ou adolescente para obtenção de prazer, com ou sem sua permissão. O autor da violência está em fase de desenvolvimento psicológico e sexual mais adiantado que a vítima e pode ou não recorrer ao uso da força, ameaça, sedução ou aliciamento com presentes para alcançar seu objetivo.

Geralmente, o abuso sexual é praticado por uma pessoa com quem a criança ou adolescente **possui uma relação de confiança, dependência ou afeto e/ou com quem convive** (familiares, vizinhos/as, professoras/es, amigas/os da família, etc). Em todas essas formas de abuso, há uma desigualdade de poder entre a criança/adolescente e o autor da violência, seja pela posição que ocupa em relação à criança, seja pela idade, seja por gênero etc. O abuso sexual acontece em todas as idades.

- **ABUSO SEXUAL SEM CONTATO FÍSICO:**

- voyeurismo: olhar o corpo da criança ou adolescente para obter satisfação sexual: no banho, ao se vestir...
- exibicionismo: mostrar os órgãos genitais ou se masturbar diante da criança/adolescente ou no seu campo de visão, a fim de obter satisfação sexual;
- abuso sexual verbal/telefonemas obscenos: pode ser definido por conversas abertas sobre atividades sexuais a fim de despertar o interesse da criança ou adolescente e chocá-las/os;
- assédio sexual: realizar propostas de relações sexuais para crianças e adolescentes, envolvendo ou não ameaça ou chantagem;
- exibir vídeos, fotos, revistas ou qualquer material com conteúdo pornográfico a fim de excitar ou chocar a criança ou adolescente.

- **ABUSO SEXUAL COM CONTATO FÍSICO:**

- Relação sexual de todos os tipos (anal, oral, vaginal);
- Tocar partes íntimas, se esfregar, sentar a criança no colo pressionando seus órgãos sexuais, forçar a criança ou adolescente a masturbá-la/o.

EXPLORAÇÃO SEXUAL

É a utilização de crianças e adolescentes em atividades sexuais em troca de dinheiro ou favores (comprar algum objeto, pagar refeições, hotéis, passeios etc.). Não importa quem recebeu o dinheiro, o presente ou serviço: a família, os aliciadores/agenciadores (aquela pessoa que facilita ou organiza a negociação) e mesmo a criança ou adolescente – é exploração sexual. São formas de exploração sexual de crianças e adolescentes:

- **TROCAS DE FAVORES SEXUAIS** – Como o nome diz, é a troca de sexo por pagamento em dinheiro ou por quaisquer tipos de favor ou benefícios (comida, presentes, passeios para criança ou família, por exemplo). Podem ser agenciadas (há um aliciador ou alguém que favoreça a situação de exploração) ou não agenciadas. Algumas pessoas ainda utilizam o termo prostituição infantil para se referir a esta prática de exploração sexual de crianças e adolescentes. Veja no quadro seguinte os motivos para não usar o termo.
- **PORNOGRAFIA INFANTIL** – Qualquer representação de uma criança/adolescente em atividades sexuais simuladas ou explícitas ou de seus órgãos genitais para propósitos sexuais. A produção, reprodução, venda, exposição, distribuição, compartilhamento, comercialização, aquisição, posse, publicação ou divulgação de materiais pornográficos (fotografia, vídeo, desenho, filme etc.), seja por quais meios for, envolvendo crianças e adolescentes é considerada pornografia infantil e é crime.
- **EXPLORAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO DO TURISMO** – Agenciamento de crianças e adolescentes para oferta de serviços sexuais para turistas estrangeiros e ou do próprio país. Acontece sempre que os equipamentos ligados ao turismo (hotéis, pousadas, bares, casas de show, restaurantes, agências ou guias de turismo, serviços de transporte, etc) são envolvidos para facilitar ou promover a exploração sexual de crianças e adolescentes.
- **TRÁFICO PARA FINS DE EXPLORAÇÃO SEXUAL** – Envolve atividades de cooptação e/ou aliciamento, rapto, intercâmbio, transferência e hospedagem da pessoa recrutada para fins de exploração sexual.

Seja por qual motivo que a criança ou adolescente esteja envolvida, em todas essas situações, a responsabilidade é do adulto que a está explorando.

Por que não usamos a expressão prostituição infantil?

Quando estamos falando de crianças e adolescentes, toda vez que há alguma espécie de troca ou pagamento pela prática sexual – em dinheiro, oferta de presentes ou serviços – isso se chama exploração sexual e não prostituição infantil. Não utilizar o termo “prostituição” nesse caso, nos ajuda a reconhecer de que está havendo uma situação de violência sexual. Crianças e adolescentes não têm condições de escolher estar nessa situação, que gera graves consequências para a saúde física, mental e emocional das vítimas.

As condições de vulnerabilidade econômica ou psicológica de crianças e adolescentes são uma das causas da exploração sexual. Por isso, elas não são inseridas nestas práticas como “agentes da situação”, mas como vítimas. Neste sentido, também não é adequado se referir a crianças e adolescentes como “prostitutas” ou mesmo “prostituídas”.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

SOBRE ABUSO E EXPLORAÇÃO SEXUAL¹³

A ideia de apresentar os conceitos não é a gente decorar cada um, mas ajudar a reconhecer as muitas formas da violência, o que vai contribuir bastante para nosso trabalho de prevenção. Também ajuda muito discutir alguns mitos relacionados ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes. Para isso dê uma olhada nas perguntas e respostas abaixo:

ABUSO SEXUAL

Quais são os sinais de que uma criança/adolescente pode estar sofrendo abuso sexual?

Essa é uma pergunta muito difícil de responder por uma série de razões. Os sinais e sintomas podem variar de criança/adolescente para criança/adolescente e estão relacionados à idade que tinham na época do abuso, à duração do abuso (um único dia, meses, anos), à relação da criança/adolescente com o/a abusador/a, à percepção da criança/adolescente sobre o abuso (muitas não reconhecem quando estão sendo/foram abusadas), entre outros motivos. Além disso, os sinais de que uma criança/adolescente está sendo abusada/o podem ser parecidos com os sinais que ela/ele demonstra quando está sofrendo outras violências, como físicas ou psicológicas. Assim, é preciso ter cuidado ao relacionar os sinais com a realidade. Sinais corporais mais evidentes (principalmente se estamos falando de crianças) são as infecções sexualmente transmissíveis e ainda dor, inchaço, lesão ou sangramento na vagina, pênis ou ânus.

13. Fontes: PROMUNDO. *Pelo fim da exploração sexual – O que os homens podem fazer? – Manual para sensibilização de adolescentes entre 10 e 14 anos*. Rio de Janeiro: Promundo, 2008; Santos, Rita Ippolito Benedito Rodrigues dos. *Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Seropédica, RJ: EDUR, 2011; ANDI. *Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes – Guia de referência para a cobertura jornalística*. 2ª edição. ANDI: Brasília, 2013; ARCARI, C. *Pipo e Fifi: prevenção de violência sexual na infância* (<http://www.pipoefifi.org.br/home.html>); CHILDHOOD. *Vítimas da exploração sexual de crianças e adolescentes – Indicadores de risco, vulnerabilidade e proteção*. World Childhood Foundation (WCF), 2009.

Outros sinais são doenças de fundo emocional, baixa autoestima, pânico de uma determinada pessoa ou de alguém do mesmo sexo do/a abusador/a, vergonha excessiva, tristeza, agressividade, ansiedade, conhecimento sobre temas relativos ao sexo avançado para a idade, fuga de casa, desconfiança das pessoas, baixo desempenho escolar, abuso de álcool e/ou drogas etc.

Crianças e adolescentes com deficiências também podem sofrer abuso sexual?

Sim. Na verdade, crianças e adolescentes com deficiências podem estar muito vulneráveis a violências sexuais. Em primeiro lugar porque se as pessoas já têm dificuldade de conversar sobre sexo e sexualidade com crianças/adolescentes sem deficiência, têm ainda muito mais com crianças/adolescentes com deficiência. Em segundo porque muitas pessoas acreditam que crianças/adolescentes com deficiência não têm sexualidade (claro que têm!) ou que não irão entender o conteúdo da conversa. É certo que podemos precisar de diferentes estratégias, de acordo com o tipo de deficiência, para abordar o tema, mas essa é uma conversa urgente. Os/as abusadores/as se valem de muitos fatores (como a falta de confiança na palavra da criança/adolescente, inocência e nos laços de confiança) para abusar.

O abuso sexual só acontece nas classes pobres?

Não. O abuso sexual acontece em todas as classes sociais e pode ser cometido por pessoas de diferentes níveis de escolaridade, de qualquer religião, raça/etnia, orientação sexual etc. No entanto, muitas vezes os casos envolvendo as classes mais pobres se tornam mais visíveis porque podem ser explorados por programas de televisão e jornais sensacionalistas ou expostas nos bairros ou por alguns serviços de atendimento. Outro fator relacionado à classe social diz respeito a maior vulnerabilidade de crianças e adolescentes mais pobres, que costumam ter menos acesso a serviços de saúde, ficar mais sozinhas em casa ou podem receber menos informações sobre sexualidade.

Meninos também sofrem abuso sexual?

Sim. Embora a maior parte dos abusos seja cometida contra meninas (crianças ou adolescentes), os meninos (crianças ou adolescentes) também podem ser vítimas dessa violência. Muitas vezes, o silêncio é ainda maior no caso de meninos abusados porque eles temem ser questionados em sua masculinidade, devido aos estereótipos de gênero. De acordo com alguns estudos, o trauma para o menino é equivalente se o abusador foi um homem ou uma mulher. O abuso sexual não pode, de jeito nenhum, ser considerado um “aprendizado” ou uma forma de os meninos demonstrarem que são homens “de verdade”.

Mesmo se a menina ou menino permitir, houve abuso?

A responsabilidade é sempre da pessoa que cometeu o abuso, nunca da vítima. Existem muitos meios pelos quais uma criança/adolescente pode ser envolvida em uma história e não se opor a casos de abuso: seja pela sedução com palavras, atenção ou presentes; seja pela posição de poder e autoridade do abusador em relação à criança/adolescente; seja pela chantagem e manipulação emocional; seja por fazer a criança/adolescente acreditar que ela é “especial”. Todos esses são recursos utilizados para se aproveitar da vulnerabilidade da criança/adolescente.

Qual é o perfil do abusador?

Não há um único perfil. Podem ser pessoas de qualquer classe social, gênero, orientação sexual, raça/etnia, religião, origem. Pessoas com poder e pessoas comuns. Na maior parte das vezes, o abusador é uma pessoa que convive com a criança em casa ou tem acesso fácil a ela, na vizinhança, na escola, na instituição religiosa, no clube esportivo, etc. Raramente é uma pessoa estranha, que não tenha alguma relação com a criança/adolescente. Nem sempre foram abusadas sexualmente na sua própria infância ou adolescência, embora seja comum que isso aconteça. É importante, no entanto, ter cuidado porque nem toda pessoa que foi abusada se tornará um abusador no futuro.

Todo abusador é um pedófilo?

Não é correto afirmar que todos os abusadores são pedófilos, nem que todos os pedófilos são abusadores. A pedofilia é classificada como um tipo de disfunção sexual. Define-se, em termos gerais, pela atração erótica por crianças. No entanto, há muitos pedófilos que satisfazem esse desejo sexual apenas em suas fantasias não cometendo qualquer violência sexual contra crianças. Mas se praticar abuso ou exploração sexual de crianças e/ou se utilizar de pornografia infantil para atender seus desejos sexuais, aí sim estará cometendo violência sexual. E nem todo abusador é pedófilo, mas comete o abuso como uma forma de exercer poder e se satisfazer sexualmente com crianças e/ou adolescentes.

Existem formas de autoproteção?

Sim. É importante lembrar que não devemos responsabilizar as crianças e adolescentes pela ocorrência da violência sexual. Precisamos de políticas públicas, conversar com as famílias e comunidades, divulgar os canais de denúncia e responsabilizar os agressores. Mesmo assim, algumas atitudes podem ajudar a gente a se proteger dessas formas de vio-

lência ou a buscar ajuda mais rápido. É preciso conversar com crianças e adolescentes sobre corpo e sexualidade: ensiná-las a se conhecer e dizer que o corpo é delas e elas têm direito a dizer não. Também falar sobre “os bons e os maus toques”, ou seja, aqueles que não respeitam nosso corpo, nossa privacidade, nos fazem sentir constrangidas/os ou assustadas/os. Procurar fortalecer a autoestima e a confiança de crianças e adolescentes é uma medida que contribui para que elas/eles possam se defender. Outro passo importante é mostrar como buscar ajuda de uma pessoa de confiança e falar de órgãos e instituições que apoiam crianças e adolescentes, como o Conselho Tutelar, delegacias especializadas, justiça da infância e juventude, etc.

Dá uma olhada nesses sites aqui para ajudar:

- **PIPO E FIFI:**
www.pipoefifi.org.br
www.educacaosexual.org.br
- **DEFENDA-SE:**
<http://defenda-se.com/>
- **SAFERNET:** na página da Safernet, também é possível fazer denúncias de crimes acontecidos na internet!
<http://new.safernet.org.br/#>
- **CONEXÃO ANA:** guia de autoproteção sobre direitos sexuais para crianças e adolescentes:
https://issuu.com/anaalianca/docs/conex__o_ana_-_guia_de_autoprote___



O que devo fazer diante de uma situação de abuso sexual?

Se alguém veio te contar um caso de abuso sexual, primeiro é importante acreditar na palavra de quem está te relatando o caso e, principalmente, não tentar justificar a violência ou sugerir que a vítima possa ter feito alguma coisa para sofrer aquilo. Depois, é preciso buscar ajuda de uma pessoa de confiança ou de um órgão especializado em atender esses casos. Pode ser o Conselho Tutelar, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), uma delegacia da criança ou adolescente, etc (veja na pág. 164). Temos que preservar a identidade da vítima, não sair contando o caso para todo mundo, mas também não podemos prometer segredo porque o segredo protege quem está abusando.

Outra dica muito importante é ligar para o **Disque 100**, que é um canal anônimo de denúncias de casos de violência contra crianças e adolescentes. Lembre-se que tanto o abuso quanto a exploração sexual são crimes.

Veja o que é o Disque 100 na pág. 114.



EXPLORAÇÃO SEXUAL

O que causa a exploração sexual de crianças e adolescentes?

Existem vários fatores: desigualdades de gênero, de raça/etnia, classe social, de faixa etária, questões ligadas às características individuais de cada criança e adolescente, além de situações de violência das mais diversas naturezas. Esses fatores deixam crianças e adolescentes mais vulneráveis, ou seja, elas se tornam mais facilmente vítimas de exploração sexual. Outras questões importantes são a tolerância da sociedade com a exploração sexual principalmente de adolescentes (que, muitas vezes, são consideradas culpadas pela situação) e a impunidade que faz com que as leis que poderiam proteger crianças e adolescentes não sejam cumpridas e ninguém seja responsabilizado pelo crime de exploração sexual.

Quem é responsável pela ocorrência de exploração sexual?

Muitas pessoas põem a culpa na família das próprias crianças e adolescentes. Mas é preciso tomar cuidado com essa afirmação porque, em muitos casos, as famílias estão tão fragilizadas com a falta de acesso a serviços básicos, alimentação, trabalho, etc quanto as próprias crianças e adolescentes. Assim, a capacidade das famílias de cuidar e proteger está reduzida. Como dissemos na pergunta anterior, existem muitos fatores que causam a exploração sexual. Outras pessoas e instituições também têm a função de proteção à criança e ao adolescente: órgãos públicos e privados (escolas, unidades de saúde, por exemplo), comunidades e suas associações, instituições religiosas, empresas, entre outras.

Quais são as consequências da exploração e do abuso sexual para crianças e adolescentes?

Uma pesquisa apontou que 61% das crianças e adolescentes vítimas de abuso ou exploração sexual no Brasil já pensaram em suicídio e mais de 58% já tentaram praticá-lo, o que mostra as graves consequências da

violência sexual para a vida de crianças e adolescentes¹⁴. Tanto as famílias quanto as instituições que atendem crianças e adolescentes precisam buscar por ajuda profissional em caso de violência sexual contra estes grupos.

Quem são as pessoas que cometem a exploração sexual de crianças e adolescentes?

Como no caso do abuso, não há um perfil único. Aqueles envolvidos em práticas de exploração sexual de crianças e adolescentes são pessoas comuns, possuem diferentes idades, níveis de estudo, classes sociais, raça/etnia, e, na maior parte das vezes, não possuem qualquer problema de saúde mental. Podem ser brasileiros ou estrangeiros e exercer as mais diferentes profissões. Um estudo realizado com homens de sete países apontou que essa prática está ligada a uma relação de poder entre o homem e a menina ou o menino. Muitas vezes, a relação sexual com crianças e adolescentes é tida como uma “oportunidade” para fazer sexo e muitos homens consideram essa prática como “natural e legítima”.

No comércio do sexo, a rede de aliciadores ou aliciadoras é bastante grande: operadores de turismo, barraqueiros de praia, seguranças, garçons, taxistas, donos de casas noturnas, bares e restaurantes, recepcionistas de hotéis, além dos próprios familiares. A rede ainda envolve pessoas com poder econômico e político nas diferentes cidades.

Qual o papel dos homens na prevenção da exploração sexual?

Os homens são os principais autores de violência sexual, mas não é a maioria dos homens que faz ou aprova isso, não é? Então essa maioria tem muito a fazer. Isso inclui: desconstruir alguns mitos relacionados a gênero e masculinidades que dizem que eles têm que controlar a mulher, não podem negar relações sexuais, que têm que se julgar superiores às mulheres, etc. Precisam também refletir sobre seu próprio papel em uma dinâmica de violência em vez de culpar roupas, bebidas, drogas ou horários em que as meninas e mulheres estão ou não estão nas ruas, nas baladas, nos bares, etc. Não é a roupa que está explorando a menina nem está obrigando o homem a fazê-lo, só pra dar um exemplo. Mas, além de mudar seus próprios pensamentos, atitudes e crenças em relação a essas questões, eles podem fazer uma coisa fundamental: conversar com

14. *Vítimas da exploração sexual de crianças e adolescentes – Indicadores de risco, vulnerabilidade e proteção*. World Childhood Foundation (WCF), 2009.

outros homens, mostrando modelos alternativos e mais igualitários de masculinidade. Existem muitas formas de ser homem e uma delas pode ser a de um homem que não faz, aceita, nem justifica qualquer forma de violência contra crianças, adolescentes e mulheres.

Dica:

Os vídeos da campanha “Não é curtição, é exploração sexual contra crianças e adolescentes” foram produzidos para conversar com os homens a respeito de alguns os mitos envolvendo a exploração sexual de crianças e adolescentes. Eles falam de homem para homem e podem ser exibidos nas suas atividades educativas com meninas e meninos também. Veja o endereço onde você pode encontrar não apenas os vídeos, mas outros materiais da campanha: <http://contraexploracaosexual.org.br/>



Há um perfil de crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual?

Observa-se que a maioria das vítimas é formada por crianças e adolescentes do sexo feminino, negras ou pardas. Meninas e meninos explorados sexualmente têm, geralmente, entre 10 e 17 anos e a maior parte delas/es tem baixa escolaridade.

Quando a menina ou o menino se “oferece” também é exploração sexual?

Sim. Esse é um dos pontos mais polêmicos, mas ainda assim é considerado exploração sexual. Existem crianças e adolescentes que podem não se reconhecer como vítimas daquela situação. É importante lembrar que meninas e meninos (pelo nosso Estatuto da Criança e Adolescente, até os 18 anos) estão em processo de formação e podem estar tomando determinadas decisões sob muitas pressões e condições de vulnerabilidade. Vale repetir: cabe ao adulto se responsabilizar pelas decisões tomadas.

Existe punição para quem explora sexualmente crianças e adolescentes?

Sim, em maio de 2014, foi aprovada a Lei 12.978, que torna hediondo (quando é muito horrível, cruel) o crime de exploração sexual de criança, de adolescente ou de pessoa vulnerável. A exploração sexual de crianças e adolescentes passa a ser considerada um crime inafiançável e a pena prevista é de 4 a 10 anos de reclusão, aplicável também a quem facilitar essa prática, impedir ou dificultar o seu abandono pela vítima.

Onde acontece a exploração sexual de crianças e adolescentes?

Acontece em cidades de qualquer tamanho, seja na área urbana seja na área rural, em todos os estados do Brasil.

Acontece naqueles lugares em que a gente sempre ouve falar como praias, bares, rodovias, restaurantes, boates, hotéis, motéis, portos, postos de combustíveis, praças, grandes festas (carnaval, rodeios, feiras etc), bordéis... E também no meio virtual, com a guarda, divulgação e produção de fotos e vídeos de caráter sexual envolvendo crianças e adolescentes através da internet, no celular, no computador, *tablet*, etc.

Como ajudar uma criança ou adolescente que sofreu/sofre exploração sexual?

Em primeiro lugar, é importante reconhecer a violência. Não só identificar sinais de que uma criança ou adolescente pode estar sendo explorada/o, mas também não considerar normais algumas práticas. Esta sensibilização é um dos objetivos das atividades deste guia. Outra forma de apoio importante é não julgar nem a menina nem o menino que sofreu violência e buscar atendimento adequado. Fundamental também é denunciar o caso de violência. É possível recorrer a alguma instituição como Conselho Tutelar, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) ou delegacias especializadas (veja mais na pág. 164) ou fazer uma denúncia anônima no Disque 100 (veja mais na página 114).

O que sabemos sobre a exploração sexual de crianças e adolescentes no contexto do turismo?

Um estudo¹⁵ sobre a exploração sexual de crianças e adolescentes em viagens e turismo, lançado em maio de 2016, chegou a alguns resultados sobre esse tipo de crime:

15. ECPAT INTERNATIONAL. *Global Study: Sexual Exploitation of Children in Travel and Tourism 2016*.

- O número de crianças e adolescentes vulneráveis a esta violência dobrou nos últimos anos;
- Grandes eventos esportivos podem aumentar os riscos de exploração sexual de crianças e adolescentes. Outras violências que costumam crescer durante esses eventos são: trabalho infantil, remoções de comunidades e violência policial;
- As pessoas que cometem exploração sexual de crianças e adolescentes no contexto de viagens e turismo acreditam que não haverá nenhuma punição contra elas. O número de punições realmente é pequeno, por isso a denúncia é importante.

18

O que é o 18 de maio?

É o Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes. A escolha da data é uma lembrança a toda a sociedade brasileira sobre a menina Araceli Cabrera Sanches. Em 18 de maio de 1973, quando Araceli tinha 8 anos, ela foi sequestrada, drogada, espancada, estuprada e morta por membros de uma tradicional família do Espírito Santo. Muita gente acompanhou o caso, mas poucos fizeram a denúncia. Em função disso, os autores do crime não foram punidos.

O Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes lembra “a memória de Araceli e reafirma a responsabilidade da sociedade brasileira em garantir os direitos de todas as crianças e adolescentes”¹⁶.

16. Adaptado da página do Comitê Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual de Crianças e Adolescentes, seção “O Brasil tem um dia”, disponível em <http://www.comitenacional.org.br/o-que-e-18-maio-000.php>.

DISCUTINDO CONSENTIMENTO

Consentir significa permitir, autorizar, aceitar. É um ponto muito importante quando estamos tratando de relacionamentos e de prevenção de violências nesses relacionamentos. Desde que somos crianças ou adolescentes, precisamos saber que: **o nosso corpo nos pertence, mas o corpo do outro não.** A pessoa precisa permitir que toquemos em qualquer parte de seu corpo ou que a beijemos (o que não acontece naqueles beijos forçados nas baladas ou no carnaval, por exemplo). Também precisa querer e aceitar uma relação de namoro, casamento ou relação sexual, seja de qual tipo for. Nada disso pode ser imposto com o uso da força física, de ameaças ou de chantagens. **Consentir é diferente de se submeter.**

Em primeiro lugar, só pode consentir qualquer coisa quem está consciente. Uma pessoa desmaiada, dormindo, bêbada ou sob o efeito de drogas não está em condições de consentir ou de tomar qualquer decisão consciente sobre o que está acontecendo. Pela lei, além de pessoas que, por qualquer motivo, não podem oferecer resistência, também pessoas com alguma doença ou deficiência mental e menores de 14 anos não são consideradas em condição de consentir. Ter relação sexual com alguém nessas condições é considerado estupro de vulnerável. Mas se você tem entre 14 e 18 anos ou mesmo mais de 18 anos, saiba que a lei também te protege de qualquer forma de relação forçada. Nem em um casamento ou relação estável, uma pessoa é obrigada a fazer sexo contra a própria vontade.

Outro ponto muito importante: a gente dá e tira o consentimento quando quiser. Não é porque aceitamos ter uma relação sexual com alguém ou fazer uma determinada prática que somos obrigadas/os a aceitar novamente. **O consentimento deve ser para cada momento, cada prática, cada relação.**

Talvez você já tenha ouvido alguma das frases abaixo para justificar uma situação em que houve violência:

- “Ela/e disse sim, mas desistiu em cima da hora”
- “Ela/e não deixou claro que não queria”
- “A gente já fez isso antes”
- “Ela estava fazendo charminho”
- “Quando uma mulher diz não ela quer dizer sim”
- “Ela estava pedindo por isso”

Nenhuma dessas frases justifica o ato de abuso (ou de estupro). É comum a gente ficar sem reação diante de uma situação de violência e aí pode não ser muito firme na resposta ou sequer responder alguma coisa. Além do mais, existe algo chamado de “linguagem não verbal”, movimentos e expressões que mostram a reação do corpo a diferentes acontecimentos. Então, dá para perceber quando a pessoa não quer, não é mesmo? E, em qualquer circunstância, *não é não*, mesmo que não tenha sido dito em voz alta, mesmo que não haja resistência física, mesmo que vocês já tenham feito isso antes...

O pior é que nossa cultura baseada em regras machistas não facilita em nada essa discussão. Existem muitas páginas de internet que “ensinam” para os homens coisas como “por que não desistir quando a mulher diz não?” ou que “a mulher é mais emocional e tem dificuldade de falar claramente”. Essas são mensagens muito perigosas porque, não só as meninas e mulheres são ensinadas a se mostrarem recatadas e passivas, como essas frases acabam passando uma ideia de que, para conquistar, os meninos e homens não devem ouvir o que as mulheres estão dizendo porque, em algum momento, elas irão ceder. Essas mensagens tornam “natural” uma atitude de desrespeito ao desejo da mulher em nome de um suposto jogo de conquista amorosa.

Por que há esse desrespeito? Não é porque os homens têm desejos incontroláveis e lhes falta controle sobre suas atitudes quando o assunto é sexo, o que, aliás, é um mito. É porque muitos deles acreditam que têm esse direito e de que as mulheres devem estar disponíveis para satisfazê-los e muitas delas “não se dão ao respeito”.

É importante ensinar meninos e homens a respeitarem opiniões, desejos e corpos das meninas e mulheres e mostrar às meninas e mulheres que elas têm esse direito. Lembre-se também que meninos e rapazes também podem sofrer violência sexual e que essa discussão sobre consentimento também serve para eles. É importante discutir o respeito, a empatia e a igualdade.

Em suas atividades educativas, você pode lembrar que essa discussão tem tudo a ver com a questão dos **direitos sexuais e dos direitos reprodutivos**, como o direito à integridade do seu corpo e de tomar decisões independentes sobre a própria vida sexual num contexto de ética pessoal e social (veja na pág. 54). Um recurso interessante para explicar a questão do consentimento é o vídeo “Chá & sexo”. Ele está em inglês, mas contém legendas em português e pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=BKDifXYdUB4>

A IMPORTÂNCIA DA DENÚNCIA

A denúncia é um dos principais instrumentos para enfrentar o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Divulgar os canais de denúncia é uma ação importante para efetivar uma cultura de proteção aos direitos de crianças e adolescentes.

Algumas informações para a realização da denúncia:

- Tipo de ameaça ou violação de direitos que a criança/adolescente está sofrendo;
- Endereço ou local da ameaça ou violação de direitos (ou alguma referência que permita a apuração da denúncia);
- Informações sobre quem cometeu a agressão.

**DISQUE
DIREITOS
HUMANOS**



DISQUE 100

Vinculado à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH-PR), o Disque 100 é um canal de comunicação que recebe denúncias de violações dos direitos de crianças e adolescentes e as encaminha para os órgãos competentes, priorizando o Conselho Tutelar.

Não realiza investigação ou colhe depoimento, mas acompanha a denúncia e as ações tomadas no acolhimento e proteção da vítima.

As ligações podem ser feitas de todo o Brasil através de discagem direta e gratuita, de telefone fixo ou móvel. A denúncia é anônima. O sigilo é importante para que as pessoas tenham segurança e possam denunciar sem medo de sofrer eventuais ameaças e/ou vinganças.

As denúncias também podem ser feitas pela internet no endereço: <http://www.disque100.gov.br/>

OUTROS CANAIS DE DENÚNCIA

Se você tiver suspeita ou conhecimento de que alguma criança ou adolescente esteja sofrendo qualquer tipo de violência, é preciso denunciar!

Além do Disque 100, as denúncias também podem ser feitas:

- Conselho Tutelar da cidade;
- Delegacias especializadas (Delegacia de Proteção da Criança ou Adolescente, Delegacia da Mulher) ou comuns (Polícia Civil);
- Polícia Militar, Polícia Federal ou Polícia Rodoviária Federal;
- Número 190 – Polícia Militar;
- Varas da Infância e da Juventude.
- **PROTEJA BRASIL** – é um aplicativo gratuito para celular e *tablets* com sistema Android e iOS. Criado para facilitar denúncias e informar sobre violência contra crianças e adolescentes, indica telefones e endereços de Conselhos Tutelares, delegacias especializadas e outros órgãos de proteção à infância e à adolescência mais próximos do local onde o usuário está. O sigilo é garantido.

No aplicativo, é possível encontrar informações sobre os tipos de violações de direitos: trabalho infantil, violência física, violência psicológica, violência sexual, discriminação, tortura, tráfico de pessoas e negligência e abandono. Você também pode baixar o aplicativo e ter outras informações pelo site: <http://www.protejabrasil.com.br/br/>.

NA INTERNET

Cada dia mais, expressamos nossa sexualidade por meio da internet, seja postando fotos nas redes sociais, respondendo a mensagens, atualizando nosso status e por aí vai. Também surgiram muitos aplicativos para relacionamentos. Neles, as pessoas “escolhem” outras pra sair ou enviam fotos e vídeos íntimos.

A cada dia tem crescido também o número de violências cometidas pela internet. Você já ouviu falar de algo chamado “**pornografia de vingança**”? E do vazamento de “nudes” (fotos de nudez) e vídeos em que as pessoas, geralmente meninas, estão nuas ou tendo relação sexual?

O que vale na vida real – educação, respeito, cuidado, direitos – também vale na internet. E muitas dessas práticas são consideradas crimes. Então é preciso se ligar!

GLOSSÁRIO:

Compartilhar sem o consentimento fotos ou vídeos de situações íntimas (fotos de nudez, vídeos de relações sexuais) para se vingar, difamar ou humilhar a vítima. É crime.

DÁ UM CURTIR AÍ!



NÃO PODE:

- Produzir ou vender fotos de crianças e adolescentes nus, em posições eróticas, insinuando ou fazendo sexo. É considerado crime, pornografia infantil.
- Compartilhar nem as fotos nem os vídeos senão você vai estar ajudando a divulgar um crime. Fale com suas/seus amigas/os também para não fazerem isso.



PODE:

- Ajudar a denunciar o perfil e a página onde o vídeo/foto está sendo divulgado. Veja os endereços dos sites no item abaixo.
- Se ligar em páginas da internet que aceitam denúncias, dão orientações e prestam serviços para pessoas que sofreram algum tipo de violência, como ter seu vídeo ou fotos compartilhados sem permissão:
 - HUMANIZA REDES:
www.humanizaredes.gov.br
 - ONG MARIAS DA INTERNET:
<https://www.facebook.com/MariasDaInternet>
 - SAFERNET BRASIL:
<http://new.safernet.org.br/helpline#>
 - ONG THINK OLGA:
<http://thinkolga.com/2014/04/01/f-a-q-juridico-violencia-virtual>
- Prestar atenção na sua própria segurança na internet: acessar de um local com privacidade, sempre se desconectar das páginas, tomar cuidado com sua imagem e com o que posta na internet ou envia pelo celular.
- Ajudar as pessoas a pensarem sobre esse assunto. As fotos e vídeos são feitos em momentos íntimos (às vezes, sem a autorização da vítima) ou com muita insistência de pessoas em quem se tem confiança e/ou uma relação pessoal (amigo, namorado). Se alguém divulgou ou compartilhou fotos ou vídeos de situações íntimas (em mais de 80% dos casos fotos/vídeos vazados são de mulheres), saiba que a culpa não é das mulheres, mesmo que elas tenham autorizado a gravação. Quem vacilou (e cometeu um crime) foi quem divulgou as imagens.

ALGUNS CUIDADOS NA CONDUÇÃO DE ATIVIDADES SOBRE VIOLÊNCIAS

*Jovem
Mobilizador,
é importante
se ligar nessas
dicas!*



- Sugerimos que antes de discutir qualquer violência, você faça atividades sobre direitos, fale da importância de se discutir sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos;
- Antes de fazer a atividade, mapeie instituições e pessoas que podem apoiar participantes que já tenham sofrido alguma experiência de violência. É importante saber indicar os órgãos de proteção;
- Lembre-se de que nem você nem nenhum/a participante é obrigado/a a relatar casos pessoais. Você pode, inclusive, fazer um acordo com o grupo de que situações mais difíceis podem ser comentadas depois com uma pessoa de confiança na instituição onde você está fazendo a atividade;
- Outro lembrete importante é não expor histórias de pessoas conhecidas do grupo ou qualquer detalhe que possa identificar a pessoa na escola, na comunidade, na igreja, etc. O mesmo respeito que vale para as/os participantes do grupo vale para quem está fora. Informe isso ao grupo antes do início da atividade;
- Se necessário, retome com o grupo a atividade “Acordo de convivência”, principalmente no que diz respeito ao sigilo, isto é, que a discussão não deve ser exposta a pessoas de fora do grupo, a não ser para buscar ajuda/apoio. Aliás, é sempre bom explicar o significado de “sigilo” novamente!
- Em todos os momentos, mas sempre no caso da discussão de violência sexual, reforce com o grupo que a culpa nunca é da vítima, independentemente da idade dela!
- Lembre-se que essas oficinas não funcionam como uma espécie de terapia nem que teremos respostas para todas as perguntas e todos os problemas. Essas são atividades de reflexão e informação. É importante saber encaminhar situações que se refiram a casos de violência. Tenha sempre com você uma lista de sites, telefones e órgãos de proteção e denúncia para informar ao grupo e, se necessário, conte com a ajuda de um/a facilitador/a mais experiente ou com pessoas de confiança na instituição onde você está realizando a atividade;

- O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) determina que suspeitas ou casos confirmados de violência contra crianças (0 a 12 anos) e adolescentes (12 a 18 anos) sejam obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da localidade ou, na falta deste, a outras autoridades competentes, como delegacias especializadas ou comuns e Ministério Público. Sempre tenha isso em mente e informe às/aos participantes da oficina.

As atividades apresentadas nesta seção têm o objetivo de apoiar a análise de normas sociais referentes a práticas violentas e de discutir alternativas a determinados comportamentos. Um passo importante na discussão sobre violência é garantir que mais pessoas tenham consciência de seus direitos e de como exercê-los.

O QUE SÃO DIREITOS HUMANOS?

OBJETIVO:

Promover discussão sobre o significado dos direitos humanos e como eles afetam as vidas de mulheres jovens e outras pessoas em suas comunidades.

TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Quadro, cartolina ou papel pardo; canetas e cópias suficientes da Folha de Apoio desta atividade para distribuir para as/os participantes. Pode-se usar também matérias de jornais relacionadas ao tema.

NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

É importante que quem for facilitar a atividade se familiarize com os direitos apresentados na Folha de Apoio e, se possível, leis regionais e nacionais relativas aos direitos humanos. Também é importante conhecer na sua comunidade ou cidade algumas instituições que podem servir como local de apoio ou denúncia de casos de violência. Alguns locais são: Conselho Tutelar, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CRE-AS), Varas da Infância ou Juventude, Delegacia da Criança ou do Adolescente ou Delegacia da Mulher, Ministério Público, ONGs, serviços de saúde ou outras ideias que o grupo apresentar. Veja na pág. 164 o que são e fazem alguns desses órgãos.

Durante a discussão, as/os participantes podem ser encorajadas/os a citar exemplos de violação aos direitos humanos vivenciados em suas comunidades.

PASSO A PASSO:

- Pergunte às/aos participantes o que lhes vem à cabeça quando escutam falar em “direitos humanos”. Em uma folha de papel grande, escreva as palavras e frases citadas pelas/os participantes.
- Distribua cópias da Folha de Apoio. Revise as definições de direitos humanos e os exemplos de direitos mencionados pelas/os partici-



pantes. Divida as/os participantes em dois ou três grupos. Diga-lhes que terão 20 minutos para pensar em uma história de suas próprias vidas, de sua comunidade ou uma nova história em que os direitos listados na Folha de Apoio (O que são direitos humanos?) são violados ou não respeitados.

- Passo alternativo: Para estimular as/os participantes a criarem sua história, você pode distribuir jornais e revistas de onde elas/eles podem selecionar uma história relevante ou preparar histórias com antecedência, baseadas no contexto local.
- Peça a cada grupo para preparar uma apresentação ou esquete baseada na história identificada (para sugestão de esquetes veja o quadro Usando drama para discutir direitos). Após cada apresentação, avalie quais perguntas abaixo são pertinentes para provocar a discussão e faça-as para o grupo.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Os direitos de quem foram violados?
- Quais direitos foram violados?
- Como esses direitos foram violados?
- Gênero, faixa etária, raça/etnia ou religião foram fatores determinantes nesta história? Como?
- O que a protagonista (a pessoa principal desta história) ou outra pessoa poderia ter feito de forma diferente? (Se o grupo desejar, esta forma diferente pode ser apresentada por meio de uma dramatização).
- Este tipo de situação é comum em sua comunidade?
- Mulheres e homens de sua comunidade têm os mesmos direitos? Por quê? Por que não?
- Jovens e adultos de sua comunidade têm os mesmos direitos? Por quê? Por que não?
- Existe conexão entre poder e direitos? Explique.
- Quem é o responsável por proteger os direitos das pessoas em sua localidade?
- Como podemos ajudar a proteger os seus direitos e os direitos de outras pessoas em sua comunidade?

Para ajudar, escreva estas questões em um quadro para que as/os participantes as levem em consideração durante as discussões em grupos e em suas apresentações. Use as questões abaixo para facilitar a discussão sobre direitos humanos e como eles podem ser protegidos ou não.



FECHAMENTO:

Todo ser humano – seja rico ou pobre, homem ou mulher, jovem ou velho – têm direito a uma opinião própria, à educação, à saúde e a uma vida livre de violência e discriminação, entre outros. Infelizmente, muitas pessoas em diversos lugares, sobretudo mulheres, não têm seus direitos respeitados. Nas últimas décadas houve conquistas significativas no que se refere à luta pelos direitos das mulheres, dos negros e negras e das crianças e adolescentes, mas ainda há muito a ser feito. Uma etapa importante é garantir que mais pessoas tenham consciência de seus direitos e de como exercê-los. Nessa atividade, o objetivo é explorar mais a fundo diferentes direitos (veja também os direitos sexuais e reprodutivos, conforme a atividade da pág. 51). É importante que compartilhem essas informações com outras pessoas para garantir que tais direitos sejam respeitados.

Usando dramatização para discutir direitos



Escolha voluntárias/os para criar e encenar personagens de uma situação de violação de direitos humanos apresentada em jornal ou revista. Quem não participar da dramatização pode ser o público.

Depois que encenarem a situação uma vez, peça aos participantes para a refazerem, solicitando que parem a cena no momento em que queiram substituir um dos atores e mudar a ação em cena. O público deve pensar em “como a situação mudaria se houvesse respeito aos direitos humanos” e “como quero que essa história termine”, usando as informações apresentadas na Folha de Apoio como uma ferramenta para interferir na cena e produzir um resultado mais positivo.



FOLHA DE APOIO

Direitos Humanos são direitos básicos que pertencem a todas as pessoas. Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, base para a proteção e defesa de todo mundo, foi aprovada por todos os países que compõem a Organização das Nações Unidas – ONU. A ONU foi criada em 1945 com a intenção de preservar a paz mundial.

Quando um país vira membro da ONU, ele aceita as obrigações de um documento, criado por esta organização, que determina os princípios das relações internacionais entre nações. Em 1979, as Nações Unidas adotaram a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW). Discriminação foi definida como qualquer forma de distinção, exclusão ou restrição, tomando como base o sexo, tendo como efeito ou propósito dificultar ou anular o reconhecimento, reivindicação ou o exercício de seus direitos pela mulher, independentemente de sua condição econômica, social, cultural, civil ou em qualquer outro campo.

A seguir, alguns trechos da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

- **ARTIGO 1** – Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.
- **ARTIGO 2** – Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. Não será tampouco feita qualquer distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.
- **ARTIGO 5** – Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.
- **ARTIGO 10** – Toda pessoa tem direito, em plena igualdade, a uma audiência justa e pública por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir seus direitos e deveres ou o fundamento de qualquer acusação criminal contra ele.

- **ARTIGO 16** – Os homens e mulheres maiores de idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de contrair matrimônio e fundar uma família.

Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.

1. O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes (noivos).
2. A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado.

- **ARTIGO 23**

1. Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.
2. Toda pessoa, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.
3. Toda pessoa que trabalha tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.
4. Toda pessoa tem direito a organizar sindicatos e a neles ingressar para a proteção de seus interesses.

- **ARTIGO 24** – Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e a férias periódicas remuneradas.

- **ARTIGO 25**

1. Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.
2. A maternidade e a infância são momentos em que as pessoas têm direito a cuidado e assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora de matrimônio, gozarão da mesma proteção social.

Conhecendo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA

No Brasil, há uma lei criada para defender especialmente os direitos de crianças e adolescentes. É o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Segundo esse estatuto, criança é toda pessoa até 12 anos e, adolescentes, toda pessoa de 12 a 18 anos incompletos.

A criação do ECA, em 1990, teve como objetivo criar um sistema de proteção integral das crianças e adolescentes, visando garantir seus direitos e protegê-las de violência. O ECA traz uma nova forma de olhar crianças e adolescentes: como sujeitos de direitos. Mas o que isso quer dizer? Significa reconhecer que meninas e meninos até 18 anos (independentemente de classe social, raça/etnia ou qualquer outra diferença) têm direito a um conjunto de políticas e serviços voltados a garantir e respeitar sua vida, liberdade, dignidade e fase especial de desenvolvimento.

Ainda falta muito para o ECA ser realmente efetivado, mas ele representa um avanço importante em relação à forma como o Estado e as instituições tratavam crianças e adolescentes, principalmente pobres, antes dessa lei. O Estatuto criou mecanismos de proteção nas áreas de educação, saúde, trabalho e assistência social, entre outras. O ECA também diz que nenhuma criança ou adolescente poderá sofrer negligência (desatenção, descuido), discriminação (preconceito), exploração, violência, crueldade ou humilhação. Além disso, para as/os adolescentes que cometem ato infracional, o ECA estabeleceu medidas chamadas de socioeducativas para que elas/ eles possam reavaliar seu comportamento e voltar à comunidade.

Você conhece o ECA? Acha que ele é cumprido? Quais os problemas que crianças e adolescentes ainda enfrentam hoje na escola, na família, na comunidade, nas ruas, nos serviços? Refletir sobre essas perguntas pode ser um bom caminho para pensarmos em estratégias para defender crianças e adolescentes de qualquer forma de violência, como o abuso e a exploração sexual.

Para conhecer mais o ECA existem materiais bem legais voltados para crianças e adolescentes:

- “A Turma da Mônica em o Estatuto da Criança e Adolescente”, uma parceria entre o Instituto Maurício de Sousa e o Unicef, disponível em <http://www.institutomauriciodesousa.com.br/eca.pdf>
- “ECA em tirinhas para crianças”, da Câmara dos Deputados, disponível em http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/ECA_ilustrado%20tirinhas.pdf

PESSOAS E COISAS

OBJETIVO:

Facilitar o reconhecimento da existência de relações de poder e seu impacto sobre os indivíduos e seus relacionamentos.

TEMPO RECOMENDADO:

1 hora.

NOTA PARA PLANEJAMENTO:

Alguns/algumas participantes podem se sentir pouco confortáveis em relação ao papel que devem desempenhar nesta atividade. É importante que o/a facilitador/a esteja atento/a a como elas/eles reagem ao assumirem o papel de “pessoas” ou “coisas” e esteja preparado/a para fazer as acomodações ou mudanças necessárias. Por exemplo, em vez de preparar as/os participantes para o desenvolvimento de seus papéis, deve propor que discutam em duplas como as “pessoas” deveriam tratar as “coisas” e quais sentimentos isto poderia gerar nas “pessoas” e nas “coisas”. Além disso, é importante estar preparado/a para fazer referências a serviços de aconselhamento ou outros serviços de apoio para quem se sentir afetado/a com esta atividade ao relembrar episódios de violência.

PASSO A PASSO:

- Divida as/os participantes em três grupos. Cada grupo deve ter o mesmo número de participantes.
NOTA: Se o número de participantes não corresponder a uma divisão exata, coloque participantes extras para o terceiro grupo que, como descrito abaixo, serão observadores/as.
- Informe que o nome da atividade é: “Pessoas e coisas”. Escolha, aleatoriamente, um grupo para ser “coisas”, outro para ser “pessoas” e o último para ser “observadores/as”.
- Diga as regras para cada grupo:
 - **COISAS:** As coisas não podem pensar, não sentem, não podem tomar decisões, têm que fazer aquilo que as pessoas ordenam. Se uma coisa quer se mover ou fazer algo, tem que pedir permissão à pessoa.





- **PESSOAS:** As pessoas pensam, podem tomar decisões, sentem e, além disso, podem pegar as coisas que querem.
- **OBSERVADORAS:** Observam em silêncio.
- Peça para o grupo de “pessoas” pegar as “coisas” e fazer com elas o que quiser e dê ao grupo cinco minutos para que cumpram seus papéis de “pessoas” ou “coisas”. Em seguida, peça ao grupo que volte ao seu lugar e facilite a discussão.
- Se achar pertinente, pode inverter os papéis em uma segunda rodada: as “pessoas” serão as “coisas”; e as “coisas”, as “pessoas”. No debate, explore o que aconteceu quando os papéis se inverteram.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

PARA AS “COISAS”:

- Como foi tratada por sua “pessoa”?
- Como se sentiu sendo tratada como coisa?
- Você se sentiu impotente? Por que sim ou por que não?
- Para as “pessoas”:
- Como tratou sua “coisa”?
- Como se sentiu tratando alguém como “coisa”?
- Você se sentiu poderosa/o? Por que sim ou por que não?

PARA AS/OS OBSERVADORAS/ES:

- Como se sentiu observando sem dizer nada?
- Você gostaria de ter interferido? Se sim, o que você poderia ter feito?
- Na vida cotidiana, nós somos “observadores” de situações em que algumas pessoas tratam outras como “coisas”? Nós interferimos? Por que sim? Por que não?

PARA O GRUPO COMO UM TODO:

- Por que as “coisas” obedeceram às ordens das “pessoas”?
- Houve pessoas do grupo de “coisas” ou “pessoas” que resistiram ao exercício?
- Em nossa vida cotidiana, nós somos tratadas/os como “coisas”? Quem nos trata assim? Por quê?
- Nós tratamos outras pessoas como “coisas”? Quem? Por quê?

FECHAMENTO:

Existem muitos tipos diferentes de relacionamentos em que uma pessoa pode exercer poder sobre outra, por exemplo, nas relações entre homens e mulheres, jovens e adultos, pais e filhas/os, alunas/os e professoras/es, chefes e empregadas/os. Algumas vezes, o desequilíbrio de poder nesses relacionamentos pode levar uma pessoa a tratar a outra como objeto. O poder desigual entre homens e mulheres em relacionamentos íntimos pode ter sérias repercussões, como a vulnerabilidade em relação às IST/HIV/Aids e gravidez não-planejada. Muitas vezes a mulher não tem poder para dizer quando e como o sexo deve ocorrer ou mesmo se a camisinha deve ser usada, devido às crenças enraizadas de que o homem deve se encarregar das decisões sobre sexo. Em outros casos, a mulher que é financeiramente dependente do parceiro masculino pode achar que não tem poder de dizer não ao sexo.

É importante lembrar que o poder por si só não é ruim. O modo como esse poder é usado é que faz a diferença.



Diferentes tipos de poder

Existem diferentes formas de poder e maneiras de usá-lo. Aqui seguem alguns exemplos:

PODER SOBRE: implica ter o controle sobre alguém ou uma situação de maneira negativa, geralmente associado ao uso da repressão, força, corrupção, discriminação e abuso. Quando usamos este tipo de poder, não reconhecemos que todas as pessoas têm direitos, independentemente de gênero, classe, raça/etnia e orientação sexual.

PODER COM: baseia-se na força coletiva – ter poder com outras pessoas ou grupos, encontrar um ponto comum entre diferentes interesses e construir uma meta comum que beneficie a todas/os. Este tipo de poder multiplica os talentos e conhecimentos individuais e está baseado no apoio, na solidariedade e na colaboração.

PODER PARA: refere-se à habilidade para conformar e influenciar a própria vida. Significa ter recursos, ideias, conhecimentos, ferramentas e habilidades para convencer a si mesma/o e aos outros para fazer algo. Muitas pessoas com este tipo de poder formam o “poder com”.

PODER INTERIOR: está relacionado ao sentimento de autoestima e de autoconhecimento de uma pessoa. Ou seja, implica ter um sentimento de autoconfiança e de valorização de si mesmo. Inclui-se nesta forma de poder a habilidade de imaginar uma vida melhor para si, ter esperança ou a sensação de mudar o mundo e ainda a consciência de que temos direitos como todos os seres humanos.

Quando usamos o “poder interior” e o “poder com” estamos nos reconhecendo como pessoas, como cidadãs e cidadãos de direitos e também estamos reconhecendo os direitos de todas/os.

QUERO, NÃO QUERO... QUERO, NÃO QUERO

OBJETIVO:

Discutir as várias razões pelas quais os indivíduos escolhem ter ou não relações sexuais e os desafios e as estratégias relacionadas à negociação de abstinência (não fazer sexo) ou sexo nos relacionamentos íntimos.

TEMPO RECOMENDADO:

1h30min.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Quadro negro, cartolina ou papel pardo; canetas pilot ou canetinhas; fita adesiva.

NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Durante esta atividade, alguns meninos podem ter que representar papéis femininos. Isto nem sempre é fácil e deverá ser apresentado como opcional (um procedimento alternativo pode ser envolvê-los em um debate, em vez da representação de papéis, baseado nas situações presentes). No caso da representação de papéis, é provável que haja risadas durante o exercício. É importante entender que algumas dessas risadas podem ser causadas por algum embaraço ou desconforto ao representar papéis femininos ou por assistir algum homem representando o papel de uma mulher.

O/a facilitador/a deve ser flexível com este tipo de resposta e, no momento apropriado, pode lembrar às/aos participantes das discussões anteriores sobre gênero e estimulá-las/os a refletir sobre os motivos de sua reação à representação de um papel tradicional de mulher.

Se o/a facilitador/a sentir que é mais relevante, esta atividade pode ser adaptada de forma que haja um grupo que represente a negociação do preservativo em uma relação sexual (como forma de prevenir IST/ HIV e/ ou como forma de evitar uma gravidez). Ou, se houver tempo, após negociação se vai haver sexo ou não, pode ser feita uma representação de papéis sobre outras questões, incluindo o uso de preservativo.



PASSO A PASSO:

- Divida as/os participantes em quatro grupos, numerando-as/os por meio de cores.
- **GRUPO E TEMAS A DISCUTIR:**
 - **Grupo H1:** As razões por que os homens querem ter sexo em um relacionamento;
 - **Grupo H2:** As razões por que os homens não querem ter sexo em um relacionamento;
 - **Grupo M1:** As razões por que as mulheres querem ter sexo em um relacionamento;
 - **Grupo M2:** As razões por que as mulheres não querem ter sexo em um relacionamento.
- Explique que cada grupo irá representar a negociação sobre fazer ou não sexo, de acordo com as situações do quadro acima (H1, H2, M1, M2). Dê 10 minutos para que o grupo discuta e prepare argumentos para a negociação.
- **PRIMEIRA NEGOCIAÇÃO:**
 - H1 (homens que querem) negocia com M2 (mulheres que não querem). Peça para os dois grupos negociarem ter relação sexual, imaginando uma situação em que o homem quer ter sexo e a mulher não.
- **SEGUNDA NEGOCIAÇÃO:**
 - H2 (homens que não querem) negocia com M1 (mulheres que querem). Na apresentação, a negociação se dá entre homens que não querem ter sexo com as mulheres que querem ter.
- Durante a apresentação das negociações pelos casais, as outras pessoas do grupo podem intervir (“soprando” os argumentos discutidos em grupo para a/o participante que está representando o papel).
- Quando as duas apresentações terminarem, pergunte o que sentiram e o que aprenderam com o exercício. Escreva em um papel os argumentos mais importantes, tanto a favor quanto contra, utilizados pelo grupo.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- As representações têm a ver com a realidade?
- Como essa negociação aparece na vida real?
- Que estratégias de comunicação positiva foram usadas?
- Que estratégias de comunicação negativa foram usadas?
- Que outras estratégias de comunicação poderiam ter sido usadas?
- O que torna mais fácil negociar abstinência (não ter sexo) com o parceiro? O que torna mais difícil?
- O que acontece se a negociação se “dá no calor do momento”, ou seja, imediatamente antes? Isto torna mais fácil ou mais difícil?
- Quais são as razões pelas quais uma mulher deveria querer ter relação sexual? E para não querer? (veja Folha de Apoio desta atividade: Razões pelas quais homens e mulheres querem ter relações sexuais)
- Quais são as razões pelas quais um homem deveria querer ter relação sexual? E para não querer? (veja Folha de Apoio desta atividade: Razões pelas quais homens e mulheres querem ter relações sexuais)
- Como um homem reage se uma mulher procura por sexo em um relacionamento?
- Um homem pode sempre que quiser dizer não ao sexo? Por quê?
- Uma mulher pode sempre que quiser dizer não ao sexo? Por quê?
- É justo pressionar alguém para ter relações sexuais? Por quê?
- Como homens e mulheres podem pressionar seus parceiros para ter relações sexuais?
- Como esta pressão pode influenciar a capacidade de alguém ser abstinente ou praticar sexo seguro? Como isto influencia a prevenção de HIV?
- Alguns direitos relacionados à decisão de ter ou não relações sexuais são menos respeitados em termos de gênero, idade ou classe? Por quê?
- Se um casal decide ter relações sexuais, o que deveria ser conversado antes que tenha a primeira relação?
- O que você aprendeu com este exercício?

Lembre-se de que as perguntas são para facilitar as discussões. Não precisa fazer todas elas, mas você pode escolher as mais apropriadas para cada momento.





FECHAMENTO:

As pessoas tomam decisões sobre a atividade sexual ao longo de suas vidas. Muitos fatores vão ao encontro de decisões que levam à abstinência ou a ter relações sexuais.

No caso das mulheres, o medo de perder seu parceiro, expectativas sociais ou baixa autoestima podem levá-las a aceitar ter relações sexuais, mesmo sem vontade. Entre os homens, a decisão de ter sexo pode ser influenciada por seus pares ou pela pressão social para provarem sua masculinidade. Além disso, estilos de comunicação, emoções, autoestima e relações de poder desiguais, tudo isto contribui para como parceiros negociam ter relações sexuais ou não.

É importante estar consciente de como estes diferentes fatores influenciam nossos próprios desejos e decisões de nossas/os parceiras/os. Também é importante lembrar que negociar não quer dizer ganhar a todo custo sem buscar a melhor situação para ambas as partes e, sim, dizer onde ambas as partes ganham. Todos os indivíduos têm direito de tomar suas próprias decisões sobre o sexo e decidir se e quando querem se tornar sexualmente ativos. Sob nenhuma circunstância esses direitos podem ser negados a um indivíduo. É importante notar que a discussão sobre ter ou não sexo é importante, bem como é importante discutir o uso do preservativo como forma de planejamento familiar ou prevenção de IST e HIV/Aids.

Dica:

No passo a passo, há a indicação de casais heterossexuais – relacionamentos entre mulheres e homens –, mas a atividade também funciona bem para discutir relacionamentos e uso de preservativo entre casais homossexuais.



FOLHA DE APOIO**RAZÕES PELAS QUAIS HOMENS E MULHERES QUEREM TER RELAÇÕES SEXUAIS**

- Para parar a pressão de amigos/ parceiro
- Para expressar amor em um relacionamento
- Para evitar solidão
- Para provar sua masculinidade/feminilidade
- Para ganhar amor ou se sentir amado
- Para ter prazer
- Porque acredita que outras pessoas estão fazendo sexo
- Para envolver a/o parceira/o
- Não sabe como dizer “não”
- Para engravidar ou se tornar pai ou mãe
- Para satisfazer curiosidade
- Por não ter nada melhor para fazer
- Em troca de dinheiro ou presentes

RAZÕES PELAS QUAIS HOMENS E MULHERES NÃO QUEREM TER RELAÇÕES SEXUAIS

- Para seguir crenças religiosas ou pessoais/ valores familiares
- Evitar gravidez
- Evitar infecções sexualmente transmissíveis (IST) ou HIV
- Evitar prejudicar sua reputação
- Para não se sentir culpado
- Medo de se magoar
- Para esperar a/o parceira/o certo
- Por não estar pronta/o
- Para esperar pelo casamento

ATIVIDADE 4

DIVERSIDADE E DIREITOS: EU E OS OUTROS



OBJETIVO:

Encorajar a empatia com pessoas de diversas realidades e discutir a origem de violência associada a pessoas de diferentes grupos étnicos e/ou orientação sexual, entre outros.



TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Folhas de papel A4; canetas pilot ou canetinhas; fita.



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Antes que o grupo comece suas atividades, selecione as frases que você ache que são mais apropriadas de acordo com a relação citada abaixo. Escreva estas frases numa folha de papel e selecione um número suficiente de frases para cada participante. Se quiser, crie outras frases ou repita algumas delas, se achar necessário.



PASSO A PASSO:

- Peça às/aos participantes para sentar em círculo e fechar os olhos. Explique que será colocada uma folha de papel em suas mãos onde tem uma palavra ou uma frase escrita. Depois de receber o papel, as/os participantes deverão ler a frase sem comentar nada e refletir pessoalmente sobre o que fariam se estivessem naquela situação.
- Peça a cada um/a que pegue um pedaço de fita e cole na parte da frente de sua camisa. Peça que todas/os se levanten e andem devagar pela sala com o papel colado, lendo as frases das/os outras/os participantes, cumprimentando as/os outras/os, mas sem falar. Depois, peça que fiquem em círculo e se olhem. Explique que cada um/a deve ser um personagem e inventar uma história que tenha a ver com a frase que recebeu – uma história que fale sobre sua condição ou realidade. Dê algum tempo para que possam refletir sobre sua história.

- **FRASES**

- Sou soropositiva/o
- Sou bissexual
- Meu pai está na cadeia
- Minha namorada me traiu
- Sou heterossexual
- Minha mãe é trabalhadora do sexo
- Não sei ler
- Sou executivo
- Tive relações sexuais com outro homem, mas não sou gay
- Tenho Aids
- Sou descendente de índios
- Sou de ascendência europeia (ou sou branco)
- Sou gay
- Sou de ascendência africana
- Bati na minha namorada
- Já tentei me matar
- **Já fui explorada sexualmente**
- Sou viciado em cocaína
- Sou surdo
- Sou menino/a de rua
- Sou milionário
- Perdi um braço num acidente
- Minha namorada me bateu
- Sou pai e cuido dos meus filhos
- Sou alcoólatra
- Estou sem emprego

Veja no fechamento da atividade como abordar a questão da exploração sexual.



- Pergunte se há algum/a voluntário/a para começar. Então, cada um/a, aleatoriamente ou na ordem do círculo fala sobre sua história até que todas/os o tenham feito. Em alguns casos, pode-se permitir que as/os participantes troquem seu “caso” com outra/o participante.
- Peça que retornem a seus lugares, permanecendo com o papel colado em suas camisas. Pergunte quem gostaria de relatar sua história. As/os demais participantes podem fazer perguntas aos/as outros/as, sobre suas vidas, sua condição naquele momento, seus problemas e suas realidades. Dê um tempo entre 20 e 30 minutos para discutir. Se achar interessante, você mesmo pode fazer perguntas, estimulando que a pessoa conte a história que criou, como se estivesse em um programa de entrevistas em que você é o/a entrevistador/a. Para finalizar, discuta as questões a seguir.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Você conhece algum/a jovem que enfrentou situação semelhante descrita no papel?
- Como foi para você, viver esse personagem? Como se sentiu?
- Em muitos lugares, um/a jovem que é “diferente” ou que representa uma minoria é objeto de discriminação e violência. Por exemplo, existem grupos que espancam gays, negros ou nordestinos. De onde você acha que esse ódio vem?
- Que outros personagens poderiam ter sido incluídos nessa atividade? Por quê?
- Como lidamos com as pessoas que são diferentes de nós? Por que, às vezes, algumas pessoas lidam com pessoas diferentes delas de forma violenta?



FECHAMENTO:

Nesta atividade, o grande desafio é ver se surgem e quais são os estereótipos e preconceitos contidos na elaboração das histórias e também nas perguntas que são feitas às personagens. O/a facilitador/a precisa estar atenta/o para questionar esses preconceitos naturalizados e sempre tentar desconstruir conceitos rígidos e opressores de determinados grupos.

Por exemplo, para a personagem que diz “Tenho Aids”, muitas vezes são feitas perguntas como “Você tinha uma vida promíscua? Saía com muitas pessoas?”, entre outras. E o que está por trás dessas perguntas? Um preconceito muito comum, surgido no início da epidemia de Aids, era que apenas pessoas que tinham muitas relações sexuais e com muitas/os parceiras/os diferentes se infectavam com o vírus HIV. O que aprendemos ao longo dos anos é que a maior chance de infecção pelo vírus HIV se dá pela relação sexual sem camisinha; assim, independentemente do número de parceiras/os, se a pessoa utilizar camisinha em todas as relações sexuais, a chance de infecção por essa via é mínima. Ao contrário, pessoas que têm relações sexuais desprotegidas, ainda que com apenas uma pessoa, podem ter chance de contrair o vírus (por isso, é importante a testagem anti-HIV). Mas o preconceito com pessoas que têm inúmeros parceiros e com pessoas com vírus continuou indo por esse lado.

Já para a frase “Já fui explorada sexualmente” são comuns perguntas como “Você era interesseira e transou por dinheiro?” ou “Você estava bêbada ou usando uma roupa muito curta?”. Perguntas que demonstram o quanto, em casos de violência sexual, em primeiro lugar sempre colocamos a culpa da violência sobre a vítima, como é o caso de perguntar sobre uso de bebidas ou roupas curtas para meninas exploradas sexualmente. Também é muito frequente o não reconhecimento da exploração sexual quando a/o adolescente recebe algum presente, dinheiro ou serviço (pagamento de refeições em restaurantes, por exemplo). Neste caso, é importante lembrar que, independentemente do que a/o adolescente receba em troca da relação sexual, a exploração sexual não pode ser relativizada. Lembre ao grupo o conceito de exploração sexual (ver pág.101) e outros mitos/pre-conceitos (ver pág. 142)

ATIVIDADE 5

VIOLÊNCIA SEXUAL: É OU NÃO É?



OBJETIVO:

Discutir o que é violência sexual, quais as condições que facilitam e como podemos reduzi-la ou preveni-la.



TEMPO RECOMENDADO:

1 hora.



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Quadro negro, cartolina ou papel pardo; canetas pilot ou canetinhas; fita adesiva.



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Antes de desenvolver essa técnica, pode ser útil que o/a facilitador/a procure dados da localidade ou país sobre diferentes formas de violência sexual, informação sobre as leis em vigor, bem como informação sobre organizações que oferecem apoio a pessoas que tenham sofrido violência sexual. Estas informações podem ser úteis para responder a perguntas que possam ser feitas durante ou depois dessa técnica. Também antes de iniciar a atividade revise as frases para ver quais acha mais pertinente ou acrescente outros exemplos apropriados para a realidade local.

Pode-se encontrar alguma resistência para se falar sobre o tema de violência sexual. Da mesma forma que falar sobre outras formas de violência, pode haver constrangimentos em razão das possíveis conexões com histórias pessoais das/os participantes. Esta violência pode ter sido sofrida ou praticada. *Neste caso, é importante ter em mente que nem se trata de um grupo de terapia, nem de um espaço de acusação. É um espaço de reflexão em que se busca reconhecer as formas de violência sexual e como evitá-la.* Mas, se você perceber que alguém precisa de ajuda ou alguém vier falar com você, indique serviços adequados na comunidade e oriente para que a/o adolescente fale com a/o responsável pela instituição ou outra pessoa de sua confiança para tomar as medidas necessárias. E lembre-se da necessidade de sigilo com as informações que você ouviu.

PASSO A PASSO:

- Antes da atividade, escreva as seguintes frases, uma em cada folha de papel:
 - *É violência sexual*
 - *Não é violência sexual*
 - *Estou em dúvida*
- Explique ao grupo que você vai ler uma série de casos e que quer que elas/es pensem se a situação descrita representa violência sexual ou não. Fale que se não sabem ou não têm certeza não há problema em dizer. Cole os três cartazes com as frases em uma parede, com uma boa distância entre eles. Explique que você lerá um caso e que vai perguntar se, na opinião de cada um/uma, se trata de violência sexual ou não.
- Explique que uma vez que tenham tomado a decisão, devem se posicionar embaixo do cartaz que representa sua opinião ou do que diz “Estou em dúvida.” Peça a um ou mais membros do grupo de cada categoria para defender seu ponto de vista.
- **SITUAÇÕES:**
 1. Felipe começou um trabalho como assistente administrativo numa firma bem conhecida faz poucos meses e está gostando do trabalho e da firma. Uma noite, o chefe dele, Roberto, disse que ele gosta muito de Felipe, que o acha “atraente” e queria ter sexo com ele. O chefe disse que se Felipe concordar em ter sexo com ele, o ajudará a crescer na firma. É violência sexual?
 2. Pablo e Maria Helena estão casados há dois anos. Às vezes, Pablo chega em casa tarde e Maria Helena já está dormindo. Ele a acorda para ter sexo com ela. Às vezes, ela não concorda, mesmo assim Pablo força a barra e eles transam. É violência sexual?
 3. Todo mundo diz que Linda tem cara de safada. Ela vive dizendo que transa com muita gente e que gosta de sexo. Ela vai à festa do Pedro, bebe muito e desmaia. Pedro faz sexo com ela, ainda desmaiada. É violência sexual?
 4. O Ricky tem 15 anos e nunca tinha transado. Um grupo de amigos sempre riu dele dizendo que era virgem e que por isso não era homem. Uma noite, eles o levaram para um prostíbulo e pagaram a uma trabalhadora de sexo para transar com ele. Ele não queria transar, mas acabou transando com ela, porque se sentiu pressionado pelos amigos. É violência sexual?

5. Luisa diz que quer transar com Fred. Ela tira suas roupas e está na cama com ele quando decide que não quer mais transar. Ele vai até o fim, mesmo com a resistência da moça. É violência sexual?
- 6.. Quando Leonardo tinha 12 anos, uma amiga de sua mãe, Alice, às vezes ficava com ele quando seus pais saíam à noite. Alice tem a mesma idade de sua mãe. Uma noite, quando Leonardo foi tomar banho, Alice entrou no chuveiro com ele. Leonardo não sabia o que fazer. Ele ficou parado diante dela. Ela disse para ele: “Por que você está aí parado? Seja um homem de verdade e transe comigo”. Leonardo fez sexo com ela. Depois ele se sentiu culpado e confuso, mas não sabia se podia falar com alguém sobre isso. É violência sexual?
7. Natasha tem 15 anos e é bastante conhecida na localidade por sair com homens em troca de dinheiro, bebida ou algum presente. Sua família não se opõe ao que Natasha faz. Um dia, Jorge, de 29 anos, teve relações sexuais com Natasha e lhe deu algumas roupas novas. É violência sexual?
8. Rodrigo gosta de ver fotos de meninas adolescentes em poses sensuais ou com roupas íntimas pelo WhatsApp e na internet. Nunca fez nenhuma foto de meninas nessa situação, nem pediu para nenhuma garota lhe enviar fotos, mas sempre as recebe de amigos e as compartilha. É violência sexual?



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Essas situações são realistas?
- O que é violência sexual?
- Toda violência sexual é crime?
- Houve algum caso de exploração sexual de crianças e adolescentes? Que outras histórias de exploração sexual de crianças e adolescentes poderia haver?
- Que podemos fazer para prevenir a violência sexual?
- Homem também pode ser vítima de violência sexual?
- Quem é mais vítima de violência sexual, homem ou mulher? Por quê?
- Mesmo que não haja contato físico pode haver violência sexual?
- Quais seriam as consequências de ter sofrido violência sexual?



FECHAMENTO:

Depois de comentar as perguntas para a discussão, dependendo do grau do conhecimento do grupo, pode ser interessante conversar sobre o que significa violência sexual e quais suas várias formas, conforme apresentado no início dessa seção. Como apontamos em outras atividades, é sempre bom ter o contato de serviços que podem dar outras informações, atender vítimas ou fazer denúncias, neste último caso, o Disque 100 – que é um serviço telefônico para receber denúncias de violações de direitos de crianças e adolescentes, entre elas, o abuso e a exploração sexual.

Todas as situações retratadas nesta atividade representam algum caso de violência sexual. É importante mostrar a importância de identificar diferentes casos de violência sexual e outras violências contra crianças e adolescentes para poder interromper o ciclo de violações contra este grupo.

Revendando mitos e preconceitos

Discutir violência sexual é discutir desigualdades de gênero e como essas desigualdades produzem mitos que ajudam a criar, repetir e manter a violência. Veja alguns mitos relacionados à violência sexual que precisamos desconstruir:

VIOLÊNCIA SEXUAL SÓ ACONTECE COM MENINA QUE NÃO SE DÁ AO RESPEITO

Não! Essa frase atribui a responsabilidade pela violência à menina, ou seja, à própria vítima. Isso acontece devido àquelas normas desiguais de gênero que vimos lá na primeira seção do guia. Por essas normas machistas, uma menina jamais deveria ter qualquer comportamento que pudesse insinuar uma postura considerada sexualizada, seja utilizando roupas curtas ou decotadas, tendo muitos namorados ou tomando a iniciativa em uma situação de paquera ou namoro. Se elas fazem isso, elas são julgadas como “erradas”, “assanhadas”, etc. e a gente tira a responsabilidade de quem cometeu a violência. Lembrando: a culpa *nunca* é da vítima.

SE ELA OU ELE PERMITIU NÃO HOUVE VIOLÊNCIA

Meninos e meninas estão em processo de formação e nem sempre têm condições de se proteger. Cabe ao adulto respeitar os limites socialmente estabelecidos. É preciso pensar também nas condições de negociar de igual para igual a relação. Essa desigualdade pode ser marcada por mais dinheiro, mais idade e experiência, entre outras formas de distribuição de poder na nossa sociedade. Dá uma olhada no quadro sobre consentimento, na pág. 112.

VIOLÊNCIA SEXUAL SÓ ACONTECE QUANDO HÁ A RELAÇÃO SEXUAL PROPRIAMENTE DITA OU OUTRO CONTATO FÍSICO

Também não é verdade. Lembra quando falamos dos conceitos de abuso e exploração? A definição é muito mais ampla. Nem precisa haver o contato físico.

JOGO DO BINGO PARA FALAR DE EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

OBJETIVO:

Discutir o significado e as situações de exploração sexual de crianças e adolescentes.

TEMPO RECOMENDADO:

1 hora.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Um jogo de bingo de brinquedo ou confeccionado pelo/a facilitador/a; cartelas para marcar os números; cartaz com perguntas cobertas com números, conforme a Folha de Apoio, cartolinas para fazer os números que serão sorteados ou bolinhas com os números já marcados. Se possível, alguns brindes para distribuir.

NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Se você não puder comprar a cartela numerada, ou as bolinhas com os números, você pode criar sua própria cartela e fazer fichas de cartolina com os números. Os números da cartela e das fichas devem ser iguais (por exemplo, se a cartela for de 1 a 50, as fichas numeradas também devem ser de 1 a 50). Coloque os números em um saco para sortear. Se houver possibilidade, a entrega de brindes pode contribuir para animar o debate entre as/os participantes. Os brindes podem ser balas, doces ou mesmo chaveiros, canetas ou materiais promocionais de algum evento ou instituição. Ao final do jogo, podem ser dados brindes para todas/os, como recompensa pela participação durante a atividade educativa.

PASSO A PASSO:

- Diga às/aos participantes que irão jogar bingo e explique as regras do jogo. Distribua uma cartela para cada participante e algo para marcar o número, como grãos, fichas ou lápis, se a cartela for descartável.
- Comece a sortear os números para que as/os participantes marquem em sua cartela.





- A cada linha vertical ou horizontal completada com o número sorteado, elas/es devem gritar bingo e ir à frente escolher um número do painel. Cada número contém uma pergunta. A/o participante deve tentar responder à pergunta ou pedir ajuda da plateia.
- Promova uma discussão sobre a questão do cartaz com as perguntas sugeridas na Folha de Apoio ou outras que você criar. Entregue o prêmio para a/o participante que foi à frente e para quem se candidatou a responder à pergunta.
- Depois que todas as questões do cartaz forem respondidas, promova uma discussão com as questões abaixo.

PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Como foi discutir as questões do cartaz? Vocês aprenderam algo novo?
- Vocês acham que os conceitos vistos nessa dinâmica são válidos para o dia a dia?
- Vocês já tiveram contato com casos de exploração sexual de crianças e adolescentes? Em que ambiente esses casos podem acontecer?
- Como vocês acham que deve ser uma intervenção em casos de exploração sexual de crianças e adolescentes?
- O que fazer em relação à pessoa que agencia (que faz a negociação) o trabalho sexual de crianças e adolescentes? O que fazer em relação à pessoa que paga uma criança para fazer sexo? O que fazem em relação à própria criança ou adolescente envolvido?
- Como as/os adolescentes podem contribuir para que ocorram menos casos de exploração sexual de crianças e adolescentes?

FECHAMENTO:

Esta técnica possibilita o esclarecimento e debate sobre definições e direitos em relação à exploração sexual de crianças e adolescentes. Aproveite para explorar a primeira parte desta seção, com informações sobre o assunto que considerar relevante.



FOLHA DE APOIO

O cartaz com as questões pode ser feito e uma folha de cartolina em que serão escritas as questões abaixo, cobertas por uma folha de papel ofício com o número desenhado.

FORMATO DO CARTAZ:

1	2
3	4
5	6
7	8

QUESTÕES:

- 1.** O que é exploração sexual de crianças e adolescentes?
- 2.** O que é abuso sexual?
- 3.** É importante prevenir a exploração sexual de crianças e adolescentes? Por quê? Como?
- 4.** O que os homens têm a ver com a exploração sexual de crianças e adolescentes?
- 5.** A exploração sexual de crianças e adolescentes só acontece com meninas ou com meninos também?
- 6.** Existem leis que protegem a criança e a/o adolescente contra a exploração sexual de crianças e adolescentes? Você conhece alguma?
- 7.** Por que não devemos usar o termo "prostituição" quando se trata de criança e adolescentes?
- 8.** O que é pornografia infantil?

ATIVIDADE 7

VERDADE OU CONSEQUÊNCIA CONTRA A EXPLORAÇÃO SEXUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES



OBJETIVO:

Discutir vulnerabilidades e atitudes referentes à exploração e ao abuso sexual de crianças e adolescentes por meio de conversas entre as/os próprias/os adolescentes.



TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Cópias das cartas e da folha de respostas/comentários.



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Este jogo é indicado para adolescentes (a partir de 12 anos) e jovens e pode ser realizado com ou sem a condução de um adulto. O acompanhamento de professoras/es ou outros adultos pode ajudar na orientação dos adolescentes ou mesmo estimular a conversa sobre o tema. As perguntas do jogo estão relacionadas a todos os temas que discutimos nessa seção sobre prevenção de violências. Sempre vale fazer uma leitura da introdução desta ou de outras seções para dar uma refrescada na memória. Leia também o quadro sobre consentimento, na pág. 112.

Você pode fazer cópias das sugestões de respostas para distribuir entre as/os participantes ou apenas lê-la ao final de cada pergunta. O jogo é composto por cartas com perguntas que devem ser respondidas ou comentadas pelas/os participantes. Há também “cartas livres”, isto é, quando alguém tirar essa carta, pode inventar uma pergunta na hora, mas sempre levando em conta o tema do jogo e respeitando a privacidade das/os participantes.

Não existe resposta certa ou errada. O objetivo do jogo é gerar uma conversa sincera entre amigos e amigas e promover a troca de ideias de forma respeitosa.

PASSO A PASSO:

- Tire na sorte quem será a primeira pessoa a retirar uma carta. Essa pessoa deve escolher, antes de ler, para quem ela vai dirigir a pergunta. Antes de ouvir a pergunta, a pessoa escolhida precisa decidir se responde (VERDADE) ou paga a prenda (CONSEQUÊNCIA), caso prefira não responder. Se a pessoa escolhida para responder optar por pagar a prenda, ela perde o direito de perguntar e o/a jogador/a que está ao seu lado esquerdo é quem retira a próxima pergunta.
- A prenda, brinde ou mico será escolhida pela pessoa que faz a pergunta, mas cuidado! Não sugira uma prenda que possa causar mal-estar ou constrangimento à/ao participante. Você, suas amigas e seus amigos podem combinar antes do início do jogo o que vale e o que não vale para a prenda. Algumas ideias de prendas: tomar um copo de água; fazer polichinelos ou flexões; abraçar um/a amiga/o; cantar uma música.
- A pessoa que responde é a que fará a próxima pergunta e escolherá quem deve responder.





FOLHA DE APOIO

AS CARTAS (PERGUNTAS)

1

O QUE VOCÊ DIZ
QUANDO ALGUÉM
COM QUEM ESTÁ SE
RELACIONANDO PEDE
PARA FAZER FOTOS
SUAS SENSUAIS
OU SEM ROUPA,
DIZENDO QUE É SÓ
DE BRINCADEIRA?

2

O QUE VOCÊ FARIA
SE SOUBER QUE
VÍDEOS OU FOTOS
SENSUAIS DE UMA
AMIGA, AMIGO OU
CONHECIDA/O
FORAM VAZADAS
NA INTERNET?

3

VOCÊ CONHECE
ALGUÉM QUE BEIJOU
OU FICOU COM UMA
PESSOA MUITO MAIS
VELHA? TIPO UNS 10
ANOS MAIS VELHO?
O QUE ACHA VOCÊ
DISSO?

4

VOCÊ SABIA
QUE OFERECER
PRESENTE, PASSEIO
OU DINHEIRO EM
TROCA DE SEXO
É UMA SITUAÇÃO
DE EXPLORAÇÃO
SEXUAL? CONHECE
OUTRAS FORMAS DE
EXPLORAÇÃO SEXUAL?

FOLHA DE APOIO

AS CARTAS (PERGUNTAS - CONTINUAÇÃO)



5

TEM PESSOAS
QUE ACHAM
QUE QUANDO
ESTAMOS NA
INTERNET SOMOS
ANÔNIMOS
E PODEMOS FAZER
QUALQUER COISA.
O QUE VOCÊ ACHA?

6

VOCÊ SABE
O QUE SIGNIFICA
CONSENTIMENTO
PARA UMA RELAÇÃO
SEXUAL?

7

VOCÊ SABE
COMO DENUNCIAR
QUALQUER TIPO
DE VIOLÊNCIA
CONTRA CRIANÇAS
E ADOLESCENTES?

8

VOCÊ SABE
O QUE SÃO
DIREITOS SEXUAIS?
SABE DIZER SE
ADOLESCENTES
TÊM ESSES DIREITOS?
TENTE DAR
UM EXEMPLO.



FOLHA DE APOIO

AS CARTAS (PERGUNTAS – CONTINUAÇÃO)

9

ALGUMA VEZ
VOCÊ JÁ OUVIU
FALAR EM TRÁFICO
DE PESSOAS?
COMENTE.

10

O QUE VOCÊ ACHA
QUE NÃO PODE FALTAR
EM UM NAMORADO
OU NAMORADA?

11

AS MENINAS
E OS MENINOS
PRECISAM SEGUIR
REGRAS DIFERENTES
QUANDO ESTÃO UM
RELACIONAMENTO?

12

O QUE É
VIOLÊNCIA
PARA VOCÊ?



13

VOCÊ
JÁ OUVIU
FALAR EM
VIOLÊNCIA
SEXUAL?
SABE O QUE É?

14

COMO É
FALAR SOBRE
SEXUALIDADE?
QUAIS SÃO AS
PRINCIPAIS
DIFICULDADES
E FACILIDADES?

15

COMO PODEMOS
APOIAR UMA CRIANÇA
OU ADOLESCENTE QUE
RELATA ALGUM TIPO
DE VIOLÊNCIA?

16

VOCÊ ACHA
QUE É O HOMEM
QUE DEVE
PAGAR A CONTA
NA BALADA?



FOLHA DE APOIO

AS CARTAS (PERGUNTAS – CONTINUAÇÃO)

17

VOCÊ JÁ POSTOU
ALGUMA FOTO
ÍNTIMA OU SENSUAL
NA INTERNET E SE
ARREPENDEU? O QUE
VOCÊ FEZ DEPOIS
DISSO?

18

VOCÊ CONSEGUE
DAR UM EXEMPLO
DE UMA PRÁTICA DE
EXPLORAÇÃO SEXUAL
DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES?

19

VOCÊ SABE
CITAR ALGUM TIPO
DE ABUSO SEXUAL
DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES?

20

VOCÊ JÁ
OUVIU FALAR
NO ESTATUTO
DA CRIANÇA E DO
ADOLESCENTE – ECA?

FOLHA DE APOIO

PERGUNTA LIVRE



Formule uma pergunta bem interessante para ser respondida por um/a participante do jogo, mas pense no que você irá comentar em seguida também!



FOLHA DE APOIO

RESPOSTAS

- 1.** Na hora de tirar fotos deste tipo é importante prestar atenção! Estas fotos podem cair na internet, causar constrangimentos para você ou mesmo se tornar um cyberbullying, que é uma forma de violência semelhante ao bullying (agressões físicas ou verbais que acontecem de forma repetitiva), mas que ocorre na internet. É importante saber também que a culpa não é de quem tirou as fotos, mas de quem as compartilhou sem consentimento e como uma forma de se vingar.
- 2.** É importante ser solidário, apoiando suas amigas/seus amigos e procurando ajuda com a equipe da escola ou com sua família, já que essa situação pode gerar consequências muito graves. Divulgar informação correta é super importante também! Muitas vezes, tanto quem divulga essas fotos quanto a própria vítima não sabem que é crime compartilhar, guardar, publicar, vender ou enviar fotos ou vídeos de crianças e adolescentes nus, semi-nus, em poses sensuais ou de forma sexualmente reveladora.
- 3.** Se isso já aconteceu é importante você analisar se foi obrigada/o a fazer isso, se ficou intimidada/o pela diferença de idade, se este adulto tinha algum poder sobre você e se a relação era desigual de alguma forma. Pode ter ocorrido um caso de abuso ou exploração sexual. Converse sobre isso com uma pessoa adulta de sua confiança.
- 4.** Você sabia que esta troca é considerada uma forma de exploração sexual, mesmo que não envolva dinheiro? Quando pessoas adultas oferecem dinheiro, presentes ou passeios em troca de sexo (de qualquer tipo!) com crianças e adolescentes isso é considerado um crime. E tanto meninas quanto meninos são consideradas/os vítimas. Converse sobre isso com uma pessoa adulta de sua confiança.
- 5.** Não é bem assim. Sempre somos responsabilizados pelo que fazemos. Crimes que acontecem na internet são chamados crimes cibernéticos e vêm sendo cada vez mais investigados e punidos no Brasil. Além disso, vale aquela ideia: não fazer com o outro o que não gostaria que fosse feito com você! Não compartilhe fotos que exponham outras pessoas e desencoraje seus amigos ou suas amigas que têm esse tipo de ideia!

FOLHA DE APOIO

RESPOSTAS (CONTINUAÇÃO)



6. Consentir é aprovar, aceitar, permitir. A relação sexual precisa ser desejada (de verdade) por todas as partes envolvidas nela. Assim, se a pessoa diz que não quer ou se estiver bêbada ou usando qualquer substância que tire sua consciência ou tiver desistido da relação sexual (mesmo naquela hora!), o sexo não pode ser forçado. Forçar a barra é uma violência e também crime. Ah! Os meninos também têm direito de dizer não, ok? A mesma ideia de consentimento vale para aqueles beijos forçados na balada!
-
7. Ligando para o Disque 100! O Disque 100 é um programa do governo federal que recebe denúncias de desrespeito aos direitos humanos, inclusive casos de abuso ou exploração sexual de crianças ou adolescentes. O serviço funciona 24 horas por dia, nos sete dias da semana. A ligação é gratuita e anônima, mas lembre-se que toda denúncia deve ser feita com responsabilidade porque é uma forma de proteger pessoas que estão sendo desrespeitadas. Assim, pelos direitos humanos, é só ligar 100!
-
8. Os direitos sexuais são baseados nos direitos humanos, então toda pessoa, independentemente da idade, raça/cor, sexo, orientação sexual ou origem, possui direitos sexuais. Esses direitos garantem que qualquer pessoa possa viver sua vida sexual com saúde, prazer e sem discriminação. Eles incluem o direito à informação e a serviços sobre sexualidade e saúde sexual, o direito a viver a sexualidade sem medo, vergonha, culpa ou falsas crenças e viver a sexualidade com autonomia e respeito pelo corpo do/a outro/a, **sem violência de qualquer tipo**. Também significa ter direito a não ser obrigado a fazer sexo!
-
9. Esse tráfico está ligado a uma rede mundial. No caso de crianças e adolescentes, muitas são raptadas ou convencidas a ir trabalhar ou estudar fora quando, na verdade, são levadas para servir à exploração sexual. Alguns casos são disfarçados como uma boa oportunidade de trabalho no Brasil ou no exterior. Desconfie deste tipo de promessa!
-
10. Respeito, carinho, atenção, vontade de estar junto... Também é muito importante ter uma relação de igual pra igual para que os dois possam tomar juntos as decisões sobre o namoro. Cada um respeitando o tempo e o jeito do outro!



FOLHA DE APOIO

RESPOSTAS (CONTINUAÇÃO)

- 11.** Desde criança, a gente aprende que meninas devem ser de um jeito e meninos, de outro. De acordo com essas regras (que são chamadas de normas de gênero), as meninas precisam esperar pela iniciativa dos meninos, não podem usar roupas muito curtas e têm que ser controladas quando o assunto é sexo ou namoro. Já os meninos são ensinados que precisam estar no controle ou “proteger” as mulheres, podem ficar com quantas meninas quiserem e devem bancar as contas. Todas essas regras fazem com que as relações sejam muito desiguais e, às vezes, violentas. A regra para meninas e meninos deveria ser a mesma: buscar o diálogo, o cuidado e o respeito consigo mesmo e com o outro.
-
- 12.** A violência ainda é muito presente no nosso dia a dia e tem diversas formas: preconceito, xingamentos, agressões físicas ou verbais, ofender a honra ou a reputação de alguém. Não faça uso da força física ou de armas para resolver os conflitos. Uma forma importante de violência é a violência sexual, que é quando alguém usa ou força outra pessoa para ter prazer sexual.
-
- 13.** Cada pessoa deve ter liberdade de fazer suas escolhas e decidir sobre seu corpo, de forma consciente e informada. Mas há muitas formas de se relacionar que não respeitam o corpo, o tempo, a maturidade e o desejo do outro, gerando muitos tipos de violência: pressionar para ter relações, impedir o uso de preservativo ou de anticoncepcionais, tocar o corpo do outro sem a permissão dele, forçar que a pessoa assista uma relação sexual ou vídeo/fotos eróticas ou pornográficas, obrigar uma pessoa tocar o corpo da outra, forçar o sexo. Quando essas violências são praticadas contra crianças e adolescentes, elas devem saber que a culpa nunca é delas e que o autor ou autora dessa violência deve ser responsabilizada/o.
-
- 14.** Você costuma conversar sobre sexualidade com familiares, professoras/es ou outros adultos? E com seus amigos? O diálogo é sempre importante, procure uma pessoa adulta de sua confiança e converse sobre suas dúvidas, busque por orientações. Converse, não tenha vergonha de expor suas opiniões e saiba que a informação é a melhor amiga para ajudar a tomar decisões e se prevenir de violências.

FOLHA DE APOIO

RESPOSTAS (CONTINUAÇÃO)



15. Muita gente põe a culpa da situação de violência sexual na própria vítima. É importante não julgar e ouvir com atenção o que a pessoa tem a dizer. Depois, você precisa informá-la de que é importante contar o que está acontecendo para adultos de confiança para buscar a ajuda necessária.

16. Aprendemos na sociedade, na família, na escola, na televisão que há papéis de mulheres e papéis de homens. Até hoje, as pessoas acham que o homem tem que pagar as contas ou bancar a casa, mesmo sabendo que há mais e mais mulheres que fazem isso sozinhas! Qualquer relacionamento deve ser baseado na igualdade e na cumplicidade. Por isso, cabe aos dois decidir em que momento cada um paga a conta ou se devem dividir.

17. É importante atentar para os riscos envolvidos. Na internet, não há segredos: as mensagens, fotos e vídeos “correm” em grande velocidade. Para informar dados ou mensagens pessoais, publicar ou compartilhar fotos e vídeos, é preciso avaliar se é seguro e necessário. A gente também não deve expor fotos ou informações de outras pessoas contra a vontade delas porque isso pode ser considerada uma violação de direitos humanos na internet. A segurança e o respeito na internet valem muitas curtidas! A ONG Safernet possui um canal chamado de Helpline, no qual você pode tirar dúvidas sobre uso seguro da internet ou ser orientado se sofreu algum tipo de violência na rede (humilhações, ameaças, chantagem, tentativa de violência sexual). Para acessar o Helpline, veja o link: <http://new.safernet.org.br/helpline>

18. A exploração sexual é uma violência sexual contra crianças e adolescentes, mesmo que elas recebam algo em troca para ter relações sexuais. Uma forma de exploração sexual pode acontecer no turismo, quando crianças e adolescentes são utilizados para ter relações sexuais com pessoas de fora de sua cidade. Outro exemplo de exploração sexual acontece em páginas da internet ou redes sociais, com a produção e divulgação de fotos ou vídeos com crianças e adolescentes nus ou em poses sensuais.



FOLHA DE APOIO

RESPOSTAS (CONTINUAÇÃO)

19. O abuso sexual é a utilização do corpo de uma criança ou adolescente para a satisfação sexual de um adulto ou até mesmo de um outro adolescente mais velho. Pode ocorrer envolvendo violência física ou não, mas envolve a violência psicológica (ameaças, chantagens, pedidos de segredo). Pode ser cometido tanto por um homem quanto por uma mulher e faz vítimas tanto entre meninos quanto entre meninas.

20. O Estatuto da Criança e do Adolescente, mais conhecido como ECA, é a lei mais importante para a proteção dos direitos de crianças e adolescentes no Brasil. Ele trata de questões fundamentais para a garantia dos direitos, mas também das medidas educativas aplicadas quando adolescentes cometem atos infracionais, ou seja, algum delito que precisa ser reparado. O ECA fala da proteção integral de crianças e adolescentes, ou seja, seu direito à sobrevivência, ao desenvolvimento e ao direito de viver uma vida sem nenhum tipo de violência.

MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA

ATIVIDADE 1

Mapa falante: direitos
de crianças e adolescentes
na minha comunidade 167

ATIVIDADE 2

Teatro comunitário 169

ATIVIDADE 3

Criando uma
campanha comunitária 174

ATIVIDADE 4

Rádio e TV 177

A mobilização comunitária é um processo que exige muita criatividade e energia! Uma boa tarefa para as/os Jovens Mobilizadores, não é mesmo? Na mobilização, a gente aprende mais sobre uma determinada questão e sobre a força que só o coletivo pode ter para fazer mudanças. Lembra quando falamos que mobilizar é por em movimento? Por algo em movimento sozinho –, uma cidade, uma comunidade, uma escola, uma família ou um grupo de jovens – é muito mais difícil do que com ajuda de parceiras/os.

Além disso, para mudar as normas de gênero que provocam tantas desigualdades, enfrentar as violências e a exploração sexual de crianças e adolescentes é preciso mudar nossa cultura e cultura ninguém aprende ou faz sozinho. Com a mobilização comunitária e política, a gente também assume poder sobre nossa própria história.

Todas as atividades contidas nesse guia são voltadas para o trabalho de adolescentes para adolescentes, de jovens para jovens. Elas e eles costumam ser mais próximas/os de você e falar a mesma linguagem ou ter interesses parecidos. Irão participar quanto mais puderem ser ouvidas/os, repetidas/os e expressar sua criatividade. Isso facilita (e muito) o trabalho de mobilização. O desafio é falar para pessoas diferentes de você. Como fazer, então, para mobilizar outras pessoas da comunidade (ou da nossa própria família) e sensibilizar sobre o tema do enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes?

Nessa tarefa, vamos precisar expandir nossas redes: famílias, vizinhas/os, instituições religiosas, postos de saúde, escolas, clubes, Conselhos Tutelares (veja o que é um Conselho Tutelar no quadro a seguir) e outros órgãos e pessoas.

VAMOS COMEÇAR PELA NOSSA FAMÍLIA¹⁷

Ter o apoio da família tem sido apontado pelas/os jovens como muito importante para que consigam ter acesso aos seus direitos sexuais, bem como cuidar da própria saúde. Entretanto, muitas vezes, alguns temas ainda podem chocar: início da vida sexual, ter preservativos na bolsa, diversidade sexual, dormir com o namorado em casa... Assim, temos que pensar em estratégias para envolver mães, pais e outras pessoas significativas.

É preciso lembrar que muitas/os responsáveis (pais, mães, tias/tios, avós, irmãos etc.) nunca tiveram a chance de conversar sobre esses assuntos e passaram a vida inteira ouvindo que não se deve falar sexo porque pode “estimular a iniciação precoce da vida sexual”. Gente! Não tem nenhuma pesquisa que comprove essa ideia. Pelo contrário, o que as pesquisas mostram é que quanto mais uma garota ou um garoto sabe sobre sexualidade e saúde reprodutiva, a chance de se cuidar e se prevenir de doenças sexualmente transmissíveis é muito maior.

Por isso, para mobilizar familiares sobre esses temas é preciso ter argumentos que mostrem o tanto que a conversa com família é importante para a saúde de adolescentes e jovens. Lá vão dicas das/os jovens sobre como mobilizar suas famílias:

- Tente se aproximar de seus familiares, mostrando os materiais do projeto, o guia, peças de campanhas, reportagens com dados relacionados a questões de gênero e dos direitos de adolescentes e jovens, etc;
- Evite discussões;
- Peça um apoio para sua irmã, irmão ou aquela tia ou tio que você confia para chegar nos pais, mães e responsáveis;
- Organize uma conversa, uma atividade de debate ou um depoimento sobre o tema na escola com o apoio de professoras/es e convide seus familiares;

17. Extraído de PROMUNDO. *Manual do Agente M*, p. 144. Disponível em: www.promundo.org.br/recursos

- Que tal se você e suas amigas/seus amigos conversarem com a/o Agente Comunitário de Saúde e/ou o/a coordenador/a da Unidade de Saúde para preparar uma atividade com os pais, mães e responsáveis? Isso vale para a escola também;
- Alugue um filme sobre o tema que você pretende sensibilizar, chame a família e depois inicie um debate, perguntando o que acharam do filme.

Algumas dessas ideias ajudam também na mobilização de outras parcerias:

- Tente encontrar pessoas que discutam a temática do projeto de um jeito que respeite os direitos de meninas e meninos e não reproduza preconceitos em relação a meninas e mulheres nem reforce estereótipos sobre os papéis de gênero. Um/a professor/a, um/a Agente Comunitário de Saúde, uma liderança comunitária e/ou religiosa e bata um papo com ela/ele para falar de suas ideias;
- É importante diversificar nossos diálogos: seja bem criativo nas parcerias e nos convites. Chame comerciantes, mototaxistas, vendedores ambulantes e todo mundo que você conhecer para conversar sobre o assunto e assistir as atividades propostas aqui nessa seção do guia;
- Converse temas de interesse da comunidade também: como gostaríamos que a comunidade estivesse daqui a um ano e daqui a cinco anos?;
- Não se esqueça da mobilização via internet e celular. Nas redes sociais, você encontra muitos *posts* e *memes* interessantes sobre direitos de adolescentes e jovens e sobre mitos relacionados à exploração sexual de crianças e adolescentes. Curta e compartilhe essas imagens e mensagens com seus contatos;
- Algumas atividades sugeridas aqui trazem ideias para reunir as pessoas na comunidade – como o teatro comunitário. Mas nada como a conversa do dia a dia, quando o tema surge sem que a gente espere, não é? Aproveite esses momentos para passar seu recado!;
- A atividade do “Mapa falante” vai te ajudar a fazer um levantamento dos órgãos, associações, grupos e outras instituições e pessoas com quem pode ser importante você conversar. Na conversa, se apresente, fale sobre sua ideia de mobilização, seu interesse pelo tema e tudo que você aprendeu como Jovem Mobilizador e gostaria de fazer na comunidade.

Rede de Proteção de Crianças e Adolescentes

A ideia de um trabalho em rede quer fortalecer o trabalho de garantia de direitos por meio da integração das organizações para proteção e atendimento a crianças e adolescentes. Estas organizações formam a Rede de Proteção de Crianças e Adolescentes. Conheça algumas delas que têm um papel fundamental no enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes:

CONSELHO TUTELAR

É um órgão que tem a função de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente. **Recebe a comunicação dos casos de violência** contra criança e adolescente e toma as providências necessárias.

O conselho tutelar é o principal aliado nos direitos de crianças e adolescentes!

CONSELHOS DE DIREITOS

Os conselhos de direitos criam, decidem e controlam o cumprimento das políticas públicas para crianças e adolescentes. Além do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), existem os conselhos estaduais e municipais.



ESCOLAS

As escolas têm o papel de identificar os casos de violência e maus-tratos contra crianças e adolescentes e comunicar às autoridades competentes. Também devem orientar, informar e acolher crianças e adolescentes e suas famílias.

ÁREA DA SAÚDE

A área de saúde tem uma série de órgãos e serviços voltados para crianças, adolescente e sua família. Os postos de saúde e hospitais são obrigados por lei a dar prioridade no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de algum tipo de violação. Também têm que, obrigatoriamente, comunicar casos de violência ao Conselho Tutelar.

ÁREA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Assim como acontece na saúde, os órgãos de Assistência Social têm o papel de identificar violências, priorizar o atendimento de crianças

e adolescentes em situação de violência e desenvolver políticas sociais para prevenir ou reduzir situações de vulnerabilidade social. Dentro da Assistência Social dois órgãos são fundamentais:

- **CENTRO DE REFERÊNCIA ESPECIALIZADO EM ASSISTÊNCIA SOCIAL (CREAS)**

Tem como função o atendimento emergencial e acolhimento às vítimas e familiares, além de encaminhar e/ou realizar assistência psicológica, social e jurídica.

- **CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CRAS)**

É responsável pela organização e oferta de serviços da Proteção Social Básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social. Desenvolve trabalhos continuados que visam fortalecer a função protetiva das famílias.

ÁREA DA SEGURANÇA PÚBLICA

As polícias são muito importantes no enfrentamento da exploração sexual de crianças e adolescentes. A Polícia Militar, por exemplo, pode identificar locais onde acontece a exploração sexual de crianças e adolescentes em cada município, além de reprimir os autores dessa violência. A Polícia Rodoviária Federal faz a fiscalização das rodovias e estradas federais, mapeando os pontos de vulnerabilidade às violências contra crianças e adolescentes nesses locais. Também recebe denúncias de casos de exploração sexual em rodovias. As Delegacias de Proteção à Criança e ao Adolescente estão vinculadas à Polícia Civil.

PODER JUDICIÁRIO

Destacamos as Varas da Infância e Juventude. Elas aplicam penalidades nos casos de infrações contra crianças ou adolescentes e aplica as medidas necessárias nos casos encaminhados pelo Conselho Tutelar.

Também são integrantes fundamentais da Rede de Proteção:

- organizações da sociedade civil
- lideranças comunitárias
- grêmios estudantis
- mídia
- organizações religiosas
- Poder Legislativo
- empresas, etc.

A seguir, sugerimos algumas atividades que podem ser realizadas como forma de mobilizar a comunidade, mas há muitas outras ideias de coisas legais para se fazer:

- Caminhadas;
- Espalhar cartazes simples com mensagens sobre enfrentamento da exploração sexual ou sobre o Disque 100 pela comunidade;
- Exposição de fotografias;
- Criar um blog ou uma página em uma rede social;
- Sessão de filme e debate e por aí vai...

MAPA FALANTE: DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA MINHA COMUNIDADE¹⁸



OBJETIVOS:

Conhecer a comunidade e a Rede de Proteção de Crianças e Adolescentes. Identificar instituições e projetos ligados aos direitos de crianças e adolescentes.

TEMPO RECOMENDADO:

1h30min.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Canetas, cartolinas ou folhas de papel pardo, mapa, canetinhas.



18. O Mapa Falante é considerado como potente instrumento para fazer uma leitura da realidade a partir de suas múltiplas dimensões. Ao construí-lo, as/os participantes fazem uma representação coletiva de como veem a situação do território, identificando os pontos positivos e os negativos, o que facilita uma análise crítica da situação encontrada e o planejamento de ações voltadas especificamente para o espaço analisado. http://revistadepediatriasoperj.org.br/detalhe_artigo.asp?id=631



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Se preferir, você pode levar um mapa da comunidade ou do bairro para prendê-lo em alguma parede ou ainda projetá-lo utilizando um *datashow* (projetor). Você pode convidar também um/a conselheiro/a tutelar ou outra pessoa da Rede de Proteção para falar sobre direitos de crianças e adolescentes após a finalização do mapa. Leia também a introdução dessa seção para saber quais órgãos compõem a Rede de Proteção de Crianças e Adolescentes.

1
2
3

PASSO A PASSO:

- Peça ao grupo para desenhar a comunidade identificando instituições, ONGs, projetos que estão ligados aos direitos de crianças e adolescentes.
- Peça também que desenhem áreas de lazer ou outros espaços onde crianças, adolescentes e jovens costumam se reunir e que atividades realizam nestes locais.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Quais vocês acham que são os direitos de crianças e adolescentes?
- Que ações podemos desenvolver em nossa escola, comunidade, bairro para promover os direitos de crianças e adolescentes?
- Como podemos sensibilizar nossas próprias famílias para a discussão sobre direitos de crianças e adolescentes?
- Quais acham que são as dificuldades de envolver a comunidade em uma ação social pelos direitos de crianças e adolescentes? Como podemos superar essas dificuldades?
- E quais são as facilidades?
- Já ouviram falar no Estatuto da Criança e do Adolescente? E no Conselho Tutelar ou no Disque 100?



FECHAMENTO:

Nessa atividade, você pode discutir quais são os órgãos e qual o objetivo de uma rede de proteção de crianças e adolescentes.

TEATRO COMUNITÁRIO

OBJETIVO:

Engajar as/os participantes e convidadas/os da comunidade na discussão de soluções de temas que aparecem neste guia.

TEMPO RECOMENDADO:

2 horas.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Cartolinas ou papel pardo; canetas pilot ou canetinhas.

NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

Para esta atividade, as/os participantes irão dramatizar um *talk show*, um programa de entrevistas. O programa será baseado em algum problema da comunidade em que vivem. Além das personagens que irão atuar, você pode convidar um/a “especialista” sobre o tema escolhido para participar do “programa”. Esta pessoa pode ser médica/o, advogada/o, psicóloga/o ou outra “personagem”, como as que aparecem nos *talk shows*, comentando algum assunto. Também pode ser uma liderança comunitária que esteja a par dos assuntos e problemas vividos na localidade. É essencial que a pessoa convidada receba informações sobre a oficina e o objetivo do *talk show*.

PASSO A PASSO:

PARTE 1: PREPARAÇÃO PARA O TALK SHOW (1 HORA E 30 MINUTOS)

- Explique às/aos participantes que elas/es irão organizar um *talk show* para tentar discutir um problema de sua comunidade e possíveis soluções.
- Faça uma revisão das diferentes questões e temas que foram discutidos nas oficinas. Peça a um/a voluntária/o para ler em voz alta os estudos de caso da Folha de Apoio.
- Pergunte se elas/es gostariam de votar em um dos estudos de caso para ser a base do *talk show* ou se escolhem um estudo de caso de uma oficina anterior ou se gostariam de criar um outro caso. Uma



vez que o estudo de caso esteja selecionado, pergunte sobre os diferentes fatores que envolvem aquela questão e potenciais soluções. Discuta o formato do *talk show*, baseando-se em exemplos de programas que as/os participantes conhecem.

- Faça uma lista de várias/os “personagens” que deveriam aparecer no *talk show*. Por exemplo, se o grupo selecionou o estudo de caso número 1, deve fazer uma lista que inclua as seguintes personagens: Maria, José, um dos amigos de amiga, um dos amigos de José, uma outra mulher e um outro homem que já passaram por uma situação similar, uma enfermeira ou médico, um membro da família, etc. A lista deve incluir de 3 a 6 personagens. E assim para cada estudo de caso.
- Divida as/os participantes em um número de grupos igual ao número das personagens identificadas, de modo que cada grupo fique com uma personagem. Explique que deverão discutir o ponto de vista da personagem sobre o tema tratado no *talk show*, bem como sua relação com as outras personagens. Peça-lhes que pensem nas questões abaixo:
 - Como a personagem foi afetada pela questão?
 - Como a personagem se sente em relação a outro personagem do *talk show*?
 - Como a personagem pensa que a questão deveria ser resolvida?
- Dê 20 minutos para que discutam estas questões. Convide os grupos para apresentar o que discutiram. Identifique as/os participantes que vão interpretar o papel das personagens e o do/a apresentador/a do *talk show* (ver quadro *Dicas para apresentar um talk show*). O restante do grupo interpretará a plateia. Você também pode sugerir personagens secundários para fazer o papel de câmera ou produtor, etc. para quem não quiser fazer parte do programa ou se o número de participantes for grande.
- Dê 15 minutos para as/os diferentes participantes se prepararem para seu papel. Explique que o tempo recomendado para a apresentação é 20-30 minutos. As/os participantes que farão o papel de plateia deverão discutir possíveis perguntas para fazer às personagens.

Dicas para apresentar um *talk show*

- Dê as boas-vindas à plateia e faça uma breve introdução do tema do *talk show*.
- Apresente as/os "convidadas/os" (personagens) e peça para cada uma/ contar sua versão da história.
- Focalize nos pontos de desacordo e tensão entre as/os "convidadas/os".
- Envolver outras personagens (amigas/os, pessoas da família, etc.) na colocação de perguntas e opiniões sobre a situação.
- Pergunte à plateia se tem alguma pergunta.
- Envolver a/o "especialista" na discussão.
- Tente buscar algum tipo de solução, talvez com a ajuda da/o especialista.



PARTE 2: APRESENTANDO UM TALK SHOW (50 MINUTOS)

- Após a apresentação do *talk show*, você deve estimular uma discussão sobre a experiência de organizar e apresentar o *talk show* e as lições aprendidas, que podem ser utilizadas para fazer mudanças na vida pessoal e na comunidade.
- **PASSO OPCIONAL:** Engaje outros membros da comunidade a participarem do *talk show*. Isto vai requerer sessões adicionais. As/os participantes podem contar a amigas/os e famílias sobre a montagem e, em seguida, divulgar para a comunidade o tema, a data e o local da apresentação. Antes de iniciar a encenação do *talk show*, você pode explicar como o tema foi selecionado e porquê. É também importante deixar claro para a plateia que se trata de uma encenação do grupo de participantes que nunca atuaram antes. Em seguida, envolva a comunidade em uma discussão, usando as seguintes questões:
 - O que você pensa sobre as diferentes personagens?
 - Você concorda que este problema existe em sua comunidade?
 - Esta apresentação ajudou você a pensar o problema de um novo modo? Se sim, como?
 - O que você pensou sobre algumas soluções para este problema?
 - Como pessoas diferentes de sua comunidade podem contribuir para essas soluções?



FECHAMENTO:

É importante enfatizar que nem sempre esses tipos de tema são discutidos num fórum que envolve a comunidade. Por meio desse *talk show*, podemos refletir sobre um tema importante e engajar participantes e convidadas/os na procura de soluções e na troca de ideias sobre assuntos diversos. O grupo pode decidir se existem passos seguintes a serem tomados. Para apoiar a sua condução do debate sobre os temas tratados, veja as introduções das seções “Gênero” e “Prevenção de violências” (caso 1), da seção “Raça e Etnia” (caso 2) e da seção de “Prevenção de violências” (caso 3).

FOLHA DE APOIO:**CASO 1**

Maria e José têm a mesma idade, 17 anos, e estão namorando há um mês. Os dois falam em se casar algum dia. Na semana passada eles foram a uma festa juntos e acabaram fazendo sexo sem nenhuma proteção. Maria se sente culpada por não ter usado proteção e pensa que José insistiu demais até ela consentir. Ela se pergunta o que poderia ter feito diferente. José não entende por que Maria não retorna suas ligações.

CASO 2

Júlia conseguiu um emprego vendendo roupas numa loja. A sua supervisora faz comentários de que ela deve perder uns quilinhos e alisar o seu cabelo porque as clientes preferem mulheres com determinada aparência. No início, Júlia a ignorou, mas agora sua supervisora ameaça despedi-la se não o fizer. Algumas de suas amigas acham que a supervisora está certa, outras acham que não. Júlia acha que não necessita mudar sua aparência, mas está com medo de perder seu emprego.

CASO 3

Ana tem 21 anos de idade e mora numa cidade turística. No ano passado, ela conheceu um estrangeiro, banqueiro, com quem namorou durante a estadia dele no Brasil. Ela não contou sobre o namoro para sua família. Apesar de ser mais velho, ela gostava de sair com ele, especialmente as saídas para restaurantes caros e boates chiques. No fim de sua visita, ele a convenceu a acompanhá-lo a seu país de origem. Ele prometeu que seria fácil conseguir um emprego, e Ana aceitou o convite. Depois de chegar lá, ele imediatamente pegou seu passaporte e mostrou-se extremamente controlador, e às vezes, fisicamente abusivo. Ela também descobriu que ele não era banqueiro e que não tinha muito dinheiro como falava. Ana se sentiu muito isolada, sem amigos ou família e sem conhecer a língua local. Ele a pressionou para trabalhar como dançarina de uma casa de shows eróticos, o que incluía ofertas diárias para se prostituir. Um ano depois, ela conseguiu esconder parte do dinheiro que ganhava, recuperar seu passaporte e comprar uma passagem de volta ao Brasil.

ATIVIDADE 3

CRIANDO UMA CAMPANHA COMUNITÁRIA



OBJETIVO:

Despertar a capacidade de reflexão e mobilização coletiva sobre questões importantes para a comunidade.



TEMPO RECOMENDADO:

Mínimo de 6 horas (veja nas Notas para planejamento)



MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Cartolinas ou papel pardo para cartaz, lápis e canetas coloridas, tesouras, colas, revistas velhas.



NOTAS PARA PLANEJAMENTO:

O período necessário para realizar esses passos irá depender dos recursos disponíveis e pode levar semanas. É desejável que as pessoas que são o público-alvo da campanha possam participar do planejamento também. Isso gera uma campanha mais próxima, eficaz e mobiliza mais as pessoas.



PASSO A PASSO:

- Nessa atividade, vamos pensar no tema da prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes com a perspectiva de gênero.
- O primeiro passo é fazer uma avaliação de necessidades: reunir o grupo para refletir sobre comportamentos, atitudes e conhecimentos que influenciam ou produzem vulnerabilidade à exploração sexual de crianças e adolescentes. Estas informações podem ser obtidas por levantamento de pesquisas no local ou até mesmo por um grupo de debates com o público da campanha. Podem ser feitas perguntas como:
 - Como são os comportamentos de homens e mulheres em seus relacionamentos?
 - O que homens e mulheres entendem por um relacionamento com base na igualdade?
 - Quais são os principais obstáculos que enfrentam para terem relações com base no respeito?
 - Quais são as expectativas dos meninos e seus medos?
 - Como são tratadas as meninas na comunidade/ entorno?

- Quais são as expectativas, sonhos, medos das meninas?
- Que informações são necessárias para a prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes?
- Depois de levantadas essas informações, é importante focalizar, isto é, definir com mais detalhes o perfil “típico” do público que a campanha pretende alcançar. Uma técnica útil para definir as características do público é a de criar um perfil de personagem. Veja se as perguntas abaixo são pertinentes para o público com que você está trabalhando. Peça que imaginem uma ou mais pessoas com quem a campanha irá se comunicar de acordo com essas perguntas:
 - Qual seu nome?
 - Que idade tem?
 - Onde vive?
 - Trabalha?
 - Estuda?
 - Como se veste?
 - Quem são seus amigos?
 - O que faz para se divertir?
 - O que deseja ser? Quais obstáculos encontra?
 - Que tipo de música escuta?
 - Como conhece ficantes/namoradas/os?
 - Que tipos de meninas/os prefere?
 - Está ficando ou namorando com alguém? Fale sobre essa pessoa (Quem é? O que faz? Como conheceu?)
 - Como é tratado/a pela/o namorada/?
 - O que as/os amigas/os acham da relação?
 - O que as/os familiares acham da relação?
 - Como se sente na relação?
 - O que pensa da escola?
 - O que forma suas atitudes e opiniões?
 - Trabalha? O que faz no dia-a-dia?
 - Que espaços frequenta?
 - Quais são seus ídolos?
 - Como busca informações?
 - Com quem conversa sobre sexo?
 - Sofre algum tipo de violência?
 - Comete algum tipo de violência?
 - Que preconceitos tem?
 - O que gostaria de mudar no meio em que vive?
 - O que poderia fazer para mudar isso?
 - O que fazer para evitar violências?
 - Como se imagina daqui a 5 anos?

- De acordo com o perfil, vocês poderão criar estratégias e mensagens que se comuniquem com mais eficiência com o grupo. Desenvolver mensagens é o passo que geralmente requer mais tempo e criatividade. **As mensagens de campanha que forem positivas e orientadas à ação costumam ser mais atraentes e inspiradoras que aquelas que culpam as pessoas e/ou enfocam somente as consequências negativas.**
- Depois de fazer o perfil, vocês podem mapear as influências e informações que as pessoas recebem sobre o tema da exploração sexual de crianças e adolescentes. O passo seguinte é o de definir quais mídias (ex.: rádio, revistas, *outdoors*” cartazes) e canais sociais (ex.: amigas/os educadoras/es, celebridades locais) seriam mais estratégicos para alcançar o público com mensagens sobre modelos positivos, que promovem a prevenção da exploração sexual de crianças e adolescentes. Se tiver pouco dinheiro ou dinheiro nenhum para campanha, é preciso usar bastante a criatividade para alcançar as pessoas. Um passo importante é buscar parcerias que podem apoiá-la/lo, mas antes você precisa convencê-las/os sobre a necessidade da mobilização de toda/os pela garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

Dica:

A campanha deve ir além da simples oferta de informações, mas tratar de normas e percepções relacionadas a comportamentos e assim permitir uma reflexão individual e coletiva sobre o tema.





RÁDIO E TV

OBJETIVO:

Aprofundar a discussão sobre a importância da comunicação na mudança das normas rígidas de gênero e no respeito à diversidade.

TEMPO RECOMENDADO:

1h30.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Papel, lápis e fita crepe.

PASSO A PASSO:

- Divida as/os participantes em 4 grupos e explique que, agora, a proposta será a de cada grupo desenvolver uma mensagem de 30 segundos sobre a importância da comunicação nos relacionamentos.
- Cada grupo desenvolverá uma mensagem específica:
 - **GRUPO 1** – uma mensagem de 60 segundos a ser divulgada no rádio sobre o número alto de casos de violência que ocorre nos namoros.
 - **GRUPO 2** – uma mensagem de 60 segundos a ser divulgada na TV defendendo o casamento entre homossexuais.
 - **GRUPO 3** – uma mensagem de 60 segundos a ser divulgada no rádio sobre os direitos do pai adolescente.
 - **GRUPO 4** – uma mensagem de 60 segundos a ser divulgada na TV, sobre o direito de pessoas vivendo com HIV terem filhos/as.
- Apresente alguns exemplos de mensagens de campanha utilizadas por rádio e TV e explique que essas mensagens deverão ser elaboradas e apresentadas dentro do seguinte modelo:
 - **IDEIA CENTRAL** – deve estar contemplada a essência da mensagem por meio de uma frase que cause impacto.
 - **EVIDÊNCIA** – apoia a ideia central com alguns fatos.
 - **EXEMPLO** – dar uma face humana na história criando um personagem fictício que passou por aquela experiência.
- Informe que cada grupo terá 20 minutos para preparar sua mensagem e um minuto para apresentá-la. Abra para a discussão.



PERGUNTAS PARA DISCUSSÃO:

- Como foi fazer e apresentar essas mensagens? Fácil ou difícil?
- Que outras formas existem para passar mensagens sobre a igualdade entre as pessoas?
- O que aprendemos durante esta atividade? Existe algo que poderia ser aplicado em nossas próprias vidas e relacionamentos?



FECHAMENTO:

A partir da internet, a comunicação faz cada dia mais parte da vida de crianças, adolescentes e jovens. Por esta razão, algumas/uns autoras/es afirmam que, no que diz respeito às atividades educativas, é preciso investir na criatividade, motivação, escolha de conteúdos, afetividade, cooperação, participação, livre expressão, interatividade e experimentação.

PARA SABER MAIS

NA INTERNET:

ANA – Aliança Nacional de Adolescentes:

<http://anamovimento.blogspot.com.br>

Blogueiras Negras:

<http://blogueirasnegras.org>

Geledes:

www.geledes.org.br

Instituto Promundo:

www.promundo.org.br

Não me Khalo:

www.naomekahlo.com

Plan International Brasil:

<https://plan.org.br>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARA A CONSTRUÇÃO DO GUIA:

ANDI. *Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes: Guia de referência para a cobertura jornalística*. Andi, 2013.

ARRUDA, S. et al. *Agente M: promovendo saúde e equidade de gênero entre adolescentes e jovens*. Rio de Janeiro: Promundo/Astrazeneca, 2014.

BRASIL. *Cartilha do Projeto de Prevenção à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes no Turismo: Formação de multiplicadores*. Brasília, 2010.

BRASIL. *Guia Escolar: Métodos para Identificação de Sinais de Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministério da Educação. Brasília, 2004.

BRASIL. *Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual de Crianças e Adolescentes*. Brasília, 2012.

- FONSECA, Vanessa *et al.* *Pelo Fim da Exploração Sexual: O que os homens podem fazer? Manual para sensibilização de adolescentes de 10 a 14 anos.* Rio de Janeiro: Promundo, 2008.
- PROMUNDO. *Educação e Esporte para a Igualdade: Guia de Atividades do Projeto Praticando Esporte, Vencendo na Vida.* Rio de Janeiro: Promundo, 2016.
- PROMUNDO/ENGENDER HEALTH. *Envolvendo Rapazes e Homens nas Transformações das Relações de Gênero: Manual de atividades educativas.* Projecto Acquire/ Engender Health e Promundo, 2008.
- PROMUNDO. *Guia de Recursos para o Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.* Rio de Janeiro: Promundo, 2015.
- PROMUNDO. *Trabalhando com mulheres e homens jovens: manual de atividades educativas para sensibilização sobre gênero, sexualidade e saúde.* Rio de Janeiro: Promundo, 2011.
- PROMUNDO; SALUD Y GÉNERO; ECOS; INSTITUTO PAPAI. *Manual H – Trabalhando com homens jovens.* Rio de Janeiro: Promundo, 2009.
- PROMUNDO; SALUD Y GÉNERO; ECOS; INSTITUTO PAPAI; WORLD EDUCATION. *Manual M – Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde.* Rio de Janeiro: Promundo, 2008.
- SEGUNDO, M. *et al.* *Homens, Mulheres e a Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes em Quatro Cidades do Brasil: Resultado de um estudo qualitativo e quantitativo.* Rio de Janeiro: Promundo/OAK Foundation, 2012.

APOIO:



REALIZAÇÃO:

